



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE (UERN)
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS (DLV)
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO (PROPEG)
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE
NACIONAL (PROFLETRAS)

MARIA ELENI DA SILVA

CULTURA LOCAL, ENSINO DE PORTUGUÊS E ARGUMENTAÇÃO EM
DISCURSOS SOBRE A ARTE DO BARRO NAS COMUNIDADES VIEIRA E
QUILOMBOLA DO COMUM

PAU DOS FERROS
2019

MARIA ELENÍ DA SILVA

CULTURA LOCAL, ENSINO DE PORTUGUÊS E ARGUMENTAÇÃO EM DISCURSOS
SOBRE A ARTE DO BARRO NAS COMUNIDADES VIEIRA E QUILOMBOLA DO
COMUM

Dissertação apresentada ao Programa de
Mestrado Profissional em Letras, da
Universidade do Estado do Rio Grande do
Norte (UERN), como requisito parcial para
obtenção do título de Mestra em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Gilton Sampaio de Souza

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

S586c

Silva, Maria Eleni da

Cultura local, ensino de português e argumentação em discursos sobre a arte do barro nas comunidades vieira e quilombola do comum. / Maria Eleni da Silva. - Pau dos Ferros, 2019.

135p.

Orientador (a): Prof. Dr. Gilton Sampaio de Souza.

Dissertação (Mestrado em Programa de Mestrado Profissional em Letras). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Argumentação. 2. Produção Textual. 3. Loiceiras. 4. Arte do Barro. I. Souza, Gilton Sampaio de. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

MARIA ELENI DA SILVA

CULTURA LOCAL, ENSINO DE PORTUGUÊS E ARGUMENTAÇÃO EM DISCURSOS
SOBRE A ARTE DO BARRO NAS COMUNIDADES VIEIRA E QUILOMBOLA DO
COMUM

Dissertação apresentada à banca examinadora
do Programa de Mestrado Profissional em
Letras em rede nacional (PROFLETRAS), da
Universidade do Estado do Rio Grande do
Norte, como requisito parcial para obtenção do
título de Mestra em Letras.

Aprovada em: ____/____ de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gilton Sampaio de Souza (Presidente/ Orientador)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Prof^a. Dr^a. Julie Antoinette Cavignac (Examinadora Externa)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Prof^a. Dr^a. Rosângela Alves dos Santos Bernardino (Examinadora Interna)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Prof. Dr. Gilson José Rodrigues Junior (Suplente Externa)
Instituto Federal do Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte (IFRN/Pau dos Ferros)

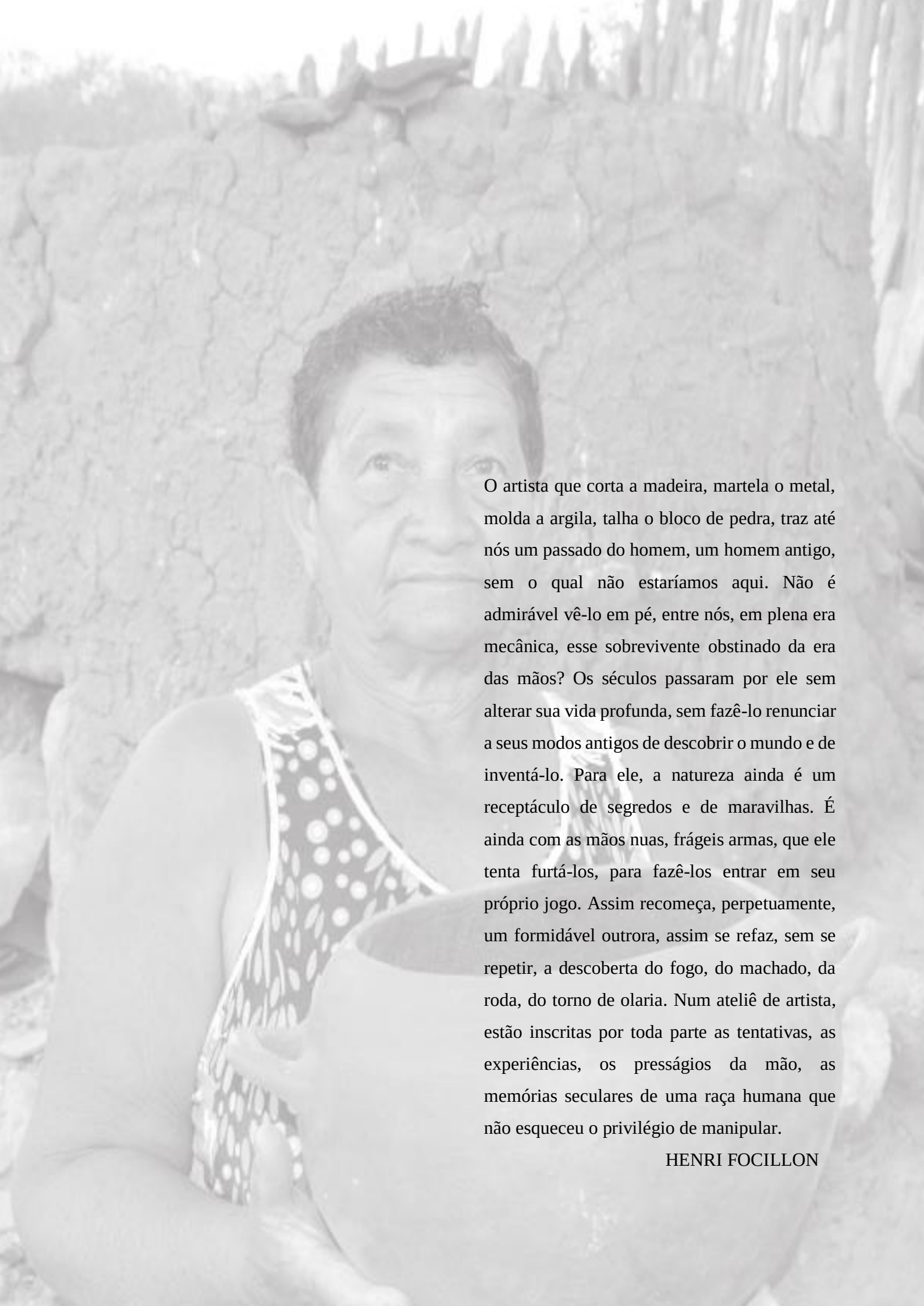
Prof^a. Dr^a. Débora Maria do Nascimento (Suplente Interna)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

A Deus, por me dar forças para continuar essa jornada, mesmo diante de alguns problemas difíceis na reta final deste trabalho.

Àquela que nunca mediu esforços para que eu pudesse frequentar a escola quando era ainda uma criança, minha mãe, Maria de Lourdes (*in memorian*).

Ao meu esposo, Allen Rick Nascimento, que esteve do meu lado, apoiando e me compreendendo nos momentos de angústia.

Ao meu filho, James Emanuel, minha maior realização pessoal e minha maior fonte de inspiração.



O artista que corta a madeira, martela o metal, molda a argila, talha o bloco de pedra, traz até nós um passado do homem, um homem antigo, sem o qual não estaríamos aqui. Não é admirável vê-lo em pé, entre nós, em plena era mecânica, esse sobrevivente obstinado da era das mãos? Os séculos passaram por ele sem alterar sua vida profunda, sem fazê-lo renunciar a seus modos antigos de descobrir o mundo e de inventá-lo. Para ele, a natureza ainda é um receptáculo de segredos e de maravilhas. É ainda com as mãos nuas, frágeis armas, que ele tenta furtá-los, para fazê-los entrar em seu próprio jogo. Assim recomeça, perpetuamente, um formidável outrora, assim se refaz, sem se repetir, a descoberta do fogo, do machado, da roda, do torno de olaria. Num ateliê de artista, estão inscritas por toda parte as tentativas, as experiências, os presságios da mão, as memórias seculares de uma raça humana que não esqueceu o privilégio de manipular.

HENRI FOCILLON

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, que me dar forças para trilhar os meus caminhos e a quem sempre recorro em todos os momentos de minha vida.

À minha mãe, a qual mesmo não estando mais comigo, aqui na Terra, foi pela força dela que consegui chegar até onde cheguei. Foi ela quem me incentivou a estudar, desde quando eu era ainda criança.

A meu esposo, que me apoia em minhas decisões e soube me compreender nas vezes que tive que me ausentar.

A meu bebê, James Emanuel, que veio para me encher de esperança e para tornar a minha vida cada vez mais feliz.

A meu pai e a meus irmãos, os quais sempre me apoiaram nos momentos em que precisei deles.

Aos meus sobrinhos, que tanto alegram a minha vida.

A meu orientador, Dr. Gilton Sampaio, o qual me recebeu em seu grupo de estudo, orientou meu trabalho, transmitiu conhecimentos e me deu a oportunidade de conhecer tantas pessoas intelectuais e legais no grupo SEMAR.

À professora Dra. Socorro Maia, que presidiu a banca de qualificação, quando meu orientador, por motivos de força maior, não pôde estar presente.

À professora Dra. Lúcia Sampaio, que sempre nos recebeu com delicadeza em sua casa, nos momentos de orientação.

Aos jovens pesquisadores do grupo SEMAR, que contribuíram significativamente na construção do meu projeto e no andamento de minha pesquisa.

Aos professores do PROFLETRAS, os quais conduziram aulas tão dinâmicas e enriquecedoras.

À Rosângela Bernardino e a Marcos Nonato, que leram o meu trabalho minuciosamente no momento da qualificação e deram contribuições significativas.

A Edneudo, secretário do PROFLETRAS, pelas vezes que gentilmente me recebeu e me atendeu quando necessitei de algo na secretaria.

À nossa turma do PROFLETRAS, pelos conhecimentos compartilhados e momentos de descontração.

Ao meu colega, Carlos, que leu minha dissertação e deu boas sugestões.

Aos Colegas Claudivânia, Elenimar e Pedro Cesário, com os quais sempre formávamos grupos e compartilhávamos experiências na apresentação de atividades no período das aulas deste mestrado.

A Paulo Soares, que leu cuidadosamente o meu texto e deu ótimas sugestões.

À Dona Raimunda, a loiceira que nos recebeu de braços abertos em sua casa e nos concedeu entrevista sobre o artesanato do barro.

À Dona Maria Célia, que também nos recebeu em sua residência e nos apresentou seu trabalho. A meus alunos da turma do nono, os quais participaram das atividades interventivas.

Ao diretor Pauliner e à coordenadora Mundinha, que sempre estiveram dispostos a me ajudar no momento da intervenção.

Aos colegas Jakeline Peixoto, Jeivan e Eliene, que cederam algumas de suas aulas para que eu pudesse desenvolver as atividades da intervenção.

Às minhas primas, Leidiane e Grazielle, pelo apoio e ajuda em ocasião das orientações em Pau dos Ferros.

À Graça (minha comadre) pelo apoio incondicional durante essa jornada e, principalmente, nessa reta final, após o nascimento de James. Obrigada por todo carinho e cuidado que tem por nós.

Ao meu primo Cosminho e sua esposa Verlângia (minha irmã de coração), os quais sempre estiveram do meu lado em todos os momentos de minha vida sempre me apoiando e incentivando em minhas conquistas.

À Joyce, por me ajudar com James nessa reta final.

À Maria José, pelo apoio e incentivo em todas as minhas conquistas.

À Norma e à Sabrina, que disponibilizaram o apartamento delas para que eu me hospedasse nos dias em que precisei ficar em Pau dos Ferros para, assim, assistir às aulas do mestrado.

À Socorro Dantas, que contribuiu com informações sobre as comunidades Vieiras e quilombola do Comum.

À Marília Oliveira, funcionária da EMATER, a qual me levou para visitar a comunidade quilombola do Comum e intermediou a conversa com os membros da comunidade.

À professora Raimunda Augusta (D. Neuza), pelo seu valioso depoimento sobre a formação da comunidade do Comum.

Aos membros da comunidade, que contribuíram com informações valiosas sobre o contexto socioeconômico do lugar onde vivem.

Agradeço a todos os familiares e amigos que torceram por mim e me incentivaram a seguir no meu propósito.

Enfim, agradeço a todos os meus amigos que de algum modo contribuíram para a concretização desse sonho.

RESUMO

Objetivamos, neste trabalho, analisar processos argumentativos, com ênfase em teses, valores, hierarquias e recursos de presença no discurso de uma loiceira chamada de D. Raimunda. Essa análise também estará voltada para relatos históricos produzidos por alunos do 9º ano sobre o fazer artesanal das “loiceiras” da comunidade Vieiras e comunidade quilombola do Comum, na serra de São Miguel-RN, buscando, assim, destacar o valor que essa cultura representa para o aluno, bem como na contribuição para o ensino de Língua Portuguesa. Para tanto, elaboramos alguns objetivos específicos, dentre esses, pretendemos interpretar as teses defendidas no discurso de D. Raimunda e nas produções textuais dos alunos sobre o fazer artesanal das loiceiras da comunidade Vieiras e da comunidade quilombola do Comum. Em seguida, buscaremos identificar e analisar os valores e suas hierarquias presentes no discurso da loiceira supracitada, mas também nos textos produzidos pelos alunos na defesa de teses. Depois, iremos analisar os recursos de presença no discurso de D. Raimunda e nas produções textuais dos estudantes. Por último, buscaremos valorizar a cultura local e suas contribuições para as atividades de produção textual no ensino de Língua Portuguesa. Para o embasamento teórico do nosso trabalho, recorreremos aos estudos da argumentação, mais precisamente na Nova Retórica de Perelman e Olbrechts -Tyteca (2005), Abreu (2001), Reboul (2004), Souza (2003), entre outros. No tocante às teorias acerca dos gêneros discursivos/textuais, ensino de Língua Portuguesa e cultura local, fundamentamos nossa pesquisa em Bakhtin (2003), Marcuschi (2002), Geraldi (1997), Freire (1979, 1996), e outros. Para a constituição do nosso corpus de análise, realizamos uma intervenção em sala de aula com atividades de produção textual. Dentre as produções realizadas, escolhemos 13 textos para analisarmos as categorias argumentativas supracitadas. Como resultado desta pesquisa, pudemos perceber que os alunos conseguem expor seus pontos de vista acerca da temática abordada e recorrem a processos argumentativos para defenderem suas teses. Nesse sentido, podemos dizer que esta pesquisa tem relevância, tanto para o ensino de Língua Portuguesa, mais especificamente nas atividades de produção textual, quanto para a ampliação dos estudos da argumentação em sala de aula.

Palavras-chave: Argumentação. Produção Textual. Loiceiras. Arte do Barro.

ABSTRACT

The objective of this master dissertation is to analyze argumentative processes, that is, theses, values, hierarchies and presence resources in the discourse of a potter called Mrs. Raimunda. This analysis will also be focused on historical reports produced by 9th grade students about the artisan work by potters from Vieiras community and from the quilombola community of Comum, in the city of São Miguel-RN, thus seeking to highlight the value that this culture represents for the student as well as the contribution to the Portuguese teaching. To do so, we elaborated some specific objectives, among these, we intend to interpret the theses defended in Mrs. Raimunda's speech and in the students' textual productions about the artisan work by potters from Vieiras community and from quilombola community of Comum. Next, we will seek to identify and analyze the values and their hierarchies present in the speech of the aforementioned potter, but also in the texts produced by the students in defense of theses. Then we will analyze the presence resources in Mrs. Raimunda's speech and in the students' textual productions. Finally, we will seek to value the local culture and its contributions to the activities of textual production in the Portuguese teaching. For the theoretical basis of our work, we resort to the studies of argumentation, more precisely in the New Rhetoric by Perelman and Olbrechts-Tyteca (2005), Abreu (2001), Reboul (2004), Souza (2003), among others. Regarding the theories about discursive / textual genres, Portuguese language teaching and local culture, we base our research on Bakhtin (2003), Marcuschi (2002), Geraldi (1997), Freire (1979, 1996), and others. For the constitution of our corpus of analysis, we performed a classroom intervention with textual production activities. Among the productions developed, we chose 13 texts to analyze the above mentioned argumentative categories. As a result of this research, we could see that students are able to express their points of view about the theme and use argumentative processes to defend their theses. In this sense, we can say that this research has relevance, both for the teaching of Portuguese Language, more specifically in the activities of textual production, and for the expansion of the studies of argumentation in the classroom.

Keywords: Argumentation. Text production. Potters. Art of clay.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1: Assistindo documentário sobre a arte do barro	130
Foto 2: Roda de conversa de experiências sobre a arte do barro	130
Foto 3: Primeira versão da produção textual	131
Foto 4: Alguns objetos decorativos feitos por D. maria Célia	131
Foto 5: Objetos em fase de construção feitos por D. Raimunda	131
Foto 6: Forno utilizado para queima das loiças	131
Foto 7: Professor Dr. Gilton Sampaio	131
Foto 8: D. Raimunda (loiceira da Comunidade Quilombola do Comum).....	131
Foto 9: Baobá (árvore símbolo da resistência africana).....	131

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Oficinas desenvolvidas na intervenção	69
Tabela 2 - Teses, valores, hierarquias e recursos de presença no discurso de D. Raimunda ...	77
Tabela 3 - Teses defendidas nos textos dos alunos	78
Tabela 4 - Principais valores e hierarquias nos textos dos alunos	80
Tabela 5 - Principais recursos de presença nos textos dos alunos	95

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AP	Amapá
CAMEAM	Campos Avançados Maria Elisa de Albuquerque Maia
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EMATER	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
LA	Linguística Aplicada
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PROFLETRAS	Programa de Mestrado Profissional em Letras
PPP	Projeto Político Pedagógico
RN	Rio Grande do Norte
SEEC	Secretaria de Educação do Estado e da Cultura
TA	Tratado da Argumentação
UERN	Universidade Estadual do Rio Grande do Norte
UFC	Universidade Federal do Ceará

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
1.1	A PESQUISA EM FOCO: DELIMITAÇÃO DO TEMA E PROBLEMATIZAÇÃO ..	16
1.2	JUSTIFICATIVA	17
1.3	O QUE SE PRETENDE ESTUDAR COM ESTA PESQUISA	20
1.4	ESTADO DA ARTE	21
1.5	ORGANIZAÇÃO DA PESQUISA: PARTES ESTRUTURAIS	23
2	APORTE TEÓRICO: A ARGUMENTAÇÃO NA PERSPECTIVA DA NOVA RETÓRICA.....	25
2.1	DA RETÓRICA CLÁSSICA À NOVA RETÓRICA.....	25
2.2	AS TESES	29
2.3	O ACORDO PRÉVIO.....	31
2.4	OS VALORES E SUAS HIERARQUIAS	33
2.5	OS RECURSOS DE PRESENÇA.....	35
3	GÊNEROS DISCURSIVOS/TEXTUAIS, PRODUÇÃO TEXTUAL E CULTURA POPULAR ALIADOS AO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	37
3.1	GÊNEROS DISCURSIVOS/TEXTUAIS: UMA REFLEXÃO CONCEITUAL	37
3.2	O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E PRODUÇÃO TEXTUAL NO ENSINO FUNDAMENTAL	39
3.3	ARGUMENTAÇÃO EM GÊNEROS DISCURSIVOS/TEXTUAIS E EM TIPOLOGIAS TEXTUAIS DIVERSAS	41
3.4	CULTURA LOCAL NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	44
3.5	CONCEITUANDO O GÊNERO RELATO.....	46
4	METODOLOGIA DA PESQUISA: DA INTERVENÇÃO À CONSTITUIÇÃO DO CORPUS	48
4.1	CARACTERIZAÇÃO, MÉTODOS E PROCEDIMENTOS DA PESQUISA	48
4.2	CONTEXTO DA PESQUISA: A ESCOLA, A TURMA E OS PARTICIPANTES ...	52
4.3	CONSIDERAÇÕES SOBRE O ARTESANATO DO BARRO	55
4.4	CONTEXTO HISTÓRICO, SOCIAL E CULTURAL DAS LOICEIRAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA COMUM E COMUNIDADE DOS VIEIRAS	57
4.5	UMA REFLEXÃO SOBRE A HISTÓRIA DOS NEGROS E DA FORMAÇÃO DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS.....	61
4.6	MEMÓRIAS COLETIVAS E AS MEMÓRIAS DAS “LOICEIRAS” DAS COMUNIDADES COMUM E VIEIRA	64
4.7	INTERVENÇÃO E CONSTITUIÇÃO DO CORPUS.....	65

5	ANÁLISE DOS PROCESSOS ARGUMENTATIVOS EM RELATOS HISTÓRICOS DOS ALUNOS SOBRE AS LOIÇAS DE BARRO	72
5.1	TESE, HIERARQUIA DE VALORES, E RECURSOS DE PRESENÇA NA FALA DE D. RAIMUNDA.....	73
5.2	TESE, HIERARQUIA DE VALORES, E RECURSOS DE PRESENÇANOS DISCURSOS SOBRE A ARTE DO BARRO.....	78
5.2.1	Análise das teses, valores hierarquizados e recursos de presença no discurso de Dona Raimunda	78
5.2.1	Análise das teses nas produções textuais dos alunos	78
5.2.2	Análise dos valores e hierarquias nas produções textuais dos alunos	80
5.2.3	Análise dos recursos de presença nas produções textuais dos alunos.....	95
	CONCLUSÃO.....	103
	REFERÊNCIAS.....	107
	APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DA CONVERSA COM DONA RAIMUNDA NONATA DA SILVA	111
	APÊNDICE B - TRANSCRIÇÃO DOS TEXTOS DOS ALUNOS DO 9º ANO	117
	APÊNDICE C - IMAGENS DE ALGUNS MOMENTOS DA INTERVENÇÃO	130

1 INTRODUÇÃO

Buscamos, neste capítulo, situar o nosso leitor sobre a que se destina nossa pesquisa. Assim, reservamos este espaço para delimitar o nosso tema e a problematização que nos motivou a realizar esse estudo. Neste espaço, o leitor encontrará também as questões de pesquisa, as quais nos levou a elaborar os nossos objetivos, geral e específicos. É também neste capítulo introdutório que daremos as justificativas plausíveis para a execução do nosso projeto de pesquisa e, ainda, além de apresentar o referencial teórico que norteou este trabalho, mostraremos alguns estudos que de algum modo estão relacionados ao nosso.

1.1 A PESQUISA EM FOCO: DELIMITAÇÃO DO TEMA E PROBLEMATIZAÇÃO

Os Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental/ Língua Portuguesa apontam como um dos objetivos fazer com que o aluno seja capaz de “[...] posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas.” (BRASIL, 1998, p. 7). Por essa razão, orientam um ensino pautado na leitura e produção dos mais diversificados gêneros textuais, orais e escritos, uma vez que esses gêneros são formas representativas na interação comunicativa das diferentes esferas sociais.

Entretanto, conduzir atividades de produção textual em sala de aula tem se tornado uma tarefa árdua, principalmente pelo fato de os alunos não conseguirem atribuir significação aos temas que são propostos. Muitas vezes, os temas abordados, sobretudo pelo livro didático, para a produção textual, são distantes da realidade dos alunos, o que, de certo modo, não os estimulam a produzir o texto. E, além dessas atividades de produção de texto serem desvinculadas do contexto social dos alunos, não atendem à propósitos comunicativos definidos, o que faz com que eles produzam textos simplesmente para obterem uma nota avaliativa e não como uma interação por meio da linguagem escrita, ou seja, com uma finalidade comunicativa. Geraldi (1997), há alguns anos, em suas pesquisas, já se preocupava com esse ‘martírio’ enfrentado tanto por alunos quanto por professores.

O autor afirma que “[...] é preciso lembrar que a produção de textos na escola foge totalmente ao sentido de uso da língua: os alunos escrevem para o professor (único leitor, quando lê os textos). A situação de emprego da língua é, pois, artificial.” (p. 64).

Nesse sentido, cabe ao professor propiciar atividades de produção textual que levem o aluno a desenvolver suas habilidades de escrita, não de uma forma mecânica, mas de uma

forma interativa e questionadora, em que ele possa se posicionar criticamente acerca dos temas que circundam sua realidade.

Partindo dessa problemática, propomo-nos, nesta pesquisa, realizar um trabalho de intervenção nas aulas de Língua Portuguesa, em uma turma de 9º ano, em uma escola situada em São Miguel, no Rio Grande do Norte. Nossa intervenção propõe atividades de produção textual com temas que façam parte do contexto local do aluno, para que este possa se apropriar de conhecimentos que fazem parte da história do seu próprio município e, assim, tornar o ensino-aprendizagem mais significativo. Nessa perspectiva, levaremos os nossos alunos a conhecer o trabalho e a história das loiceiras das comunidades Vieiras e quilombola do Comum e, a partir dessas histórias, produzirem textos do gênero relato histórico. Nos textos produzidos pelos alunos, teremos como foco a análise das teses defendidas, os valores, suas hierarquias e os recursos de presença utilizados por eles para sustentarem seus discursos.

1.2 JUSTIFICATIVA

O nosso interesse em realizar essa pesquisa se deu, inicialmente, pelo fato de que a pesquisadora é docente na instituição de ensino, ou seja, na Escola Estadual Padre Cosme, onde foi desenvolvida esta pesquisa e, portanto, conhece com propriedade as dificuldades apresentadas pelos alunos no ensino de Língua Portuguesa, sobretudo, no que diz respeito às atividades de produção textual.

Constantemente nos deparamos com situações em que os alunos se mostram desestimulados quando propomos temas para produções de textos. Muitas vezes, eles fazem a atividade como mera obrigação, simplesmente para a obtenção de uma nota, e se o professor não atribuir nota, a maior parte deles nem sequer faz o texto proposto. Por outro lado, em alguns casos, até mesmo atribuindo nota, parte dos alunos se recusa a escrever. A resistência à escrita pelos alunos acontece até nos instrumentais avaliativos, quando estes são constituídos de questões subjetivas, as quais quase sempre são deixadas em branco por alguns estudantes. E os motivos são diversos, falta de domínio do conteúdo abordado, falta de prática da escrita e/ou por não dominarem a linguagem escrita. O fato é que “escrever”, nas atividades propostas pelo professor de português, tem sido, historicamente, alvo de grandes polêmicas.

Diante dessas inquietações, as quais nos atormentam diariamente em nosso contexto escolar, é que nos propomos a pesquisar uma forma de melhorar nossas estratégias de trabalho com a produção textual, em prol de instigar o interesse do nosso discente. Nesse sentido, buscaremos levá-lo a conhecer histórias que fazem parte do seu contexto social e cultural, para

que, dessa maneira, ele possa se sentir parte constituinte dessa realidade e, assim, tornar suas produções textuais mais significativas. Nessa abordagem, os alunos não só produzirão textos simplesmente por produzir, mas passarão a ver, na produção de seus textos, uma oportunidade de escrever sobre algo concreto e expor suas opiniões acerca das vivências de outras pessoas, formular teses e sustentá-las por meio de argumentos.

Acreditamos que produzir textos a partir de um assunto que faz parte da realidade dos alunos é muito mais relevante, pois eles passam a perceber o tema proposto como algo real e concreto, e não mais de uma forma distanciada e abstrata, como são propostos alguns temas pelos livros didáticos.

Nesse sentido, trazer as histórias das loiceiras das comunidades Vieiras e quilombola do Comum para a sala de aula, é justificável porque além de fazer parte do contexto sociocultural do estudante, é um tema interessante, que pode despertar e estimular o gosto e o seu interesse, levando-o a escrever com mais prazer e com mais sentido. Além disso, é uma ótima oportunidade de promovermos o resgate e a valorização da cultura local. Vale salientar que a turma com a qual pretendemos trabalhar é constituída, por parte, de alunos advindos das comunidades mencionadas e que, portanto, têm alguma familiaridade com a temática, ainda que de forma indireta. E, na mesma linha de raciocínio, para que trabalhar a argumentação no Ensino Fundamental e em relatos históricos?

Esse outro aspecto da temática se justifica porque a argumentação está presente em todos os enunciados da comunicação humana, independentemente da sequência textual. Cotidianamente, os falantes, em suas atividades comunicativas, ainda que de forma involuntária, fazem uso da argumentação. Deparamo-nos, com frequência, com situações em que somos levados a opinar e sustentar nossas opiniões por meio de argumentos. Para Souza, Bessa e Silva (2013, p. 432), “[...] argumentar faz parte da nossa própria existência e é preciso aperfeiçoá-la ao longo do nosso crescimento, pois não faz sentido usar argumentos infantis na fase adulta”. O que nos permite refletir que devemos trabalhar a argumentação ao longo do Ensino Fundamental, adequando o nível de argumentação coerentemente à idade e à fase de aprendizagem da língua.

De acordo com Adam (2011, p. 122), “[...] todo enunciado possui um valor argumentativo, mesmo uma simples descrição desprovida de conectores argumentativos”. Por essa razão, nós, professores de Língua Portuguesa, devemos instigar o nosso aluno a praticar essa tipologia textual em suas produções de texto, contudo que estejam vinculadas também a outras tipologias textuais, e não de modo isolado, como propõem alguns manuais didáticos, os quais geralmente direcionam o trabalho com textos argumentativos a tipologias dissertativas.

Quanto ao gênero escolhido, o relato histórico, este se justifica por se tratar de um relato de acontecimentos, de fazeres artísticos de pessoas de determinadas comunidades que, ainda que não estejam intimamente ligados à fatos da história propriamente dita, fazem parte da história de um povo, sobretudo em determinado contexto social, histórico e cultural.

Outra questão que justifica essa pesquisa é o fato de sermos discentes do Programa de Mestrado Profissional em Letras em rede nacional (PROFLETRAS), curso que tem como finalidade principal qualificar profissionais para atuarem no Ensino Fundamental e, sendo assim, diante da problemática acima mencionada, nós, enquanto professores-pesquisadores, devemos propor um projeto de pesquisa de intervenção, o qual possa melhorar as estratégias de ensino e conseqüentemente a qualidade da Educação Básica, na modalidade denominada de Ensino Fundamental.

Acreditamos que o trabalho realizado nesta pesquisa será importante para o ensino de Língua Portuguesa, visto que ele irá intervir em um problema que vem inquietando há muito tempo todos nós, profissionais dessa área de ensino. Por outro lado, também pelo fato de contribuir para que outros docentes possam reaplicar o resultado desse trabalho em suas aulas, assim como tantas outras pesquisas que já foram realizadas e que nos serviram de base para iniciarmos a nossa.

Vale ressaltarmos que a resistência à escrita, como bem têm mostrado as pesquisas já realizadas nessa área, não é um problema exclusivo de uma determinada instituição de ensino, tampouco de uma cidade ou de um estado em particular, mas um problema que é recorrente em várias unidades de ensino, independentemente de sua posição geográfica.

1.3 O QUE SE PRETENDE ESTUDAR COM ESTA PESQUISA

Diante da problemática apresentada em relação à resistência dos alunos de Ensino Fundamental à escrita, e considerando que a produção de texto é uma habilidade que deve ser desenvolvida desde sua fase inicial dos estudos, esperamos, com esta pesquisa, despertar nos estudantes posicionamentos críticos. Essa criticidade deve ser praticada dentro e fora da escola e, para tanto, entendemos que uma das formas de se fazer isso é por meio da argumentação. Por isso, neste tópico iremos tratar dos seguintes questionamentos:

- ✓ Que processos argumentativos os alunos utilizam em suas produções textuais do gênero relato histórico, no caso específico, sobre o fazer artesanal das loiceiras da comunidade quilombola do Comum e da comunidade dos Vieiras, de modo a destacar o valor da cultura local e sua contribuição para o ensino de Língua Portuguesa?
- ✓ Que sentidos são produzidos pelos alunos em suas produções de texto sobre a valorização do saber artesanal das loiceiras no ensino de Língua Portuguesa?

Assim, temos como objetivo geral:

- ✓ Analisar os processos argumentativos (teses, valores, hierarquias e recursos de presença) no discurso da loiceira D. Raimunda e em relatos históricos produzidos por alunos do 9º ano sobre o fazer artesanal das loiceiras da comunidade Vieiras e comunidade quilombola do Comum, na serra de São Miguel-RN, buscando destacar o valor que essa cultura representa para o aluno e sua contribuição para o ensino de Língua Portuguesa.

Partindo do nosso objetivo geral, formulamos os seguintes objetivos específicos:

- ✓ Interpretar as teses defendidas no discurso de D. Raimunda e nas produções textuais dos alunos sobre o fazer artesanal das loiceiras da comunidade Vieiras e da comunidade quilombola do Comum;
- ✓ Identificar e analisar os valores e suas hierarquias presentes no discurso de D. Raimunda e nos textos produzidos pelos alunos para a defesa de suas teses;
- ✓ Analisar os recursos de presença no discurso de D. Raimunda e nas produções de textos dos alunos;

- ✓ Valorizar a cultura local e suas contribuições para as atividades de produção textual no ensino de Língua Portuguesa.

1.4 ESTADO DA ARTE

As pesquisas iniciadas na segunda metade do século XX sobre a nova retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) têm servido de aporte teórico para o desenvolvimento de várias pesquisas na área da argumentação. Muitos estudiosos têm enveredado pela temática da argumentação, sobretudo, com enfoque nos gêneros do discurso. Inicialmente, esses estudos acerca da argumentação tinham enfoque mais acentuado em discursos jurídicos ou em gêneros midiáticos, como os jornalísticos e os publicitários, porém nos últimos anos a temática da argumentação, voltada para o ensino, em especial o de Língua Portuguesa, tem interessado bastante a alguns pesquisadores, não somente em gêneros opinativos, como assim são classificados, mas nos diversos gêneros que fazem parte do universo comunicativo dos sujeitos nas interações discursivas.

Com relação ao Ensino Fundamental e Médio, podemos elencar alguns trabalhos que abordam a temática da argumentação, como, por exemplo, a pesquisa de Xavier (2013), intitulada: *Introdução da argumentação no Ensino Fundamental por meio de textos publicitários*. Esse estudo procura mostrar a relevância de se trabalhar a argumentação desde as séries iniciais, em produções textuais dos alunos de 5º ano, em gêneros textuais publicitários. Nesse sentido, afirmamos que a melhor forma de incentivar os alunos a praticarem a argumentação é partindo de situações comunicativas que fazem parte de suas práticas reais de uso da linguagem.

Na pesquisa de Soares (2015), temos os *Processos argumentativos em artigo de opinião da Olimpíada de Língua de Portuguesa*, a qual objetiva analisar os tipos de argumentos nos processos argumentativos centrais, no caso, em artigos de opiniões de alunos premiados. Essas produções focaram no Ensino Médio, nos anos de 2008, 2010 e 2012. Há também, como referência argumentativa, a pesquisa de Sousa (2017), ou seja, *A argumentação no Ensino de Língua Portuguesa: da produção à análise de artigo de opinião sobre o “Caso Francisca do Socorro” em Milagres/Ce*. Essa pesquisa analisa os processos argumentativos em textos produzidos por alunos de Ensino Médio, buscando aliar a temática da argumentação à cultura local dos alunos.

Encontramos ainda trabalhos que dialogam com mais proximidade com a nossa pesquisa, como o de Queiroz (2015), *Argumentação em memórias literárias da Olimpíada de*

Língua Portuguesa, no qual são analisados os processos argumentativos em textos do gênero memórias literárias, com alunos de 7º e 8º anos, de diferentes escolas. Essa pesquisa se aproxima da nossa por abordar a temática da argumentação e por ter como *corpus* de análise textos da sequência textual narrativa.

Também dialoga com a nossa pesquisa, tanto no que diz respeito à sequência textual como às temáticas, a pesquisa de Lopes (2015), intitulada de: *Narrativas andantes da passagem da “coluna prestes” pelo município de São Miguel/RN: contexto sociocultural e argumentação no ensino de língua portuguesa*, e a de Dantas (2015), *Cultura popular e argumentação sobre a lenda da pedra da moça no município de São Miguel/RN: das memórias de um contador às produções textuais em sala de aula*. Ambos os trabalhos abordam a temática da argumentação aliada à cultura local e ao contexto histórico dos alunos e, ainda, analisam os processos argumentativos em textos narrativos produzidos por alunos de Ensino Fundamental.

Todos esses trabalhos são relevantes, tanto para a contribuição do ensino de Língua Portuguesa, sobretudo no que se refere às atividades de produção textual, quanto para servirem de referências para outros estudos que virão depois destes. Visto que, cada novo trabalho realizado parte sempre de uma ideia já posta por outros pesquisadores, contudo carrega sempre um ‘novo olhar’ para o tema.

No que diz respeito ao tema da cultura local e, mais especificamente, ao trabalho com o artesanato do barro, encontramos pesquisas que, embora não estejam diretamente ligadas ao ensino, aproximam-se de algum modo do nosso estudo, pois vão tratar da importância dessa cultura que se fez e ainda se faz presente na vida de muitas pessoas, nas diversas comunidades espalhadas pelo Brasil e, sobretudo, no Nordeste brasileiro.

Como, por exemplo, temos a tese de doutorado de Mendes (2009), a qual tem como título: *“A louça de Barro de Córrego de Areia: tradição, saberes e itinerários”*, e foi apresentada à Universidade Federal do Ceará (UFC). Nessa linha de raciocínio, temos a tese de Álvares (2015), *“Maragogipinho – As vozes do barro: práxis educativa em culturas populares”*, tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade em Educação da Universidade de São Paulo.

Para maior embasamento, também temos a dissertação de mestrado de Amaral (2012), intitulada: *“Loiça de Barro do Agreste: um estudo etnoarqueológico de cerâmica histórica pernambucana”*. Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo; e a de Silvani (2012), que tem como título: *“O valor da cultura: um estudo de caso sobre a inserção da louça do Maruanum/AP no mercado e sua relação com a preservação do patrimônio*

cultural”. Dissertação apresentada ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Rio de Janeiro. Esses trabalhos têm um olhar voltado para a valorização da cultura local, buscando mostrar seu valor não só pelo aspecto comercial, mas também pelo seu caráter artístico.

Dessa forma, todos esses trabalhos serão de grande contribuição para a nossa pesquisa, uma vez que iremos enveredar por caminhos semelhantes aos trilhados por eles. Assim, além de consultá-los, teremos como aporte teórico principal os estudos sobre a nova retórica, desenvolvida por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005); Reboul (2004); Abreu (2009), Souza (2003), dentre outros.

Como nosso trabalho trata do ensino de Língua Portuguesa, especialmente sobre as atividades de produção textual, e sabendo que o processo de ensino procede da perspectiva da inserção dos gêneros dos discursos nas nossas práticas de ensino, não podemos deixar de refletir sobre o que dizem as teorias acerca dos gêneros dos discursos, sua funcionalidade e aplicabilidade ao ensino de Língua Portuguesa. Sendo assim, buscaremos bases nos estudos sobre o interacionismo da linguagem em Bakhtin (2003); nas reflexões sobre a Linguística Textual realizadas por Marcuschi (2002); Adam (2011); Antunes (2010); Garaldi (1997); entre outros. Buscaremos referência teórica também em estudos realizados acerca do ensino de Língua Portuguesa, como os de Oliveira (2010); Possenti (1997); e outros. Tomamos emprestado também, enquanto referência, os documentos nacionais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental/ Língua Portuguesa (BRASIL, 1998) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 2005). Como o nosso trabalho enfoca a questão da cultura e o contexto social, apelaremos às reflexões feitas por Freire (1979, 1987, 1996).

1.5 ORGANIZAÇÃO DA PESQUISA: PARTES ESTRUTURAIS

O nosso trabalho, para efeito de organização, constitui-se das seguintes partes:

Capítulo I, denominado de ‘Introdução’, tem o objetivo de situar o leitor, informando-o sobre a problemática que nos levou à investigação, o que pretendemos responder ao longo do nosso estudo, as justificativas, relevâncias e contribuições da nossa pesquisa. Apresentamos também alguns trabalhos que já foram realizados sobre a temática abordada. Mencionamos teóricos e estudiosos que serviram de fundamentação teórica para esta empreitada.

No capítulo II, denominado ‘Aporte teórico: a argumentação na perspectiva da nova retórica’, traçaremos uma reflexão acerca dos pressupostos teóricos sobre a argumentação, evidenciando alguns aspectos, como, por exemplo, as teses, os valores e as hierarquias e os recursos de presença.

No capítulo III, intitulado de: ‘Gêneros do discurso, produção textual e cultura popular aliados ao ensino de Língua Portuguesa’, buscaremos refletir sobre o ensino de Língua Portuguesa e as atividades de produção de texto no Ensino Fundamental. Discutiremos sobre a argumentação no ensino nos gêneros discursivos e tipologias textuais diversas e, assim, refletiremos sobre as contribuições da cultura para o ensino de português.

No capítulo IV, denominado de ‘Metodologia da pesquisa: da intervenção à constituição do *corpus*’, descreveremos todo o processo metodológico da pesquisa, como a caracterização, os métodos de abordagem, o universo e o contexto da pesquisa. Traçaremos ainda um panorama do perfil dos participantes e, grosso modo, descreveremos o passo a passo da nossa intervenção, a fim de deixar claro todo o procedimento do nosso trabalho.

No capítulo V, chamado de ‘Análise dos processos argumentativos nos relatos históricos produzidos pelos alunos sobre as loiças de barro’, apresentaremos a análise dos processos argumentativos presentes nos textos produzidos pelos alunos sobre as loiças, como também a identificação e interpretação das teses por eles apresentadas, bem como de outros processos da argumentação utilizados para sustentar, reforçar seus posicionamentos e chegar ao convencimento e à persuasão do auditório.

O capítulo VI, denominado ‘Conclusão’, constitui-se das considerações gerais sobre a pesquisa, com o intuito de apresentar ao público-leitor os resultados finais do trabalho, bem como mostrar a relevância e contribuições que o mesmo apresenta para o ensino de Língua Portuguesa, e também para trabalhos posteriores, referentes à temática que abordamos.

Em seguida, apresentamos as referências teóricas que utilizamos para fundamentar nossas reflexões e as discussões feitas em torno do ensino de Língua Portuguesa. Em relação aos anexos, vemos estes como documentos necessários para comprovação das atividades realizadas, como, no caso, listas de textos produzidos pelos alunos, listas de fotos e termo de autorização assinados pelos participantes.

2 APORTE TEÓRICO: A ARGUMENTAÇÃO NA PERSPECTIVA DA NOVA RETÓRICA

Neste capítulo, faremos uma discussão sobre os estudos da argumentação, tendo como fundamento teórico principal os estudos da nova retórica, isto é, estudos desenvolvidos por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005). Assim, faremos uma breve reflexão sobre a argumentação, desde sua origem até a nova retórica, priorizando alguns pontos como as teses, os valores e as hierarquias e os recursos de presença. Vale salientar que priorizamos esses pontos pelo fato de eles compreenderem as categorias de análises do nosso trabalho.

2.1 DA RETÓRICA CLÁSSICA À NOVA RETÓRICA

Não podemos falar em nova retórica sem fazermos algumas considerações sobre o que já existia acerca desse assunto, ou seja, anterior aos estudos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005). De acordo com Reboul (2004), a retórica é anterior a sua própria história, pois na percepção do autor não se pode conceber que o homem não tenha feito uso da linguagem para persuadir, porém ele admite que a retórica é uma invenção grega e que, embora tenha sofrido algumas transformações ao longo de sua evolução e enriquecido o seu sistema, de algum modo, ainda assim, quando se fala de retórica é à retórica dos gregos a que se faz referência.

Conforme o autor, a retórica surgiu na Sicília grega, por volta de 465 a. C., e logo foi adotada por Atenas, devido aos estreitos laços que esta mantinha com a Sicília. Segundo o teórico supracitado, nessa época a retórica não tinha nenhum fim literário ou filosófico; ela assumia uma função judiciária, uma vez que era utilizada por litigantes em defesa de suas causas, pois ainda não existiam advogados. Para que isso fosse possível, Córax e seu discípulo publicaram uma coletânea de preceitos que era utilizada por pessoas que precisavam recorrer à justiça. Nesse sentido, a retórica, antes de qualquer outro fim, atendia às necessidades judiciárias.

O autor salienta que a retórica, no âmbito do judiciário, não se baseava no verdadeiro, mas na verossimilhança dos fatos. Assim, os oradores pautavam seus argumentos procurando tornar inverossímil algo que parecesse verossímil demais. Todavia, já se expressavam sistematicamente no campo da argumentação.

Por volta dos anos 485, com Górgias, a retórica assume função mais voltada para a estética literária. E foi com sua prosa eloquente, carregada de efeitos estéticos e pelas figuras de palavras, de sentido e de pensamento, que Górgias encantou a todos os atenienses, os quais

até então só identificavam a literatura com a poesia épica e trágica e com a prosa funcional restrita à transcrição da linguagem oral. Nesse momento, a retórica foi ganhando espaço entre os gregos e passou a ser ensinada por pessoas que recebiam um pagamento considerável por cada dia de aula. Essa inovação da retórica também se tornou uma necessidade para os gregos, pois, segundo as palavras de Reboul (2004), eles não tinham uma formação mais aprofundada. E ainda que o ensino da retórica não tivesse nenhum fim religioso ou profissional, tinha uma função intelectual, posto que tinha como objetivo imprescindível a cultura geral.

Ainda que a retórica de Górgias conservasse uma vertente filosófica, a plenitude do elo entre sofística e retórica, segundo Reboul (2004), deu-se com Protágoras. Este foi fundador da técnica erística, a qual tinha como princípio básico a possibilidade do contra-argumento, a possibilidade de uma tese ser sustentada e/ou refutada. Podemos dizer que sua principal tese era a seguinte: “O homem é a medida de todas as coisas.” (REBOUL, 2004, p. 8), ou seja, cada pessoa tem o seu modo de ver as coisas, não há uma verdade absoluta e universal. Nesse modelo, o que importa não é mais a noção de verdade ou de verossimilhança, como acontecia com a retórica de Górgias, mas sim a eficácia e o poder da palavra para convencer ou vencer o interlocutor, ao ponto de deixá-lo sem possibilidade de réplica.

Ainda, em conformidade com Reboul (2004), posterior a esses sofistas, encontramos a figura de Isócrates, um grande e admirado professor de retórica entre seus contemporâneos. Isócrates, segundo o autor, propunha uma libertação da retórica contra o domínio sofístico. Enquanto os outros que vieram antes dele acreditavam na força do ensino e na capacidade dos jovens aprenderem apenas no âmbito do ensino sistemático. Ele recorria à prática da reflexão, na qual seus discípulos pudessem refletir sobre os seus próprios discursos, discutindo-os com o seu mestre. Na visão de Isócrates, para ser um bom orador seria necessário, primeiramente, ter aptidões naturais, prática constante e finalmente o ensino sistemático. Nesse sentido, ele rejeita o poder do ensino automático.

Como podemos perceber, a retórica desde sempre teve como princípio básico a persuasão. Entretanto, Aristóteles, em sua nova definição de retórica, de acordo com o que nos diz Reboul (2004, p. 24), aponta para outras dimensões, ou seja, para ele “[...] ela não se reduz ao poder de persuadir [...] no essencial é a arte de achar os meios de persuasão que cada caso comporta”. Nesse sentido, percebemos que a retórica ganha uma nova função, a qual vai além do simples ato de convencer ou vencer alguém, como vimos anteriormente.

Em Aristóteles, a força da retórica reside nas várias possibilidades de chegar à persuasão. Na visão de Reboul (2004), a definição de retórica proposta por Aristóteles parece bem mais modéstia do que a dos sofistas, todavia se mostra bem mais forte e mais eficaz. E

ainda, como enfatiza o autor, na definição de Aristóteles, retórica e dialética são ciências que estão sobre o mesmo plano, pois a retórica usa a dialética como meio persuasivo, assim como outras ciências dependem de outros que estão em um mesmo plano.

Os estudos de Aristóteles, conforme Reboul (2004), deram amplitude à retórica, e foi também com Aristóteles que ela foi transformada em um sistema. Dentro do sistema retórico aristotélico, a retórica é composta por quatro partes que, segundo o autor, compreendem as quatro fases que constituem o discurso, isto é, a invenção, a disposição, a elocução e a ação. Para mostrarmos como se constituem essas quatro partes, apoiaremos nossas reflexões na teoria de Souza (2003).

Nesta primeira parte, a invenção, segundo Souza (2003), é quando o orador reúne os componentes necessários para alcançar o que se deseja. É nessa parte que ele busca os lugares da argumentação, escolhe o gênero do discurso e o tipo de auditório. Uma vez reunidos esses elementos, o orador vai estabelecendo alguns acordos prévios entre os gêneros dos discursos e auditório, dessa maneira, a partir daí, passa para a escolha dos tipos de argumentos.

A segunda parte, chamada de disposição, de acordo com Souza (2003), está relacionada à organização do discurso do orador, no qual este, em um primeiro momento, estabelece um contato inicial com o auditório, chamando sua atenção para o discurso apresentado, a fim de atrair o seu interesse; em um segundo momento, o orador faz uma exposição de forma clara e objetiva das proposições a serem defendidas. Já, no terceiro momento, o discurso do orador procura provar as proposições por meio de argumentos e, assim, ‘destrói’ os argumentos adversários. Por fim, na quarta etapa, o orador intenta provocar os sentimentos, as emoções e a razão do auditório para, grosso modo, alcançar o seu objetivo.

A terceira parte, a elocução, diz respeito à composição do discurso. É quando o orador irá se preocupar com o modo como vai proferir o discurso e, para tanto, deverá levar em conta alguns elementos, como o estilo, a clareza, a elaboração da linguagem, os recursos retóricos, entre outros. E, por último, temos a quarta parte, a ação, que está relacionada à execução do discurso.

Além das partes constituintes do sistema retórico aristotélico, encontramos em Reboul (2004), os três tipos de argumentos propostos por Aristóteles: *ethos*, *pathos* e *logos*. O *ethos* é um argumento de ordem emocional e diz respeito à confiança transmitida pelo orador para convencer o seu auditório. Segundo o autor, os argumentos por melhores que sejam não surtem efeito se não parecerem confiáveis.

O *pathos*, também de ordem emocional, está relacionado às paixões e aos sentimentos que o orador deve provocar no auditório. Nesse tipo de argumento, o orador deve

se valer da psicologia para que seu discurso possa suscitar no orador algum tipo de emoção ou sentimento. Nesse contexto, o orador procura conhecer o seu público, a fim de melhor adequar o seu discurso e alcançar o que se pretende. Já o *logos*, de natureza mais racional, é um argumento que reside na lógica do discurso e se baseia em premissas prováveis, diante de proposições que possam ou pareçam ser verossímeis.

Depois de Aristóteles, na percepção de Reboul (2004), a retórica passou por várias transformações e por alguns problemas que quase culminaram em seu declínio. Porém, nos anos 60 ela se revigora, sobretudo na comunicação de massa e seu modelo moderno. Na visão de Reboul (2004), não tem mais o objetivo de produzir o discurso, e sim de interpretá-lo, assim como também não se limita aos três gêneros propostos pelos antigos; ela vai além, procura abranger todas as formas de discursos, desde os publicitários, tidos como gêneros persuasivos, até os menos persuasivos, como a poesia.

Em 1958, foi publicada a obra *Tratado da Argumentação* (TA), pelos autores Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca, os quais propunham uma nova retórica e/ou uma teoria da argumentação em discursos. Essa obra, segundo Reboul (2004), aproxima-se da retórica tradicional proposta por Aristóteles, no entanto, os autores buscam mostrar uma teoria do discurso persuasivo, pautada na lógica do verossímil, o que, na verdade, chamaram de argumentação. Para os estudiosos, Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca (2005, p. 1), “[...] o campo da argumentação é o do verossímil, do plausível, do provável, na medida em que este último escapa às certezas do cálculo.” Nesse sentido, a argumentação não deve necessariamente seguir um raciocínio lógico das evidências, uma vez que aquilo que já é evidente não precisa ser provado.

Os autores salientam que em um discurso argumentativo são apresentadas teses que são aderidas por alguém, pois “[...] é em função de um auditório que qualquer argumentação se desenvolve.” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 6). Assim, o discurso, seja ele oral ou escrito, será sempre dirigido a um determinado auditório.

Dessa forma, de acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), para se obter uma argumentação eficaz é necessário que se leve em conta a qualidade do auditório. O orador precisa adequar o seu discurso ao auditório ao qual se dirige e, assim, fazer uso de técnicas argumentativas eficazes para alcançar o que se pretende. Para os autores:

O objetivo de toda argumentação é provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu assentimento: uma argumentação eficaz é a que consegue aumentar essa intensidade de adesão de forma que se desencadeie nos ouvintes a ação pretendida (ação positiva ou abstenção) ou,

pelo menos, crie neles uma disposição para a ação, que se manifestará no momento oportuno. (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 50)

Como podemos perceber, a arte de argumentar não é tão simples, pois para atingir o convencimento e a persuasão de um auditório sobre uma tese apresentada, é necessário que o orador reúna uma série de elementos que fazem parte do processo argumentativo. É imprescindível, antes de qualquer coisa, que ele estabeleça algum tipo de acordo prévio com seu auditório para, nesse caso, obter informações sobre o que pensa em relação às teses apresentadas.

À medida que o orador aciona essas informações, ele terá maiores chances de atingir seu objetivo, posto que poderá organizar melhor o discurso que irá utilizar com esse auditório, poderá selecionar melhor os tipos de argumentos que serão mais adequados e, portanto, mais eficazes. “O conhecimento daqueles que se pretende conquistar é, pois, uma condição prévia de qualquer argumentação eficaz”. (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 50). Até porque, de acordo com os autores, existem vários tipos de auditórios, e nem todos os argumentos que são adequados a certas circunstâncias se aplicam em outras.

2.2 AS TESES

Quando falamos em textos argumentativos, logo vem à mente algo que será defendido por alguém, isto é, um orador, e que poderá ser aderido por um outro, o auditório. Por isso, de acordo com Souza (2003), para compreendermos melhor os efeitos dos sentidos argumentativos, faz-se necessário termos uma definição clara sobre tese. Para o autor, “[...] no processo dialógico, ela assume uma função central: o *logos*, o conhecimento, o lado racional da argumentação.” (SOUZA, 2003, p. 65). Ainda, na concepção do autor, ao produzirem seus textos, os oradores intencionam convencer o seu auditório sobre a veracidade ou plausibilidade de suas teses.

Para Abreu (2002), a tese é uma resposta para um tipo de problema. No dizer do autor, as pessoas não têm sucesso na defesa de suas ideias por não saberem a que tipo de perguntas elas respondem, ou seja, que problemas elas vão resolver. Por isso, para Abreu, “[...] a primeira condição da argumentação é ter definida uma tese e saber para que tipo de problema essa tese é resposta.” (ABREU, 2009, p. 35). Desse modo, Abreu nos diz que se quisermos convencer o nosso auditório sobre nossas teses, devemos, primeiramente, fazê-lo compreender as perguntas que estão por trás das nossas ideias. Para ele, antes de conhecer a ideia, é necessário que o auditório conheça primeiramente a pergunta. Então “[...] quando todos estiverem

procurando uma solução, aí sim, é o momento de lançar a ideia como se lança uma semente em campo previamente adubado.” (*ibid*, p. 36).

Abreu (2009) ainda nos chama a atenção para o fato de que, ao pretendermos convencer o nosso auditório sobre determinada tese, é necessário que haja uma preparação desse auditório, por isso, antes de apresentar a tese principal, deve-se propor uma tese de adesão inicial, para fazer com que o auditório concorde com ela e, a partir dela, propor a tese principal. Assim, o processo argumentativo ganhará maior estabilidade, pois uma vez que ele concorde com a tese inicial, mais facilmente ele concordará com a tese principal.

Vale lembrar que, segundo o autor, essas duas teses são interligadas pelas técnicas argumentativas. É, pois, a forma como as técnicas argumentativas são conduzidas pelo orador, no processo argumentativo, que é garantido o convencimento do auditório para a adesão das teses apresentadas.

Para Ide (2000 *apud* SOUZA, 2003, p. 67), há alguns critérios essenciais que devem ser aplicados na identificação de uma tese:

- Em geral, uma única palavra exprime a idéia. Procure a idéia que:
- É a mais verossímil;
- É a mais unificadora dos diversos aspectos do texto;
- É teoricamente única, se o texto for bem construído;
- Responde à questão: “o que se diz disso?”

Dessa maneira, para identificar a tese em um texto, deve-se levar em consideração a sua ideia central, a que apresenta maior verossimilhança, aquela que unifica os outros aspectos do texto. E como nos diz Souza (2003, p.67), a tese deve ser buscada na ideia “[...] em que os argumentos utilizados colaboram para a sua delimitação.” A esse respeito, Ide (2000, p. 51) diz: “[...] a tese se define, pois, como uma proposição (uma frase) que formula precisamente o que o texto diz (e, de maneira mais geral, o que diz a inteligência em face da realidade) tendo em vista enunciar o verdadeiro ou o falso.” Para Souza (2003), entretanto, ao construírem seus textos, os oradores utilizam técnicas argumentativas que funcionam como ferramentas para elaborar suas teses. Uma dessas técnicas, na visão de Souza, ainda que de forma inconsciente, é utilizada pelo orador na defesa de sua tese central.

As técnicas argumentativas, de acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), são divididas em quatro grupos de esquemas argumentativos: I) Os argumentos quase-lógicos; II) Os argumentos baseados na estrutura do real; III) Os argumentos que visam fundamentar a estrutura do real; e IV) Os argumentos por dissociação das noções. Para os autores em questão, os três primeiros grupos se dão por associação de noções e o último por dissociação. Entretanto,

os autores salientam que em um discurso argumentativo é possível tratar um mesmo argumento tanto do ponto de vista das ligações das noções como do ponto de vista da dissociação. Para eles, o processo argumentativo se dá no todo de um discurso e muitas vezes analisar de forma isolada um elo argumentativo pode acarretar problemas de ambiguidades.

Mas, ainda assim, os autores consideram útil analisar cada um desses esquemas seguindo suas características formais. No entanto, não iremos discutir nesse trabalho as técnicas argumentativas, uma vez que, neste momento, não iremos trabalhar com essas categorias. Passaremos, então, a tratar dos acordos prévios, dos valores e suas hierarquias e dos recursos de presenças.

2.3 O ACORDO PRÉVIO

No desenvolvimento argumentativo, segundo os autores Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), deve-se levar em conta um ponto inicial de raciocínio que envolve os processos de ligação e de dissociação. Na concepção dos pesquisadores supracitados, para que o processo da argumentação aconteça, é necessário que haja um acordo inicial do auditório, ou seja, os ouvintes devem admitir presumidamente o que é pretendido pelo orador. “Trata-se de uma preparação do raciocínio que, mais do que uma introdução dos elementos, já constitui um primeiro passo para a sua utilização persuasiva”. (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 43).

Reboul (2004) diz que os auditórios se distinguem por várias maneiras. Primeiro, pelo seu tamanho, o qual pode variar de um indivíduo para uma humanidade inteira, pelas características psicológicas decorrentes de idade, sexo, profissão e/ou cultura, pela competência, ou seja, o discurso argumentativo e até mesmo o vocabulário utilizado é adequado de acordo com o nível intelectual do auditório. Em suma, a adequação discursiva também se estabelece pela ideologia, seja ela política ou religiosa.

Na visão do autor em questão, é fundamental que haja um entendimento mínimo entre os interlocutores para que, desse modo, haja argumentação. “É impossível que se dirija ao outro se não houver entre ambos um acordo prévio [...] nas questões em que não haja nenhum acordo inicial, pode haver violência ou ignorância recíproca, não controvérsia.” (REBOUL 2004, p.142-143). Para o referido pesquisador, todo discurso deve pressupor um acordo prévio que fica subentendido no próprio texto, marcado pelo não-dito e cabe ao auditório interpretá-lo.

Nas palavras de Abreu (2002, p. 43), “[...] ao iniciar um processo argumentativo visando o convencimento, não devemos propor de imediato nossa tese principal a ideia que queremos ‘vender’ ao nosso auditório. Devemos antes, preparar o terreno para ela”. Na visão do autor, grosso modo, é necessário que seja lançada, antes da tese principal, uma outra tese de adesão inicial, com a qual o auditório possa concordar e essa tese deve estar pautada em premissas ou presunções.

Assim, segundo os autores Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), o orador lança as premissas e espera que elas sejam aderidas pelos seus ouvintes, para, em seguida, poder construir sua argumentação. Porém, os autores salientam que as premissas do ponto inicial propostas pelo orador, nem sempre podem ser aceitas pelo auditório, e isso acontece devido à determinados fatores. Os estudiosos da nova retórica afirmam que isso acontece “[...] seja por não aderirem ao que o orador lhe apresenta como adquirido, seja por perceberem seu caráter unilateral da escolha das premissas, seja por ficarem contrariados com o caráter tendencioso da apresentação deles.” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 43)

Essas premissas, das quais tratam Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), partem de alguns objetos dos acordos e são construídos a partir de crenças ou de adesão. E, conforme os respectivos autores, desempenham papel diferente no processo argumentativo. Eles são agrupados “[...] em duas categorias, uma relativa ao real, que comportaria os fatos, as verdades e as presunções, a outra relativa ao preferível, que conteria os valores, as hierarquias e os lugares do preferível”. (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 74).

Vale salientar, entretanto, que os autores colocam a categoria do real como algo que pode variar conforme as opiniões filosóficas professadas. Nessa esfera de pensamento, o que é presumido pelo real é caracterizado por uma pretensão que um auditório universal considera válida. Já a categoria do preferível é caracterizada pelas escolhas com base no ponto de vista de um auditório particular, e nem sempre está ligada à realidade.

Com relação aos fatos, as verdades e as presunções, que tratam Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), Reboul (2004) nos diz que os fatos são argumentos em que repousa o acordo, porém eles são argumentos contestáveis, uma vez que podem ser comprovados que são fatos apenas aparentes ou por comprovarem que são fatos incompatíveis com outros fatos e, sendo assim, podem ter o seu valor argumentativo contestado.

As verdades, de acordo com esses autores, são ainda menos diretas e podem ser consideradas como elementos argumentativos prováveis, como uma lei tendencial. As presunções são constituídas pela ideia de verossimilhança, isto é, por aquilo que é admitido por todos até que se prove o contrário. Reboul (2004) salienta que a presunção varia em decorrência

do auditório, quando “[...] o orador, portanto, precisa conhecer as presunções de seu auditório.” (REBOUL, 2004, p. 165).

2.4 OS VALORES E SUAS HIERARQUIAS

De acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), os valores e as hierarquias são objetos do acordo, aderidos por grupos do auditório particular. Para os pesquisadores, numa argumentação, alguns objetos do acordo desempenham determinada influência em uma ação, exercendo sobre ela uma relação de valor. Consoante (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.84) “[...] para os antigos, os enunciados concernentes ao que chamamos de valores, na medida em que não eram tratados como verdades indiscutíveis, estavam englobados, com toda espécie de afirmações verossímeis, no grupo indiferenciado das opiniões”.

Para os criadores do Tratado da Argumentação, os valores fazem parte da argumentação em todas as situações, tanto no campo das ciências quanto nos campos jurídicos, políticos e/ou filosóficos. No primeiro caso, os valores estariam voltados para o valor de verdade, da formação dos conceitos e regras que compõem o sistema científico, já nos outros casos, o valor estaria voltado para o processo argumentativo, no qual se pretende fazer com que o outro faça determinadas escolhas, de modo a justificá-las e a fim de torná-las aceitáveis.

Em relação aos valores, Abreu (2002, p. 81) nos diz que “[...] os valores de uma pessoa não têm, obviamente, todos eles a mesma importância. Tanto isso é verdade, que a expressão hierarquia de valores é largamente utilizada.” Assim, o autor salienta a importância de se hierarquizar os valores. Na opinião dele, muitas vezes, o modo como esses valores são hierarquizados pode surtir um efeito mais positivo em um processo persuasivo.

O autor em questão diz ainda que “[...] a exploração das hierarquias é um campo extraordinário. Em um processo persuasivo, é mortal rejeitar um valor do auditório.” (ABREU, 2009, p. 81). Nesse contexto, os valores de um auditório, ainda que sejam os mesmos, não seguem a mesma hierarquia; elas podem variar conforme a cultura, a ideologia e a história pessoal de cada indivíduo, por isso, é necessário que o orador analise esses valores para re-hierarquizá-los.” Assim, um valor pode ser considerado primazia para uma pessoa, enquanto que para outra pode ocupar uma outra posição na hierarquia. Abreu (2009, p. 79) salienta que “[...] os mesmos valores não são impostos a todo mundo. [...] aquele que quer persuadir deve saber previamente quais são os verdadeiros valores de seu interlocutor ou do grupo que constitui seu auditório.”

A esse respeito, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) dizem que não se pode negar um valor sem que tenha uma razão para a sua negação. Para os autores da nova retórica, é possível que os valores sejam subordinados, interpretados, analisados e comparados, mas não negados sem que se leve em consideração outros valores. Vejamos:

O gângster que dá primazia a sua segurança pessoal pode fazer sem explicações, se se limitar ao domínio da ação. Mas assim que quiser justificar essa primazia perante outrem ou perante si mesmo deverá reconhecer outros valores que se opõem para poder combatê-los. Nesse sentido, os valores são comparáveis aos fatos: tão logo um dos interlocutores os expõe, é mister argumentar para livrar-se deles, sob pena de recusar o diálogo; e, geralmente, o argumento implicará que se admitam outros valores. (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 85)

Nesse mecanismo, o processo argumentativo está inserido no campo das discussões, do diálogo e quando se rejeita todos os valores de outrem, sem apresentar justificativa, deixa de existir o domínio da discussão para vigorar o da força.

Os valores são classificados em abstratos e concretos e, de acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), valores concretos estão ligados ao valor único das coisas e são vinculados, sobretudo, a um ente vivo, a um grupo determinado, um objeto particular. Já os valores concretos, segundo os autores, estão possivelmente relacionados à necessidade de mudança, e não se vinculam às pessoas ou aos grupos determinados, pois parecem fornecer critérios, visando modificar a ordem estabelecida. Por isso, na nova retórica, os valores abstratos podem servir comodamente à crítica.

Os autores supracitados mostram que os valores abstratos só são expostos quando há o desejo de mudança e enquanto isso não acontece não há a exposição de incompatibilidades. Por outro lado, os valores concretos sempre podem se harmonizar, já que se baseiam em uma existência real. Para Perelman, “[...] os valores abstratos, levados ao extremo, são inconciliáveis: é impossível conciliar no abstrato virtudes como a justiça e a caridade.” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 90).

Assim, os autores acreditam que centrar uma argumentação em valores concretos é bem mais fácil do que em valores abstratos, uma vez que os primeiros tratam de conservar o que já é fato, o que já existe, enquanto que os segundos estão ligados à necessidade de mudança, de renovação.

Ademais, os autores salientam que “[...] a argumentação se baseia, conforme as circunstâncias, ora nos valores abstratos, ora nos valores concretos; às vezes é difícil perceber o papel representado por uns e outros” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 88). Em algumas situações é comum o orador recorrer a um valor concreto fazendo referência a um

abstrato. Para o Tratado da Argumentação, além dos valores concretos e abstratos, a argumentação se esteia também na hierarquização desses valores, pois há sempre uma superioridade de valores, mesmo que implícita, entre as pessoas e as coisas.

De acordo com (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 90)

[...] as hierarquias admitidas se apresentam praticamente sob dois aspectos característicos: ao lado das hierarquias concretas como a que expressa superioridade dos homens sobre os animais há hierarquias abstratas como a que expressa superioridade do justo sobre o útil.

Os autores salientam, entretanto, que as hierarquias podem se referir à classe de objetos, mas que se deve considerar em cada um deles sua unicidade concreta.

Em suma, para os autores em estudo, vários termos podem se mostrar superiores aos outros, dentro de uma mesma hierarquia, e sem a necessidade de justificarem essa superioridade. Diferentemente das hierarquias dos valores concretos, as quais não necessitam de um fundamento para justificarem seu motivo de ser; as hierarquias dos valores abstratos já estabelecem um princípio, o do preferível, e se inserem em uma hierarquia sistemática, ou seja, os valores preferidos estabelecem um conjunto hierarquizado com base em critério de hierarquização. Tal critério se dá por meio de uma ordenação dos princípios que rege a hierarquia e a torna uma hierarquia de valores.

2.5 OS RECURSOS DE PRESENÇA

Em consonância com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), quando escolhemos certos elementos e apresentamos a um auditório, com o intuito de promovermos um debate, essa escolha, em si, já pressupõe uma presença. Tal presença, na visão dos autores, é essencial no processo argumentativo, pois ela está ligada à nossa sensibilidade, exercendo influência na nossa consciência. Observemos a seguir:

A presença atua de um modo direto sobre a nossa sensibilidade. É um dado psicológico que, como mostra Piaget, exerce uma ação já no nível da percepção: por ocasião do confronto de dois elementos, por exemplo, um padrão fixo e grandezas variáveis com as quais ele é comparado, aquilo em que o olhar está centrado, o que é visto de um modo melhor ou com mais frequência é, apenas por isso, supervalorizado. Assim, o que está presente na consciência adquire uma importância que a prática e a teoria da argumentação devem levar em conta. Com efeito, não basta que uma coisa exista para que se tenha o sentimento de sua presença. (p. 132)

Nesse sentido, como bem colocam os autores, o papel do orador é levar o seu auditório a perceber algo que já existe e valorizá-lo em sua consciência. Assim, o que mais importa não é a existência real dos elementos, mas o que está presente na consciência do auditório e o que o orador considera importante e valoriza na sua argumentação. Para os estudiosos em questão, “[...] o objeto real deve acarretar uma adesão que sua mera descrição parece incapaz de provocar; é um auxiliar precioso, contanto que a argumentação lhe valorize os aspectos úteis.” (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA 2005, p. 133). Como bem nos aponta Abreu (2009), dizer algo tal qual se apresenta, de modo real, não surte o mesmo efeito que o uso de um recurso de presença. Por isso, a nova retórica afirma que:

Não se deve confundir a presença, e os esforços com vistas a aumentar o sentimento de presença, com a fidelidade ao real [...] há que se observar, aliás, que o esforço para tornar presente à consciência pode referir-se não só a um objeto real, mas também a um juízo ou a todo um desenvolvimento argumentativo (p. 134)

Os referidos escritores enfatizam que a presença também pode ser determinada por algumas condições de tempo, de lugares, conexão e de interesse pessoal, movidas por um acontecimento que nos afeta. Porém, na visão dos autores, a presença não é um elemento vinculado exclusivamente à proximidade no tempo, ou seja, como um elemento essencial seu.

Abreu (2009, p. 72), em suas reflexões sobre os recursos de presença, diz que “[...] são procedimentos que têm por objetivo ilustrar a tese que queremos defender”. Para ele, esses recursos dão visibilidade à tese de adesão inicial, causando um efeito mais positivo na persuasão. “Um argumento ilustrado por um recurso de presença tem efeito redobrado sobre o auditório.” (ABREU, 2009, p. 74). Este pesquisador do campo argumentativo, diz também que a melhor forma de criar um recurso de presença é por meio das histórias, e isto talvez se deva ao fato de sermos acostumados a ouvir histórias desde criança. Como exemplo desse recurso de presença, Abreu fala das parábolas utilizadas por Cristo, que tinham o intuito de passar as lições dos Evangelhos. O autor salienta que os argumentos ilustrados por histórias, além de mais persuasivos, são infinitamente mais sedutores.

3 GÊNEROS DISCURSIVOS/TEXTUAIS, PRODUÇÃO TEXTUAL E CULTURA POPULAR ALIADOS AO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Tendo em vista que o ensino de Língua Portuguesa também se dá por meio dos gêneros dos discursos, tanto no tocante à leitura como em produções desses gêneros, e entendendo que esses gêneros são permeados por diversas orientações discursivas, dentre elas a argumentativa, pretendemos, neste capítulo, fazer uma reflexão sobre os gêneros discursivos e o ensino de Língua Portuguesa. Bem como, atrelar a análise retórica às questões culturais.

Nosso trabalho busca alinhar o ensino de língua materna à cultura local, na qual o sujeito, no caso específico, o aluno, está inserido. Buscaremos refletir um pouco sobre a inserção dessa cultura no nosso fazer pedagógico, em sala de aula e, para tanto, discutiremos sobre a proposta freireana.

3.1 GÊNEROS DISCURSIVOS/TEXTUAIS: UMA REFLEXÃO CONCEITUAL

Sempre que estabelecemos algum tipo de comunicação com o outro, seja por meio da oralidade ou da escrita, estamos produzindo algum tipo de texto. E esses textos que produzimos diariamente assumem algumas características peculiares, ou seja, as quais fazem com que os falantes de uma língua os reconheçam como determinada forma de comunicação. As diferentes formas de se comunicar recebem o nome de gêneros textuais, na teoria de Marcuschi, ou gêneros do discurso, numa visão bakhtiniana. Para Marcuschi (2005, p. 22), “[...] é impossível se comunicar verbalmente, a não ser por algum gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto.” Para o autor em questão, não há a possibilidade de se comunicar verbalmente se não for por um gênero textual.

O pesquisador supracitado afirma que “[...] os gêneros textuais se constituem como ações sócio-discursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo.” (p. 22). Para chegar a essa definição de gênero textual, o autor parte do pressuposto de que a língua é uma atividade histórica e cognitiva. Nesse contexto, a língua é vista como uma ação social e tem função interativa.

Nesse mesmo contexto, Bakhtin (2003) denomina gênero do discurso a utilização da língua com seus tipos relativamente estáveis de enunciados. Para esse teórico, a utilidade linguística está relacionada às esferas da atividade humana e são variadas tanto quanto essas esferas. Para ele:

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. (BAKHTIN, p. 280)

Assim, os gêneros vão surgindo cada vez que houver a necessidade de novas formas de comunicação, sobretudo, com o advento da tecnologia, a qual fez surgir uma forma nova de se comunicar. Como bem aponta Marcuschi (2005), anterior a invenção da escrita era produzido um número bem limitado de gêneros, depois, com o surgimento da imprensa, esse número foi aumentando e chegando a se expandir muito mais com o advento da internet.

O autor diz que “[...] os gêneros textuais surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem. Caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais”. (MARCUSCHI, 2005, p.20). Na perspectiva marcuschiana, os gêneros não são estanques, eles são maleáveis e dinâmicos, isto é, variam de acordo com as necessidades socioculturais. Porém, o autor salienta que

Embora os gêneros textuais não se caracterizem nem se definam por aspectos formais, sejam eles estruturais ou linguísticos, e sim por aspectos sócio-comunicativos e funcionais, isso não quer dizer que estejamos desprezando a forma. Pois é evidente, como se verá, que em muitos casos são as formas que determinam o gênero e em outros tantos serão as funções. Contudo, haverá casos em que será o próprio suporte ou o ambiente em que os textos aparecem que determinam o gênero presente. (p. 21)

De acordo com o estudioso acima, pode acontecer de um mesmo texto ter ações comunicativas e objetivos diferentes, dependendo do lugar em que foi publicado ou um texto de mesmo conteúdo temático apresentar forma diferente ou similar, e assim por diante. Marcuschi (2008) ilustra essa situação elencando gêneros que são bastante semelhantes quanto à estrutura, mas que podem circular em diversos domínios discursivos, com objetivos e propósitos comunicativos diferentes. E é essa função, isto é, esse propósito comunicativo específico de cada gênero que podem determinar sua identificação. “Por exemplo, uma monografia é produzida para obter uma nota, uma publicidade serve para promover a venda de um produto, uma receita culinária na confecção de uma comida, etc.” (MARCUSCHI, 2008, p. 150).

Outros textos semelhantes a esses podem ser produzidos por diferentes pessoas, mas cada um desses gêneros tem um propósito que o determina e indica sua esfera de circulação. Na visão do autor, é um aspecto bastante interessante, pois todos eles têm uma forma, uma

função, um estilo e um conteúdo, mas o que o determina enquanto gênero textual é a sua função e não sua forma.

3.2 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E PRODUÇÃO TEXTUAL NO ENSINO FUNDAMENTAL

As inquietações acerca do ensino de Língua Portuguesa emergem no espaço escolar desde que o ensino era pautado em metodologias tradicionais e concepções estruturalistas, nas quais o aluno era visto como ‘mero depósito de informação’ e o ensino do “português” se restringia a aprender regras do “saber falar bem” a língua, ou seja, o que se priorizava, em primeira instância, nas aulas de Língua Portuguesa, era o ensino da gramática normativa, definida por Possenti (1997, p. 47) como “conjunto de regras que devem ser seguidas por aqueles que querem ‘falar e escrever corretamente’”.

A esse modo de ensino, vários questionamentos foram levantados e várias pesquisas foram realizadas, no intuito de promoverem reflexões sobre tal método de ensino. Foi então que se passou a adotar no ensino uma teoria interacionista em que, de acordo com Oliveira (2010), o aluno não seria mais um ser passivo na construção do seu conhecimento, e sim um ser mais atuante e ativo no espaço escolar e/ou no meio em que vive. Conforme Oliveira (2010, p. 29), conceber o ensino na concepção interacionista,

[...] significa facilitar a aprendizagem dos estudantes, entender o aprendizado como um fenômeno sociocultural. Ao professor cabe a tarefa de propiciar aos alunos o ambiente e os meios necessários para que eles construam seus conhecimentos.

Nessa nova abordagem de ensino, ao invés de ensinar a gramática normativa, logicamente, com a contribuição da linguística textual, passou-se a pensar na competência linguística do aluno em uma perspectiva textual e a partir de uma dimensão discursiva. Nesse contexto, a preocupação não seria somente o domínio da norma gramatical da língua, mas a competência discursiva que o aluno deveria desenvolver. E, para tanto, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, cabe à escola propor condições para que os alunos possam desenvolver essa competência discursiva por meio do ensino da língua e da linguagem. Conforme os PCNs (1988, p. 23), “Um dos aspectos da competência discursiva é o sujeito ser capaz de utilizar a língua de modo variado, para produzir diferentes efeitos de sentido e adequar o texto às diferentes situações de interlocução oral e escrita.”. É nesse entremeio que está a inserção dos gêneros textuais no ensino de Língua Portuguesa, pois de acordo com Marcuschi

(2005, p.19), “[...] os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sócio-discursivas e formas de ação social e incontornáveis em qualquer situação comunicativa”.

Parafraseando os Parâmetros Curriculares Nacionais, podemos falar da relevância e do valor dos diversos usos da linguagem. Visto que variam em conformidade com as demandas sociais. O sujeito, em sociedade, depara-se com todos os tipos de situações comunicativas, para as quais deve estar preparado para interagir com os demais sujeitos. E essas situações são diversas. A esse respeito, Bakhtin (1997, p.280) diz que:

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana.

Por isso, há a necessidade de inserir os gêneros textuais ou gêneros do discurso, na concepção bakhtiniana, no ensino-aprendizagem da língua e da linguagem com vista a desenvolver as competências discursivas do aluno, pois de acordo com os PCNs (1998, p.23), “[...] a importância e o valor dos usos da linguagem são determinados historicamente segundo as demandas sociais de cada momento.” Assim, “[...] o trabalho com os gêneros textuais é uma extraordinária oportunidade de se lidar com a língua em seus mais diversos usos autênticos do dia-a-dia. Pois nada do que fizermos linguisticamente estará fora de ser feito em algum gênero”. (MARCUSCHI, 2005, p. 35)”.

Nesse sentido, trabalhar com gêneros do discurso/textuais, torna-se mais viável para o ensino da língua e da linguagem e, conseqüentemente, amplia a capacidade discursiva dos alunos, pelo fato de que os gêneros discursivos/textuais representam situações concretas do ato comunicativo. “Temos, então a idéia de que os gêneros do discurso são elementos característicos da linguagem, e que, por isso mesmo, também podem determinar a forma de falarmos, de produzir novos e diferentes sentidos.” (SOUZA, 2003, p. 43). Nesse cenário, o aluno precisa compreender que para cada ação comunicativa existe um padrão de forma de texto com características e finalidades específicas. Para Bakhtin (2003, p.280):

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional.

Desse modo, como bem coloca Oliveira (2010, p.34), “o professor que vê a língua segundo a concepção estruturalista pouco ajuda seus alunos na tarefa de desenvolver seus recursos linguísticos para interagir nas mais variadas situações sociocomunicativas.” Ainda conforme Oliveira (2010, p. 35), “[...] o ensino pautado em uma visão sociointeracionista da linguagem deve levar em conta “o sujeito que fala, o sujeito que ouve ou lê, as especificidades desses sujeitos, o contexto da produção e da recepção dos textos.”

Assim, fica evidente que não é possível que haja uma efetividade do ensino-aprendizagem em Língua Portuguesa se, grosso modo, considerarmos a língua como algo desvinculado do uso que os falantes fazem dela, em suas atividades comunicativas diárias. Assim, além de aprender a ler e escrever, o aluno/sujeito precisa ver esse processo como um ato discursivo, no qual ele assume determinados propósitos comunicativos em interação com outros sujeitos.

3.3 ARGUMENTAÇÃO EM GÊNEROS DISCURSIVOS/TEXTUAIS E EM TIPOLOGIAS TEXTUAIS DIVERSAS

De acordo com Leitão (2011, p. 14), “[...] a argumentação está presente nas mais diferentes esferas da vida diária.”, desde as situações mais corriqueiras, como as mais profissionais e institucionalizadas. É o caso das situações públicas, em que buscamos defender algum ponto de vista e convencer alguém que pensa diferente de nós. Na visão da autora, a argumentação também está presente em situações interiores, isto é, quando nos encontramos em diálogos internos, nos quais exploramos os prós e os contras de questões controversas ou quando nos encontramos em dilemas em que temos de decidir algo que nos apresentam. Para Leitão:

A argumentação é não somente uma atividade discursiva da qual os indivíduos eventualmente participam, mas, sobretudo, uma forma básica de pensamento que permeia a vida cotidiana – quer este pensamento ocorra de forma pública e interpessoal quer aconteça num plano privado e intrapessoal. (LEITÃO, 2011, p. 14)

Como podemos perceber, a argumentação faz parte do cotidiano das pessoas, em todas as situações comunicativas. De um modo ou de outro, os sujeitos, em sociedade, intencionam convencer ou persuadir uns aos outros em suas interações comunicativas. “A interação social por intermédio da língua caracteriza-se, fundamentalmente, pela

argumentatividade. Como ser dotado de razão, o homem, constantemente, avalia, julga, critica, isto é, forma juízos de valor.” (KOCK, 2011, p. 17).

Conforme Abreu (2002), em tempos atuais, viver em sociedade não é suficiente apenas ter uma boa formação universitária e obtenção de informações, é necessário, antes de tudo, saber gerenciar essas informações para construir o conhecimento. Para Abreu (2002, p. 10):

Todos nós teríamos muito mais êxito em nossas vidas, produziríamos muito mais e seríamos muito mais felizes, se nos preocupássemos em gerenciar nossas relações com as pessoas que nos rodeiam, desde o campo profissional até o pessoal. Mas para isso é necessário saber conversar com elas, argumentar, para que exponham seus pontos de vista, seus motivos e para que nós também possamos fazer o mesmo.

Na visão do autor, é preciso conhecer o outro, saber o que ele pensa e defende, e ainda, por meio de um gerenciamento das relações interpessoais de informações e emoções, atingir o objetivo esperado, o de convencê-lo sobre os nossos pontos de vista acerca dos acontecimentos que nos rodeiam. Para tanto, deve-se saber argumentar e “[...] saber argumentar é, em primeiro lugar, saber integrar-se ao universo do outro. E também obter aquilo que queremos, mas de modo cooperativo e construtivo, traduzindo nossa verdade dentro da verdade do outro.” (ABREU, 2009, p. 10).

Antunes (2010, p.70) afirma que “os teóricos da argumentação advogam que toda ação de linguagem é, essencialmente, argumentativa, no sentido de que há sempre, clara ou velada, uma pretensão de se conseguir a adesão do interlocutor e ganhar sua concordância”. Seja no seio familiar, escolar ou profissional, sempre temos algo a defender ou fazemos algum juízo de valor sobre alguém ou sobre algo dito por alguém, ainda que não seja de uma forma direta, mas que fica implícito nas entrelinhas dos nossos discursos orais ou escritos. Abreu (2002) também faz essa reflexão de que a argumentação está presente em todas as formas de interação da linguagem, até mesmo em textos narrativos, quando ele usa como exemplos, narrativas de ficção para a educação do pensamento humano. A esse respeito Lopes (2015, p.21) também nos mostra que:

O texto narrativo tem uma face argumentativa, de onde não se pode desenraizar opiniões e crenças individuais, seja na composição de uma cena, na apresentação de um personagem, seja na ilustração do conflito, no desfecho ou na moral da história, na narração impregnam-se valores e constrói-se, textualmente, um processo argumentativo, de forma a orientar os enunciados em certas direções e conduzir o leitor a pontos de vistas diversificados.

Assim, fica evidente que a argumentação não é uma característica apenas de textos jornalísticos opinativos, jurídicos ou publicitários, como quase sempre se costuma rotular. Ela, a retórica, faz-se presente em todas as formas de comunicação, ainda que em algumas formas comunicativas ela se intensifique mais que em outras, dada a intencionalidade principal de cada ato.

Isso é um resultado concreto do enunciado em situação. “Todo enunciado visa agir sobre seu destinatário, sobre o outro e a transformar seu sistema de pensamento.” (PLANTIN, 1996, p.18 *apud* AMOSSY, 2018, p. 43). Mas, como argumentar visando o convencimento e a persuasão? Em suas reflexões sobre a ‘velha’ retórica, Souza (2003), apoiado nos estudos de Reboul (2004) e de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), mostra-nos que a argumentação na antiguidade era uma arte voltada para o convencimento e a persuasão, por meio da linguagem falada.

Naquela época, falava-se diante de um público visando persuadi-lo a aderir a uma tese apresentada. Entretanto, ainda que a persuasão assumisse uma prioridade na arte da argumentação, para que esta se efetivasse com eficácia, era necessário que houvesse uma adequação dos argumentos a cada tipo de questão. Já na abordagem da nova retórica, proposta por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), a argumentação do discurso é analisada tanto em sua forma oral como na forma escrita e, diferentemente da abordagem dos clássicos, em Perelman, o discurso argumentativo é visto como uma manifestação dialética da linguagem, em que os sujeitos aderem ou não a uma tese defendida por outros, em um processo argumentativo. Bem como nos diversos tipos de discursos, independentemente de gêneros ou de tipologias textuais. Vejamos os comentários a seguir:

Argumentar é fornecer argumentos, logo, razões, favoráveis ou contrárias a uma tese. [...] Mas é também possível conceber a argumentação de um ponto de vista mais amplo e entendê-la como um procedimento que visa a intervir sobre a opinião, a atitude, ou sobre o comportamento de alguém. Deve-se insistir ainda que tais meios pertencem ao discurso. (GRIZE, 1990, p. 41 *apud* AMOSSY, 2018, p. 43)

Como podemos perceber, a argumentação está inserida nos nossos diálogos, permeando os nossos discursos. “É a utilização da linguagem em seu contexto dialógico obrigatório que acarreta necessariamente uma dimensão argumentativa, mesmo quando não há uma programação declarada nem estratégias imediatamente perceptíveis.” (AMOSSY, 2018, p. 43). Para a escritora, todas as formas de trocas verbais, desde uma conversa amigável a um debate político, os falantes utilizam a linguagem com o intuito de influenciar de algum modo

os seus interlocutores. Porém, a especialista em análise retórica do discurso, Ruth Amossy (2018, p. 44) salienta que:

É preciso diferenciar a dimensão argumentativa inerente a muitos discursos, da visada argumentativa que caracteriza apenas alguns deles [...] a simples transmissão de um ponto de vista sobre as coisas, que não pretende expressamente modificar as posições do alocutário, não se confunde com uma empreitada de persuasão sustentada por uma intenção consciente e que oferece estratégias programadas para esse objetivo.

Na perspectiva da autora, alguns discursos estão mais voltados para uma visada argumentação, porque eles têm objetivos específicos, ou seja, têm uma intenção consciente de convencer e/ou persuadir o seu interlocutor, como é o caso dos discursos de um advogado, quando pretende defender o seu cliente em um tribunal. Outros discursos, porém, apresentam apenas uma dimensão argumentativa, ou seja, eles não têm como objetivo principal uma finalidade argumentativa, o objetivo de provar algo. No dizer da autora, a argumentação apenas apresenta uma dimensão do real.

3.4 CULTURA LOCAL NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Quando se fala em produção textual em sala de aula, logo se percebe o olhar de desestímulo por parte de alguns alunos. Em sua grande maioria, eles não se mostram interessados em produzir textos, restringindo-se, muitas vezes, à realização de uma atividade forçada pelo professor, simplesmente para o cumprimento de mais uma tarefa. Pesquisas realizadas recentemente por professores e pesquisadores da área têm nos mostrado que parte desse desinteresse se deve às práticas de ensino de produção de texto, isto é, atividades desvinculadas da realidade local dos alunos. E, por se sentirem distantes dessas práticas, os alunos não veem sentido algum em produzir seus textos.

As professoras pesquisadoras, Ana Paula Lopes, Francinilda Dantas e Núbia Pessoa, em um trabalho interventivo realizado recentemente, em suas salas de aula, puderam nos mostrar que uma atividade de produção textual, aliada ao contexto sociocultural e à realidade local do aluno, pode se tornar, para este, uma prática bem interessante e estimulante. De acordo com Lopes (2015, p. 22), trazer uma história que faz parte da realidade social, histórica e cultural do aluno para a discussão em sala de aula “[...] possibilita, além do (re) conhecimento e valorização da história, um processo de produção textual mais significativo, contextualizado e motivador, pautado em um ensino produtivo de língua portuguesa.”

Essa ideia de inserção da cultura local no ensino, evidentemente, não é tão nova como parece. Paulo Freire, por volta dos anos de 1960, visando uma nova forma de educação que se distanciasse do método tradicionalista, já pensava em um método educativo que incluía em sua metodologia de ensino a realidade social e cultural das pessoas.

Para Freire (1979), o aluno será capaz de desenvolver sua criticidade acerca do mundo que o rodeia de uma forma libertadora se ele partir do reconhecimento do seu universo social e cultural, da cultura que faz parte da sua realidade para depois compreender a que está fora do seu entorno social. Por isso, Freire (1996) diz que é necessário que o professor “[...] pense certo” em relação à formação crítica do aluno. Conforme Freire (1996, p. 15):

Pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever não só de respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também discutir com os alunos a razão de ser desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos.

Na visão do autor, é partindo do saber que o aluno consegue construir um conhecimento mais amplo sobre a sociedade concreta onde vive. É na comparação das diferenças entre o que há na comunidade, onde ele vive, e o que existe fora dela – em realidades de bairros mais elevados socialmente, por exemplo – que os alunos vão questionando a razão de ser de algumas situações e, a partir daí, formando sua criticidade.

A esse respeito, os Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental/ Língua Portuguesa (1998, p. 8) apontam como objetivo, para o Ensino Fundamental, “[...] questionar a realidade, formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação.” Como diz Paulo Freire, é, pois, a partir da curiosidade que o aluno chega à criticidade.

No que concerne à inserção da cultura no ensino, está postulado também nas Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (2005), em seu artigo 26, que afirma:

Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.

Sendo assim, nós, enquanto professores, no espaço escolar, devemos levar em consideração o contexto social do aluno, uma vez que em cada região existem modos de ser,

agir e pensar, determinados por características específicas dessa região. Cada povo tem sua própria cultura.

“O homem pode fazê-lo porque tem uma consciência capaz de captar o mundo e transformá-lo.” (FREIRE, 1972, p.16). Devemos, pois, adequar esses aspectos socioculturais aos conteúdos ministrados em sala, levando o aluno a conhecer a realidade a qual faz parte do seu contexto social, para que ele possa levantar questionamentos acerca dessa realidade e assumir posicionamentos críticos, buscando a transformação do mundo que o rodeia.

3.5 CONCEITUANDO O GÊNERO RELATO

Tendo em vista que toda forma de utilização da língua corresponde a uma ação social e que se encaixa em um gênero discursivo/textual, levamos, para nossa intervenção em sala de aula, o trabalho com o gênero relato, tanto na modalidade oral como na modalidade escrita. Pois, no caso, partimos da escuta de um relato de uma senhora sobre sua história e experiência com a arte do barro e, a partir daí, levamos os nossos alunos a produzirem os seus relatos.

O relato é um gênero relacionado ao tipo textual narrativo e tem como função social relatar acontecimentos de experiências vividas e/ou situadas no tempo e no espaço. De acordo com Costa (2009, p. 176), “[...] o relato é uma narração não ficcional escrita ou oral sobre um acontecido, feita, geralmente, usando-se o pretérito perfeito ou o presente histórico.” Para o autor, o relato é um gênero textual “[...] que se liga ao domínio social da comunicação voltado à documentação e memorização de ações humanas, exigindo uma representação pelo discurso de experiências vividas situadas no tempo.” (COSTA, 2009, p. 24).

Os relatos são classificados em diferentes tipos, como, por exemplo, o relato de caso, relato pessoal, relato de viagem, relato de memórias, relato histórico, dentre outros. Todos eles vinculados ao tipo narrativo, porém com características específicas que os diferenciam uns dos outros.

Sobre o relato histórico, gênero textual trabalhado com os alunos na intervenção em sala de aula, e também material de constituição do nosso corpus de análise, neste trabalho, temos a seguinte definição, conforme Clara, Altenfelder e Almeida (2016, p. 44)

O gênero relato histórico pode ser definido como uma narrativa que estabelece relações entre sujeitos, fatos e tempos históricos. O autor de um relato histórico não se atém à narrativa de uma história. Quando o autor é um historiador, ele busca fontes, reúne e analisa documentos, utiliza critérios para

verificar a veracidade do que relata. Normalmente, relatos históricos não trazem a história do autor.

Essa definição de relato histórico foi apresentada pelas autoras no material didático das Olimpíadas de Língua Portuguesa, com a finalidade de diferenciar esse gênero do relato de memória e diário pessoal. Nesse momento, podemos perceber alguns aspectos característicos que os diferenciam dos demais gêneros que têm, como princípio básico, o texto narrativo. Assim, podemos perceber que não se trata apenas de uma narração de uma história; o relato histórico tem uma preocupação maior com a veracidade dos fatos apresentados.

Além disso, o produtor desse gênero textual/discursivo deve ter o cuidado de encadear os fatos relatados seguindo uma ordem cronológica, de acordo com o tempo dos acontecimentos. Aliás, a ordem cronológica dos fatos é uma característica bastante peculiar dessa forma de gênero. Diferentemente das outras narrativas, o relato histórico deve obedecer à linearidade lógica dos acontecimentos relatados.

Assim, podemos elencar, como características principais desse gênero, primeiro, narrativa que expõe acontecimentos históricos das relações humanas, situadas em um tempo e em um espaço, ordem cronológica dos fatos relatados, veracidade dos acontecimentos, fontes documentais, caráter informativo, utilização de formas verbais no pretérito (já que se trata de um relato de algo que aconteceu anteriormente à produção do relato), uso de recursos temporais e espaciais, como o emprego dos advérbios.

4 METODOLOGIA DA PESQUISA: DA INTERVENÇÃO À CONSTITUIÇÃO DO CORPUS

Neste capítulo, falaremos dos caminhos metodológicos do trabalho, desde sua caracterização às técnicas de pesquisa. E, como nosso trabalho envolve a cultura local do aluno aliada ao processo de produção textual, traçaremos algumas considerações sobre o contexto histórico das comunidades as quais visitamos para colher informações. Falaremos um pouco sobre o artesanato do barro, fazendo, então, uma breve consideração sobre a formação das comunidades quilombolas, visto que uma das comunidades visitadas foi reconhecida, recentemente, como remanescente de quilombo. Por isso, faremos também um breve comentário acerca das memórias individuais e coletivas das loiceiras, as quais residem nas comunidades, uma vez que a arte do barro e a formação dessas localidades são constituídas a partir das memórias, experiências e saberes compartilhados pelas pessoas que vivem no local.

4.1 CARACTERIZAÇÃO, MÉTODOS E PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

De acordo com Martins (2005), fazer pesquisa no âmbito da ciência é investigar, estudar e conhecer melhor uma determinada ideia ou fato que se transforma em objeto da pesquisa e, a partir de uma proposta de trabalho, de modo sistematizado, procura-se resolver um problema. Assim, a pesquisa pode ser definida como um “[...] procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos.” (GIL, 2002, p. 17). Nesse sentido, compreendemos que, constantemente, sentimos a necessidade de se fazer pesquisa no contexto da sala de aula, uma vez que nos deparamos no cotidiano com inúmeras situações para as quais levantamos questionamentos e não encontramos respostas imediatas, o que nos leva a buscar conhecimentos científicos para, dessa maneira, resolver determinados problemas. A esse respeito, Sousa (2017), salienta que:

A pesquisa é imprescindível na vida dos profissionais da educação, pois faz parte da construção e aquisição de novos conhecimentos e de novas descobertas. O professor convive com a pesquisa em seu dia a dia, pois sempre que verifica problemas de aprendizagem com seus alunos, oferece aulas diversificadas, usando de conhecimentos empíricos. Como pesquisadores, esses conhecimentos adquiridos em sala de aula, podem ser transformados em conhecimentos científicos através de projetos. (p. 62)

Para tanto, de acordo com Martins (2005), essa proposta de trabalho denominada de projeto de pesquisa se encaixa em um modelo metodológico, o qual, para ser realizado, deve-se seguir algumas etapas, a fim de alcançar o resultado desejado. Desse modo, o projeto deve

partir de um planejamento que contemple os seguintes questionamentos: “1) o que deve ser alcançado; 2) Por que ser feito; 3) Como deve ser feito; e 4) Quando e onde deve ser feito.” (MARTINS, 2005, p. 132).

Dessa forma, entendendo a necessidade e a importância do planejamento do trabalho científico, a fim de garantir melhor qualidade ao desenvolvimento do nosso trabalho, faz-se necessário fazermos, neste capítulo, um desenho da caracterização da nossa pesquisa.

Lopes (2005) nos diz que:

Toda pesquisa é permeada pela linguagem, uma vez que esta assume um papel de construtora do mundo social, sendo o meio de acesso a interpretação das relações sociais e interpessoais. É na pesquisa em Linguística Aplicada (LA) que ela se torna o grande objeto a ser investigado. [...] quer no contexto escolar ou fora dele, a pesquisa em LA focaliza a linguagem do ponto de vista processual das relações indissociáveis do sujeito com o seu contexto social.” (p. 83).

Nessa abordagem, nossa pesquisa também se caracteriza como uma pesquisa em LA, uma vez que nos preocuparemos em investigar os processos argumentativos utilizados pelos alunos em suas produções textuais, considerando suas relações com o meio sociocultural do qual ele faz parte. Não podemos esquecer de que o indivíduo se constitui como sujeito social pela interação da linguagem, mediante as suas experiências no meio em que vive e nas relações com as pessoas que fazem parte de seu grupo social. E essas experiências nas interações da linguagem refletem no contexto da sala de aula. Por isso, a necessidade de aliar o conhecimento sociocultural dos alunos às suas atividades de produção textual.

Quanto à abordagem da pesquisa, nosso trabalho pode ser caracterizado como qualitativo, pois nos preocuparemos em investigar, descrever, interpretar e explicar os dados obtidos para, grosso modo, compreender o problema e chegar ao resultado almejado. Nessa perspectiva, nosso interesse é compreender porque determinado problema ocorre e como fazer para solucioná-lo. A pesquisa qualitativa

[...] trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (GERHARDT, 2009, p. 32).

Esta pesquisa pode ser caracterizada também como descritiva e interpretativa, visto que iremos identificar um problema, descrevê-lo e em seguida interpretá-lo. De acordo com Gil (2002, p. 42), “[...] algumas pesquisas descritivas vão além de simples identificação da existência entre variáveis, e pretende determinar a natureza dessa relação. Nesse caso, tem-se

uma pesquisa descritiva que se aproxima da explicativa.” E, ainda, temos a pesquisa interventiva, pois iremos identificar um problema em sala de aula e intervirmos para que o mesmo seja solucionado.

Na visão de Gil (2008), toda forma de conhecimento tem como objetivo fundamental chegar à veracidade dos fatos. No entanto, quando se fala em conhecimento científico, essa veracidade se dá por meio da verificação. Essa é, portanto, a característica fundamental da ciência. Nesse sentido, o autor salienta que “[...] para que um conhecimento possa ser considerado científico, torna-se necessário identificar as operações mentais e técnicas que possibilitam a verificação.” (GIL, 2008, p. 8).

Assim, surge a necessidade de se determinar um método. De acordo com Gil (2008), o método não pode ser visto de forma universal, pois cada tipo de objeto que se pretende investigar, ou cada proposição que se objetiva descobrir, necessita de um método que melhor se aplique. Nesse caso, dentro dos diversos métodos dos quais dispõem as ciências sociais, apontaremos aqueles que melhor atendem ao nosso objeto de pesquisa.

Levando em consideração que um dos nossos objetivos é investigar os processos argumentativos em textos produzidos pelos alunos, partindo de uma ideia geral de que todo falante em suas atividades diárias de comunicação e produção de textos, independentemente de gênero ou de tipo textual fazem uso da argumentação, podemos dizer que o melhor método que se aplica a esse nosso objetivo é o dedutivo, tendo em vista que partiremos de uma ideia geral das teorias para o particular, no caso, os textos produzidos pelos alunos e analisados por nós. De acordo com Gil (2008, p. 9), o método dedutivo “[...] parte do geral e, a seguir, desce ao particular. Parte de princípios reconhecidos como verdadeiros e indiscutíveis e possibilita chegar às conclusões de maneira puramente formal.”

O método indutivo também é aplicável a nossa pesquisa, pois, a partir das produções de textos sobre a cultura local dos alunos, analisaremos os processos argumentativos utilizados por eles. Assim, partimos de um conhecimento particular dos alunos, tanto sobre a cultura que faz parte de sua realidade de vida como dos conhecimentos empíricos sobre argumentação, para uma ideia generalizada.

Vale ressaltar que, de acordo com Lakatos e Marconi (2003), tanto um método como o outro tem como princípio lógico uma premissa. O que diferencia um do outro, de acordo com os autores, é que no dedutivo a conclusão a que se chega deve ser verdadeira, enquanto que no indutivo ela pode ser apenas provável. Assim, na nossa pesquisa, partimos de duas premissas: a de que o aluno terá condições de escrever com maior facilidade se partirem de

temas próximos ao seu contexto social, e a de que os alunos fazem uso de diferentes processos argumentativos em suas produções.

Em conformidade com Gil (2008), em uma investigação podemos usar mais de um método, para o autor em questão, um método se junta a outro para investigar um problema em um determinado ponto da pesquisa. Sendo assim, adotamos também o método observacional, pois ao longo da nossa intervenção iremos acompanhar nossos alunos no passo a passo, nas atividades propostas, buscando observar suas maiores dificuldades para que possamos solucionar melhor o problema identificado.

Quanto às técnicas de procedimento da pesquisa, utilizamos a entrevista, que, segundo Gil (2008, p. 111), “[...] é seguramente a mais flexível de todas as técnicas de coleta de dados de que dispõe as ciências sociais. Daí porque podem ser definidos diferentes tipos de entrevista, em função de seu tipo de estruturação.” Para ele, existem as mais estruturadas, ou seja, as que necessitam de um maior grau de respostas a serem obtidas. Já as menos estruturadas são mais espontâneas e não exigem um modelo preestabelecido.

Desse modo, utilizamos em nossa pesquisa o recurso da entrevista informal, pois no momento da visita dos alunos às comunidades mencionadas anteriormente, eles conversaram com D. Raimunda, a loiceira mais antiga, que ainda trabalha com a arte do barro nas comunidades e, para investigar todo o processo desse fazer artístico, iam fazendo perguntas abertas sobre o assunto, em um tom de conversa, conforme iam surgindo a curiosidade neles, sem seguir, necessariamente, um roteiro sistemático.

Para Gil (2008, p. 11), a entrevista informal é, dos tipos, “[...] o menos estruturado possível e só se distingue da simples conversação porque tem como objetivo básico a coleta de dados”. Nesse tipo de entrevista, de acordo com o autor, o que se pretende é a obtenção de informações gerais sobre determinado problema. Para ele, essa é uma técnica de pesquisa recomendada para casos em que o pesquisador pretende ter uma visão geral sobre um tema e, no caso, para colher as informações necessárias, recorre a informantes-chaves, os quais podem ser especialistas no assunto pesquisado. No caso do nosso estudo, os alunos recorreram à nossa informante, D. Raimunda, por ser uma senhora mais antiga, que ainda trabalha com o artesanato do barro e também por ter bastante conhecimento dessa arte.

4.2 CONTEXTO DA PESQUISA: A ESCOLA, A TURMA E OS PARTICIPANTES

O nosso trabalho de intervenção foi realizado na Escola Estadual Padre Cosme, situada à Rua Coronel Nunes, nº 409, no município de São Miguel/RN. No período da intervenção, era uma escola pertencente à rede estadual de ensino do Rio Grande do Norte, e tinha como mantenedora, a Secretaria de Educação do Estado e da Cultura – SEEC. Porém, no início de 2018, ela passou por um processo de municipalização e atualmente pertence à rede municipal de ensino. De acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP) da referida escola, essa instituição de ensino foi fundada com base no decreto de número 085/18, de 04 de dezembro de 1918, e inaugurada em 24 de fevereiro de 1920, por intermédio do governador do Estado, que na época era o senhor Joaquim Ferreira Chaves, e teve como orador oficial o Padre Tertuliano Fernandes, que sucedeu a Padre Cosme na Paróquia de São Miguel.

A escola é a mais antiga do município de São Miguel, completando, no ano de 2018, o seu primeiro centenário. A escola Padre Cosme tem essa denominação em homenagem ao padre Cosme Leite da Silva, que teve grande destaque na história desse município, não somente na religião como também no âmbito da política, embora nunca tenha ocupado um cargo propriamente dito político. Padre Cosme é considerado o principal patrono dessa escola, pois foi quem idealizou o projeto de criação da mesma.

A estrutura física da escola é caracterizada da seguinte forma: oito salas de aulas, uma sala de informática (ultimamente desabilitada por falta de manutenção nos computadores), uma sala para depósito de materiais pedagógicos, uma sala para depósito de livros didáticos, uma sala de professores, uma sala de leitura (com três funcionários para atender os alunos nos empréstimos de livros, sendo uma delas para acompanhar em atividades de leitura quando necessário), uma secretaria, uma sala de diretor, uma sala de recursos multifuncionais (com dois professores lotados para atendimento aos alunos com necessidades especiais), um depósito para merenda escolar, quatro banheiros e uma cozinha. Como podemos perceber, a escola apresenta uma estrutura razoável, levando-se em consideração o número de alunos que a mesma comporta.

A unidade de ensino funciona com o Ensino Fundamental e a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), desde os anos de 1980 até os dias atuais. Durante esses 100 anos de história, a instituição tem contado com a contribuição de grandes profissionais da educação para o seu crescimento e, em meio a tantas dificuldades, ela tem, nos últimos anos, aumentado gradativamente o número de alunos matriculados. Atualmente, atende a um público de 450 alunos, distribuídos nos turnos matutino, com oito turmas do 6º ao 9º ano, sendo dois

6º, dois 7º, dois 8º e dois 9º; vespertino, com quatro turmas de 6º ao 9º, sendo um 6º, um 7º, um 8º e um 9º; e o noturno, com duas turmas de modalidade EJA.

A unidade atende a um público bastante diversificado, tanto no que diz respeito ao lugar onde residem os alunos, como também à sua condição socioeconômica, pois parte deles reside na zona urbana, estuda no período matutino, e outra parte deles, tem uma situação econômica mais estável, visto que seus pais têm empregos fixos. Já a clientela do turno vespertino, podemos dizer que quase todos residem na zona rural, e na maioria, filhos de agricultores e dependentes de auxílios de Programas do Governo Federal, como Bolsa-Família e Bolsa-Escola.

Além disso, no tocante ao nível de aprendizagem e motivação dos alunos, os profissionais que trabalham nessa instituição também enfrentam grandes problemas, pois a maioria dos alunos, principalmente os do turno vespertino, apresenta déficit de aprendizagem bastante elevado. Em meio a essa heterogeneidade, os professores são desafiados constantemente no exercício de seu trabalho para, dessa forma, cumprirem seu papel de educadores, de forma a atingir os objetivos do ensino.

A escola conta com um quadro de docentes bem satisfatório, posto que, além do comprometimento e engajamento de todos em prol da aprendizagem dos alunos, são lotados por áreas de formação. E, ainda, conta com um núcleo gestor formado por um diretor, um vice-diretor, três coordenadores e três auxiliares de secretaria. Desse modo, mesmo a escola tendo uma ‘clientela difícil’, com problemas de falta de interesse e déficit de aprendizagem, conta com um efetivo quadro de profissionais, todos envolvidos e preocupados com o bom desempenho dos alunos.

Embora a escola enfrente muitos problemas para alcançar o ‘sucesso’ da aprendizagem dos alunos, tem obtido muitos resultados positivos, como, por exemplo, a Olimpíada de Matemática, que premiou três de seus alunos. Por isso e por outros resultados que a escola tem apresentado, ela tem se tornado referência no município de São Miguel e, sobretudo, no estado do Rio Grande do Norte.

A turma na qual a intervenção ocorreu foi de 9ºano, do turno vespertino, aquela turma conhecida como o “terror” da escola. Visto que, a mesma era composta inicialmente por 45 alunos, quase todos apresentando problemas de defasagem na aprendizagem, falta de estímulo para assistir às aulas e/ou realizar as atividades propostas, sempre desmotivados e altamente indisciplinados.

Quase sempre, alguns professores já iam para sala ministrar as aulas, de certo modo, também desestimulados, pois a turma só sabia reclamar e não se propunha a participar das

aulas. Até mesmo os poucos alunos, que se destacavam dos demais, em termo de aprendizagem, mostravam-se desestimulados. Além disso, alguns estudantes apresentavam comportamento desrespeitoso com os professores, com funcionários e até mesmo com o núcleo gestor da escola, chegando ao ponto de o diretor tomar atitudes extremas, como dar a transferência para outra instituição, pois o aluno já havia extrapolado todos os limites.

A turma em questão era quase toda composta por alunos provenientes da zona rural e de famílias que dependem da agricultura e de bolsas financiadas pelos Programas do Governo Federal, o que nos permite dizer que são alunos que pertencem a uma realidade economicamente carente. Além de todos os problemas apresentados, os quais já elencamos anteriormente, a turma apresenta uma grande dificuldade de compreensão leitora e, sobretudo, de escrita.

Quase sempre, nas questões discursivas, cobradas nas atividades avaliativas, grande parte desses alunos as deixavam em branco, outros, quando tentavam responder, apresentavam grandes problemas de escrita, muitas vezes escreviam respostas que não correspondiam ao que havia sido pedido no enunciado da questão.

Quando era sugerida uma atividade de produção textual, a maioria sempre se negava a fazer, dizia sempre que não sabia fazer. Com relação à leitura, era a mesma situação. Poucos se habilitavam a realizar uma leitura, até mesmo de pequenos textos. Esses problemas nos causaram muitas inquietações, sobretudo, pelo fato de esses alunos estarem prestes a ingressarem no Ensino Médio.

Dentro desse contexto, decidimos iniciar a intervenção nessa turma, propondo uma atividade que pudesse atrair o interesse dos alunos e facilitar as atividades de produção textual, que, para eles, era algo muito difícil. Nesse sentido, buscamos trabalhar uma temática que estivesse mais próxima da realidade deles e que fizesse parte de um contexto sociocultural do qual eles faziam parte.

Assim, escolhemos a temática relacionada a uma arte predominante em duas comunidades, a do Comum e a dos Vieiras; nelas residem alguns discentes, o que também justifica o fato de termos escolhido essa turma. Essa temática se justifica porque é uma atividade realizada por pessoas que sempre viveram nessas comunidades, e que, de certo modo, fazem parte da história e da cultura delas e, conseqüentemente, também da vida de alguns dos alunos da turma, uma vez que são provenientes dessas comunidades. Portanto, também, parte deles tem até algum parentesco com as loiceiras (termo utilizado por eles para se referirem às mulheres que fazem os utensílios de barro), o que implica dizer que eles vivenciam de perto essa temática.

4.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O ARTESANATO DO BARRO

O artesanato do barro faz parte da cultura popular brasileira e, de acordo com Machado (2003), “[...] a arte do barro é uma atividade milenar existente há mais de 3.000 anos antes de Cristo”. Segundo a servidora da Fundação Joaquim Nabuco, Regina Coeli Vieira Machado, a arte do barro é uma herança deixada pelos índios, pois as índias utilizavam o barro para fazer brinquedos para os filhos e alguns utensílios. Usavam a criatividade e tintas naturais, inspirando-se na natureza para pintarem os objetos modelados. Mas, não podemos esquecer que a expansão da arte do barro, pelas mais diversas regiões brasileiras, deu-se com a chegada do negro aqui no Brasil.

Não podemos esquecer que nosso patrimônio cultural se deu pela junção das culturas: indígenas, africanas e europeia. E, no caso, tratando-se de cultura popular, não podemos esquecer da grande contribuição da arte artesanal trazida pelos negros, tanto no que diz respeito ao artesanato do barro quanto em outras formas de artesanato. Em depoimento de oleiros, em pesquisa realizada por ALVARES (2015), na cidade de Maragogipinho, o oleiro Netinho Mota diz: “[...] o nosso trabalho está entre as três raças: tem uma parte do índio, uma parte do negro e uma parte do português.” Para a autora:

O artesanato é o meio mais antigo de se fazer objetos, e, durante milênios, foi o único modo, a humanidade se constituiu por meio de artefatos feitos à mão até surgir, recentemente, a máquina. Para compreendermos melhor a formação histórica e a organização desses ofícios nos reportamos a épocas em que a sociedade, dividida em grupos autossuficientes, produzia bem para suprir as necessidades de sobrevivência. Cada um desses grupos constituía uma família, em seu sentido mais amplo, com escravos agregados e, mais tarde, os servos. (ALVARES, 2015, p. 109).

Como podemos observar, o negro sempre esteve agregado aos modos de produção do nosso artesanato, seja na modelagem do barro ou outro tipo de cultura artesanal, o fato é que o negro tem grande influência na constituição de nossa cultura. Voltando à reflexão sobre o trabalho com o barro, podemos perceber que a maior parte dos grupos que cultivam essa arte são formados por pessoas negras, alguns desses grupos pertencentes às comunidades quilombolas.

Assim, Machado (2003) nos diz que o artesanato do barro se expandiu por várias regiões brasileiras e ganhou um destaque bastante simbólico na região Nordeste, tendo no Pernambuco o seu maior representante, o artesão, Mestre Vitalino, que com suas esculturas em barro fez grande sucesso nacional e internacional. Todavia, essa cultura não se limita somente

à cerâmica ornamental; em várias regiões do Nordeste, essa arte ainda representa um valor simbólico da cultura popular brasileira, em vários outros estados, a exemplo, temos os estados do Rio Grande do Norte e do Ceará, os quais cultivam a arte do barro, tanto no que diz respeito aos objetos ornamentais como também aos utensílios domésticos.

Ainda encontramos, além das grandes olarias, onde se fabricam estátuas, jarros decorativos, dentre outros objetos, grupos de pessoas residentes em comunidades que fabricam utensílios de cozinhas, por exemplo, potes para armazenamento de água e também pequenas peças ornamentais.

Como se pode ver, no início desse tópico, a arte do barro é bastante antiga. Ela vem se perpetuando até os dias atuais, passando de geração para geração, os mais velhos vão passando para os mais novos o seu fazer artístico e estes passam para as futuras gerações. Nas comunidades onde se costumam trabalhar com essa arte, comumente ela é conhecida como a loiça de barro, e as mulheres que trabalham com o seu cultivo são chamadas de loiceiras.

Vale salientar que trabalhar com essa arte não é uma atividade fácil; as loiceiras da comunidade quilombola do Comum e a comunidade dos Vieiras, onde visitamos para constituir o nosso *corpus* de análise, relataram que trabalhar com essa arte é um ofício árduo, desde a coleta do barro, que nem sempre o encontram por perto de suas moradias, ao processo de modelagem dos objetos, o que requer bastante habilidade e paciência.

Depois de tudo feito, ainda tem que levar ao forno para passar pela queima, que é o que vai dar resistência aos objetos. Esse processo também é delicado, pois as loiceiras falam que algumas peças podem quebrar ao serem queimadas, quando, eventualmente, passam também do ponto.

Elas produzem peças de caráter mais utilitários, mas também algumas peças ornamentais. Porém, neste caso, deixam bem claro que continuam com o seu ofício por uma questão de preservação de um bem que aprenderam com os seus antepassados, e que, embora esse trabalho não renda tanto valor financeiro como antigamente, elas continuam trabalhando porque gostam muito de fazer o que fazem.

4.4 CONTEXTO HISTÓRICO, SOCIAL E CULTURAL DAS LOICEIRAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA COMUM E COMUNIDADE DOS VIEIRAS

Neste tópico, faremos algumas considerações sobre o contexto histórico das duas comunidades onde realizamos nossa pesquisa, isto é, a comunidade quilombola do Comum e a comunidade dos Vieras. Como estão localizadas entre dois municípios, São Miguel e Coronel João Pessoa, faremos, antes de tudo, uma breve menção a esses dois municípios, para melhor compreendermos a localização das comunidades.

De acordo com informações retiradas dos sites oficiais das prefeituras dos respectivos municípios, São Miguel é localizado no interior do Rio Grande do Norte, na região do Alto Oeste Potiguar, na microrregião da serra de São Miguel. Esse município fica situado a uma distância de 441 quilômetros de Natal, capital do estado potiguar.

Sua população, de acordo com o censo de 2010, do IBGE, é de 22.157 habitantes, sendo considerado o vigésimo quinto mais populoso do estado. Já Coronel João Pessoa é um município bem menor, com uma população de 4.772 (de acordo com o censo de 2010, do IBGE) ocupando, assim, a centésima décima nona posição, entre os municípios mais populosos do estado. Sua localização fica no interior do Rio Grande do Norte, na região do Alto Oeste Potiguar, e na microrregião da serra de São Miguel. Inicialmente, este município pertencia à cidade de São Miguel e foi emancipado no ano de 1963.

A comunidade quilombola do Comum e a comunidade dos Vieiras ficam situadas entre essas duas cidades; as pessoas que moram nelas chegam a fazer brincadeiras com relação à sua localização espacial. Dona Raimunda, uma das artesãs com quem conversamos, quando indagada sobre a qual município aquele local fazia parte, respondeu-nos em tom de brincadeira e com risos: “Aqui nós moramos nos dois municípios, minha filha, a cozinha da casa fica em São Miguel e a sala em Coronel João Pessoa”.

A partir dessa fala de Dona Raimunda, pudemos perceber que a demarcação de território dessas duas localidades é meio indefinida, pelo menos para as pessoas que habitam aquele espaço. Embora oficialmente a comunidade quilombola do Comum pertença à Coronel João Pessoa, e os Vieiras à São Miguel, as pessoas das duas comunidades muitas vezes se consideram micaelenses, até mesmo porque, para todas as suas atividades comerciais, para ter acesso à escola e à saúde pública, quase sempre elas se dirigem ao município de São Miguel.

Pelas nossas visitas e conversas com algumas pessoas dessas comunidades, pudemos perceber que a situação financeira das pessoas é um pouco precária, pois a maioria depende da agricultura para sobreviver, o que neste período de seca, nessa região, o modo de

sobrevivência fica bastante difícil. Muitos têm como fonte de renda apenas o auxílio dos Programas financiados pelo Governo Federal. Essa informação é comprovada quando essas famílias vão matricular os seus filhos e informam, no ato da matrícula, que o único dinheiro que entra em suas casas é do Bolsa-Família. Os mais velhos, entretanto, já conseguiram se aposentar e, portanto, têm uma fonte de renda razoável, dentro do padrão de vida adotado por eles.

No tocante à cultura, podemos dizer que essas comunidades trazem uma herança bastante significativa, de grandes valores históricos e sociais, como, por exemplo, o artesanato do barro, que ainda predomina no ofício de algumas mulheres as quais residem lá e que, embora esse trabalho não tenha o mesmo impacto econômico que já tivera anteriormente, ainda se perpetua em suas vidas, não só como um subsídio rentável, mas também porque faz parte da história de vida delas, de suas raízes e, sendo assim, elas continuam com esse fazer artístico, como forma de preservação cultural e encantamento.

Grande parte das pessoas que formam essas comunidades são negras, e a formação dessas duas comunidades são de origem quilombolas. No entanto, apenas a comunidade do Comum foi reconhecida, recentemente, como remanescente de quilombo, entretanto, na dos Vieiras, também vem sendo travada uma luta para que seja reconhecida. Porém, temos a consciência de que conseguir um processo de reconhecimento de uma comunidade quilombola não é tão fácil. Parece-nos que, quando se trata de reconhecer e fazer valer o direito de um grupo de negros, os processos não fluem da forma que gostaríamos.

Em conversa com Marília Oliveira, servidora da EMATER, coordenadora dos Programas de Agricultura Familiar, de Coronel João Pessoa, e a maior responsável pelo reconhecimento da comunidade do Comum, ela nos contou que não foi fácil conseguir êxito nessa luta, pois desde quando começou a desempenhar um trabalho com as pessoas dessa comunidade, encontrou muitos obstáculos, inclusive, as referências que teve sobre as pessoas desse lugar, logo que chegou à cidade de Coronel João Pessoa, foi de que elas eram pessoas revoltadas, agressivas e perigosas, no entanto, o que ela encontrou foi algo extremamente contrário ao que disseram.

Encontrou, segunda a mesma, pessoas carentes e desassistidas de todas as formas: carentes de amor, de carinho, de reconhecimento enquanto seres humanos; desassistidos de educação, saúde, condições socioeconômicas adequadas. Em outras palavras, pessoas literalmente abandonadas pelo Poder Público e vivendo em condições subumanas.

Marília Oliveira nos contou que começou a desenvolver algumas atividades e projetos sociais com essas pessoas e se surpreendeu com a forma como foi aceita por elas e, ao

contrário do que falaram, ela foi muito bem acolhida, com atenção, carinho e amor. Ela salienta, porém, que no início, os habitantes eram meio inibidos, e até meio arredios, talvez, na visão dela, receosos por não serem acostumados a receber alguém que, de fato, se preocupasse com eles, mas, logo que foram conhecendo o trabalho da coordenadora, passaram a tratá-la com outro olhar.

Quanto à questão do reconhecimento da comunidade como remanescente de quilombo, nossa colaboradora, Marília, relatou que foi uma luta muito árdua, e que, para ter êxito, teve que contar com a colaboração e parcerias de algumas pessoas, dentre elas, citou o empenho do atual prefeito da cidade de Coronel João Pessoa, o qual sempre a apoiou quando necessitou viajar para mediar o processo de reconhecimento, bem como em outros projetos que ela desenvolveu com o grupo. Entretanto, ela salienta que a luta ainda não acabou, pois apesar de já ter conseguido dar alguns passos na luta pelos direitos que as pessoas da comunidade têm, enquanto quilombolas, ela ainda encontra muitas barreiras para garantir que alguns direitos delas sejam assegurados.

Dentre os projetos que ela desenvolve, está o projeto de redução do pagamento de consumo de luz elétrica, pois para elas era muito difícil arcar com o pagamento da conta de luz, uma vez que, com exceção dos aposentados, os demais têm como fonte de renda apenas o dinheiro do Bolsa-Família. Dentre outros projetos desenvolvidos por Marília Oliveira, está o de Produção de Horticultura Orgânica e o de Avicultura; com esses projetos, ela espera que as pessoas da comunidade criem aves e plantem suas hortas, e com isso possam melhorar o padrão de alimentação.

Mas, por outro lado, a funcionária da EMATER salienta que há muito o que se fazer para melhorar um pouco mais as condições de vida das pessoas da comunidade, pois muitas delas ainda habitam em casas de taipas, sem banheiros, alguns já conseguiram casa de alvenaria, mas o banheiro é fora da casa. Além disso, falta água para o consumo diário, visto que há algumas cisternas, mas nem todas são abastecidas com frequência. E Marília, incansavelmente, dia a dia, vem travando uma luta para conseguir que a comunidade tenha um mínimo de seus direitos garantidos.

De acordo com os depoimentos das pessoas da comunidade, as dificuldades são muitas. Nesse contexto, além da falta de recursos financeiros, eles enfrentam problemas com relação à falta de estradas adequadas, para terem acesso à cidade. Segundo eles, as estradas são apenas veredas esburacadas e, quando arrumam, colocam apenas umas carradas de terras, que na primeira chuva são arrastadas pela água, causando atoleiros que dificultam o tráfego. Outro problema apontado pelas pessoas é a falta de transporte escolar para conduzirem as crianças à

escola, pois o carro que foi destinado para fazer o transporte delas, quase sempre está quebrado, e muitas vezes as crianças têm de andar a pé, por quilômetros, para irem à escola, e as que moram mais distante acabam deixando de ir.

Sobre a formação das comunidades, principalmente, a dos Vieiras, as pessoas com quem conversamos não souberam informar muito bem como ela se formou, pois elas informaram que seus pais viveram lá desde sempre, e eles já nasceram nesse local. Por isso, não se recordam sobre as primeiras pessoas que chegaram por lá. Já sobre a comunidade quilombola do Comum, conseguimos mais informações. A professora pedagoga, Raimunda Augusta, conhecida por todos pelo apelido de Neuza, moradora da comunidade durante muito tempo, e professora que lecionou para as crianças de lá por trinta e um anos, informou que as primeiras pessoas que chegaram ao local, em 1910, foram as famílias de Felipe e Mariana e Leandro e sua esposa.

De acordo com a professora, essas famílias atravessaram ‘os Quintos’ (pequeno povoado que deu origem à cidade de Coronel João Pessoa) e, seguindo veredas deixadas por animais, chegaram ao Comum, o qual era apenas um terreno imenso de matas fechadas. Ali, encontraram uma cacimba com água boa e, assim, resolveram fincar morada. Nesse processo, logo começaram a desmatar as terras e construírem suas casinhas de taipa. Segundo a professora, até os dias atuais, ainda têm sementes da família Felipe pelo Comum. Em seguida, em 1920, veio a família Paulo, vinda de Boa Esperança, e contavam que sua origem era dos tempos da vinda dos escravos. Pouco depois, em 1922, chegou a essas terras, a família Rodrigo, que também construiu sua morada por ali, logo mais a família Ezequiel.

Quatro anos depois, em 1926, veio seu Vicente com sua família e, em 1958, chegou nessas terras um famoso vaqueiro, chamado de João Borracheiro. Este tinha fama de valente e amedrontava homens e mulheres. Em 1961, chegou a família de seu Raimundo, uma família pobre, mas que trazia consigo a animação de seus instrumentos musicais e a devoção religiosa. Mais tarde, com a comunidade já formada, foram aparecendo algumas pessoas que davam aulas para os filhos das famílias que ali se formaram. Primeiro, foi seu Manu, que chegou e se instalou na casa de seu Algustinho Felipe. E daí por diante, a comunidade foi crescendo, contando atualmente com cerca de 70 famílias.

De acordo com Raimunda Augusta, na época em que a comunidade foi se formando, a situação era muito difícil, a pobreza era grande e, além disso, eles enfrentavam o medo constante de vaqueiros, os quais apareciam por ali e os perseguiam, chamando-lhes de cangaceiros. A comunidade recebeu o nome de Comum porque era uma terra sem dono, então, todos que ali chegavam, ficavam.

4.5 UMA REFLEXÃO SOBRE A HISTÓRIA DOS NEGROS E DA FORMAÇÃO DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS

Levando em consideração que as pessoas que habitam na comunidade quilombola do Comum e na comunidade dos Vieiras são, em sua grande maioria, pessoas negras, faz-se necessário refletirmos um pouco sobre a história dos negros e a formação das comunidades remanescentes de quilombos.

De acordo com Freyre (2003), há em todo brasileiro a influência do negro, seja na cor, na crença ou nas diversas formas de manifestação cultural. Para ele, “[...] todo brasileiro, mesmo o alvo, de cabelo louro, quando não na alma, no corpo – há muita gente de jenipapo ou mancha mongólica pelo Brasil – há sombra ou pelo menos a pinta do indígena ou do negro” (p. 367). O autor salienta que a influência do negro na formação cultural e social do povo brasileiro chega a ser superior à do índio, e até mesmo dos portugueses.

Os negros se destacavam dos índios, de acordo com a discussão proposta por Freyre (2003), também por sua alegria e modos de se divertirem, chegando a serem caracterizados como extrovertidos, enquanto que os índios foram considerados introvertidos. Essa característica se constituía, assim, como um traço distintivo entre negros e índios.

Outro traço de superioridade entre eles está associado à ideia de flexibilidade que, segundo Freyre (2003), em outras palavras, no início, o negro foi menos resistente à situação escravocrata do que o índio foi, no caso, em relação às imposições dos colonizadores. E, de acordo com Muniz (2011, p. 3), “[...] a contribuição do trabalho escravo foi fundamental para o desenvolvimento dos lugares em que eles viviam”.

A esse respeito, Albuquerque e Braga Filho (2006) nos dizem que, mesmo numa condição de escravos, os africanos representaram grandes influências “[...] no modo de viver e de sentir das populações com quem passaram interagir no novo mundo” (p. 43). De acordo com os autores, os negros não se limitaram a fazer somente o que lhes fora predestinado, como plantar, explorar as minas e produzir riquezas materiais. Eles foram muito mais além. Para os autores:

Os africanos para aqui trazidos como escravos tiveram um papel civilizador, foram um elemento ativo, criador, visto que transmitiram à sociedade em formação elementos valiosos da sua cultura. Muitas das práticas da criação de gado eram de origem africana. A mineração do ferro no Brasil foi aprendida dos africanos. Com eles a língua portuguesa não apenas incorporou novas palavras, como ganhou maior espontaneidade e leveza. Enfim, podemos afirmar que o tráfico fora feito para escravizar africanos, mas terminou

também africanizando o Brasil. (ALBUQUERQUE; BRAGA FILHO, 2006, p. 43).

No contexto social, entretanto, o negro não foi visto, nem pela sua capacidade técnica de desenvolver determinadas habilidades, tampouco por sua representatividade cultural. O fato é que o negro sempre foi submetido à condição de escravo, seja para realizar trabalhos braçais, seja para os serviços domésticos ou para servir de ama de leite (no caso das escravas), para os filhos das senhoras brancas e, portanto, até mesmo para servirem sexualmente aos senhores da Casa Grande.

De acordo com Muniz (2011), a história do homem na condição de escravo é bem mais antiga que a chegada de Colombo. No entanto, foi com as navegações que o homem passou a ser um produto comercializado. A pesquisadora nos diz que, dentre os vários países que comercializavam pessoas, a África se destaca como o maior exportador de escravos. Os negros transportados em navios, daí surge, portanto, a ideia de navios negreiros.

A autora salienta ainda que “[...] os portugueses foram os pioneiros do comércio escravo para as Américas, pois eles já usavam a mão-de-obra escrava em suas próprias plantações de açúcar, na ilha de Cabo Verde e Madeira.” (MUNIZ, 2011, p. 03). E, ainda, de acordo com a pesquisadora, a escravidão no Brasil perpetuou desde o período da colonização até a assinatura da Lei Áurea. Entretanto, nesse percurso, algumas lutas abolicionistas foram travadas em busca da liberdade do negro africano, sendo o maior símbolo de luta de defesa à liberdade, a figura de Zumbi. A esse respeito, a autora aponta que “[...] quando se evoca o nome de Zumbi forçosamente evoca-se o movimento dos quilombos. Movimento esse que deixou sua marca viva, a sua cultura que se perenizou na memória e práticas de seus descendentes” (*ibid*, p.04).

Na concepção de Albuquerque e Braga Filho (2006), os quilombos eram formados por negros que fugiam das fazendas onde eram escravizados, e se juntavam aos outros negros para lutarem por liberdade. Eram também o ponto de apoio que eles encontravam para garantirem sua subsistência e, para isso, contavam com o apoio de outros negros, alguns também fugitivos e outros já libertos. Para os autores, o quilombo dos Palmares, liderado por Zumbi, “[...] foi o mais duradouro e maior quilombo da história do Brasil.” (p. 120). É também, segundo os autores, tido como modelo para todas as outras formas de agrupamentos de negros, o que nos faz pensar que todos os quilombos eram localizados sempre muito distantes das fazendas e cidades.

Contudo, os autores salientam que “[...] em todo o país foram muitos os negros rebeldes reunidos em pequenos grupos nos arredores dos engenhos, fazendas, vilas e cidades,

em lugares conhecidos por seus senhores e autoridades.” (ALBUQUERQUE; BRAGA FILHO, 2006, P. 118). Na visão dos pesquisadores, essa localização dos quilombos nos arredores das cidades e das fazendas era o que mais causava inquietação e transtorno nas pessoas, culminando em perseguição e ataques constantes contra os negros.

E, precisamente, ainda que tenha havido toda essa luta de resistência dos negros contra a escravidão, não podemos negar que o sistema escravista que prevaleceu na África e nas Américas se tornou um estigma, que, até hoje, no contexto social contemporâneo, ainda perpetua. Mesmo assim, de forma mascarada, em pleno século XXI, em muitos contextos da sociedade brasileira, o negro continua sendo visto de forma estereotipada, ou seja, como aquele que veio para servir e que, portanto, não tem os mesmos direitos às condições dignas de sobrevivência que os brancos têm. Pouco se tem dado créditos às capacidades técnicas e/ou culturais que, de acordo com Freyre (2003), foram atribuídas aos negros como atributos de superioridade.

Eles ainda sofrem demasiadamente com atitudes preconceituosas. Em alguns casos, até mesmo nas escolas, os alunos negros sofrem preconceitos. Recentemente, conversando com os alunos sobre discriminação e preconceito racial, uma aluna negra relatou que já tinha sido vítima de preconceito racial dentro da sala de aula, por uma ex-professora. A aluna relatou que a professora a tratou por “negrinha vadia”. Um termo carregado de preconceito e bastante pejorativo.

Esse tipo de preconceito e discriminação racial acontecia, sobretudo, dentro da escola, de forma bem mais acentuada há alguns anos. Em entrevista concedida ao professor e pesquisador Dr. Gilton Sampaio, pelos negros de uma comunidade quilombola, na cidade de Portalegre, no Rio Grande do Norte, em março de 2018, uma das entrevistadas evidencia alguns tipos de discriminação dentro da escola.

A entrevistada relata que no tempo que frequentava a escola, onde a maioria era de pessoas brancas, sofria muitas discriminações, como, por exemplo, era tratada por “a negra”, quando se dirigiam a ela. Por outro lado, os brancos eram sempre privilegiados, principalmente, quando aconteciam apresentações, pois os alunos negros sempre ficavam de fora, e quando participavam de alguma apresentação, era representando os escravos acorrentados. No dizer dela, “os negros eram colocados no canto dos negros, não tinha um negro misturado com os brancos.”

4.6 MEMÓRIAS COLETIVAS E AS MEMÓRIAS DAS LOICEIRAS DAS COMUNIDADES COMUM E VIEIRA

As comunidades Comum e Vieira são formadas por pessoas que nasceram e cresceram nessas localidades, segundo elas, seus pais também viveram lá, desde sempre, porém as comunidades foram formadas em períodos anteriores a essas últimas gerações. Assim, para reconstruirmos a história da formação dessas comunidades, recorreremos às lembranças das pessoas que buscaram em suas memórias a história dos primeiros habitantes, que chegaram ao local quando este ainda era mata fechada.

Como bem nos diz Halbwachs (2006, p. 31), “[...] uma ou muitas pessoas juntando suas lembranças, conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e conseguem até reconstituir toda a sequência de nossos atos [...]”. Porém, segundo o escritor, para que nossa memória se aproveite da memória de outros, é necessário que haja muitos pontos de contatos em comum; é preciso que as memórias concordem entre si. “Não basta reconstituir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento para obter uma lembrança. É preciso que essa reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também nos dos outros.” (HALBWACHS, 2006, p.39).

Assim, quando os membros da comunidade do Comum iam falando sobre as primeiras famílias que chegaram por lá, D. Raimunda Augusta, a professora que fez a fala inicial sobre a história da comunidade, sempre se remetia às histórias já contadas por outros, e sempre procurava a concordância de um senhor que estava ao seu lado. Ele também se recordava de lembranças comuns às dela, quando um esquecia do nome de uma dada família, o outro complementava e assim iam reconstituindo a história da formação da comunidade.

De acordo, Bosi (1994, p. 46-47)

A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência.

No dizer da escritora supracitada, é por meio da memória que retomamos o passado para trazer até o momento atual fatos, acontecimentos que ocorreram e que fazem parte da história de um povo e que pode ser representada pelas lembranças individuais e/ou coletivas. Para a autora, “[...] a lembrança é a sobrevivência do passado. O passado conservando-se no

espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembrança.” (p. 53). É, pois, a partir dessas imagens-lembrança, que os membros da comunidade do Comum contam como ocorreu sua formação. Eles se remetem às lembranças que têm dos seus antepassados e, juntando o que ouviram, mais o que o outro também ouviu de outros, vão remontando a história.

Vale salientar que essas lembranças sobre a comunidade são mais constantes nas pessoas mais velhas da localidade. Como bem nos diz Bosi (1994), as lembranças de pessoas mais velhas são bem mais desenvolvidas, pois elas viveram bem mais experiências familiares e culturais que conferem um desenho mais definido da memória. Para a escritora, os mais velhos conseguem distinguir melhor o presente do passado, diferentemente de uma pessoa jovem ou adulta que ainda se encontra em conflito entre esses dois momentos.

De acordo com ela, uma pessoa jovem ou adulta se ocupa mais do tempo presente, enquanto que os velhos têm uma função social de lembrar. No dizer da autora, os velhos não se contentam com o presente, eles buscam constantemente as lembranças do passado e conversam com outros velhos sobre coisas que já viveram.

4.7 INTERVENÇÃO E CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

A nossa intervenção aconteceu na Escola Estadual Padre Cosme, no segundo semestre, mais especificamente no último bimestre do ano letivo de 2017, entre os meses de novembro e dezembro, período em que aconteceram as oficinas. Antes de iniciarmos a realização das oficinas, todos os alunos da turma foram reunidos na sala de leitura da escola, onde tivemos uma conversa sobre o trabalho de intervenção.

Na ocasião, foi feita toda uma exposição do objetivo do trabalho e da importância de sua realização. Explicitamos também os motivos pelos quais tínhamos escolhido essa temática e, dessa maneira, ressaltamos a nossa satisfação em ter escolhido aquela turma para participar das oficinas. Em momento algum, dissemos que esse trabalho era uma imposição ou uma obrigação que eles deveriam cumprir, pelo contrário, perguntamos se os alunos aceitariam participar das atividades.

Deixamos claro que só passaríamos a convidar outra turma se eles não concordassem em aceitar a nossa proposta. Os alunos demonstraram uma certa empolgação em aceitar a proposta, mas ficaram um pouco receosos em não obterem sucesso, pois deixei claro que o produto final de nossas atividades seria a produção de um texto. Mas, ainda sim, eles concordaram em participar.

O desafio estava lançado, contudo, antes de iniciarmos os trabalhos com os alunos, realizamos visitas nas comunidades para captar informações sobre a temática. Feito o primeiro contato com a nossa colaboradora, Dona Raimunda Nonata da Silva, a maior representante das loiceiras na comunidade quilombola do Comum e na comunidade dos Vieiras. Voltamos à escola para conversar com o núcleo gestor sobre nossas intenções, como também para pedir apoio. Encontramos neles a aprovação de que precisávamos para darmos início às nossas atividades.

Começamos as nossas oficinas no início do mês de novembro e, a princípio, utilizamos as aulas de Língua Portuguesa para a execução de nossas atividades. Posteriormente, contamos com a colaboração do professor da disciplina de Arte, o qual nos cedeu algumas aulas para que pudéssemos desenvolver as ações.

Na primeira oficina, nós elegemos como tema “o artesanato do barro como fonte de renda”. Nessa oficina, tivemos como objetivo possibilitar que os alunos tivessem conhecimento desse fazer artístico, reconhecendo-o como parte constituinte da cultura local de um povo. Tivemos, neste momento, a oportunidade de ouvir os alunos sobre o que eles já conheciam acerca do trabalho com o barro. Em seguida, exibimos um documentário que falava sobre o trabalho das loiceiras de Kariri-Xocó – Alagoas.

Discutimos o documentário, momento de bastante empolgação dos meninos ao discutirem sobre o encantamento desse trabalho com o barro, e também o reconhecimento dessa arte como algo próximo deles, pois alguns dos alunos conviviam com esse trabalho artesanal, já que eram parentes das artesãs. Nesse momento, eles se mostraram interessados em irem conhecer de perto essa atividade artística, nas comunidades do Comum e dos Vieiras.

Para encerrar essa oficina, pedimos que os alunos pesquisassem outros locais em que ainda se cultivam essa arte, se possível, conversassem com alguns familiares que tiveram experiências com algum objeto feito do barro. Nessa atividade, os meninos tiveram a oportunidade de ver a importância dessa arte, não só como uma fonte de renda para pessoas que trabalham com ela, mas também como uma raiz cultural do nosso povo.

A segunda oficina, com o tema “Origem do artesanato do barro e sua cultivação nos dias atuais”, propiciamos um momento de discussão, possibilitando ao aluno uma reflexão sobre a importância da arte do barro na vida das pessoas, assim como sua relevância cultural na sociedade em que vivem. Nessa ocasião, os alunos socializaram os resultados de suas pesquisas sobre a arte do barro e as experiências de seus familiares com os utensílios feitos do barro. Esse momento foi bastante gratificante, pois pudemos observar na fala e no olhar de cada um a emoção que sentiam ao falar dessas experiências. Alguns contaram as suas próprias

experiências, de quando eram crianças e suas mães utilizavam a panela de barro para cozinhar, o pote para armazenar a água, as coisas que a mãe colocava encostadas ao pote para mantê-las frias. Alguns chegaram a lacrimejar os olhos, por relembrares momentos significativos.

Com essa oficina, pudemos observar o quanto essa arte popular fazia parte do contexto de cada um daqueles alunos, posto que eles ‘falavam com a alma’, com uma emoção imensa. Esse momento foi bastante motivador, uma vez que os alunos se mostraram bem empolgados em reviver momentos que marcaram o período da infância. E também pelo fato deles começarem a resgatar valores culturais que fazem parte da vida, e que alguns deles não viam o trabalho com o barro como algo importante.

Eles viam constantemente suas avós e/ou tias fazendo esse trabalho, mas não o valorizavam como arte. Vale lembrar, aqui, que apenas um ou outro aluno falou que não tinha lembrança desse tempo em que essa arte se fez presente na vida deles, contudo, ainda assim, demonstravam interesse.

A terceira oficina, com o tema “Conhecendo o trabalho das loiceiras, foi o momento em que levamos os nossos alunos a conhecer de perto o trabalho artístico com o barro, realizado na comunidade quilombola do Comum e na comunidade dos Vieiras. Nessa oficina, tivemos a oportunidade de conversar com Dona Raimunda, uma senhora que mora entre as duas comunidades.

Ela é também umas das mais antigas artesãs que trabalha com essa arte e nos contou toda a sua história com a arte do barro. Falou de sua luta e de sua satisfação em fazer o que faz, mostrou o passo a passo dessa atividade, e os alunos escutaram toda a história com entusiasmo e com uma atenção que jamais tinham tido durante as aulas, no espaço da sala de aula. Foi um momento de muitos ensinamentos e muito gratificante, tanto para nós, enquanto professores, quanto para os alunos. Vale ressaltar ainda que nessa oficina contamos com a presença do diretor da escola, o qual nos deu todo apoio para realizar tal tarefa.

Nessa oficina, os meninos ficaram à vontade para perguntar sobre todas as curiosidades, sobre a arte do barro. Fizemos uma espécie de entrevista coletiva semiestruturada, ou seja, conforme D. Raimunda ia relatando sua história, eles iam fazendo perguntas diversas, sobre como fazer todo o processo, como ela aprendeu a fazer toda a sua arte, quais as dificuldades, como se dava a comercialização dos utensílios produzidos, dentre outras questões. Vale lembrar que, a partir da escuta desse relato de Dona Raimunda, os alunos estariam colhendo informação para produzirem os seus relatos.

A quarta oficina teve como tema: “Gênero relato histórico e argumentação em foco”. Nessa oficina, fizemos uma exposição sobre o gênero relato histórico, buscando mostrar

para os nossos alunos como se dá o processo de escrita dessa forma de texto. Nessa atividade, fizemos a leitura de alguns textos que se incluíam nesse gênero, discutimos as ideias contidas nos textos e identificamos algumas de suas características, bem como sua forma de construção. Analisamos também alguns textos (frutos de um trabalho também de intervenção realizada por uma professora da região) produzidos por alunos de Ensino Fundamental, de outra escola, para que eles tivessem ao alcance textos mais próximos de sua linguagem e, com isso, percebessem que eles também seriam capazes de produzirem seus próprios textos.

Nessa ocasião, ressaltamos que os textos que estávamos estudando tinham sido produzidos por alunos, os quais também tinham as mesmas dificuldades que eles. Assim, os discentes puderam ver o processo de produção textual não tão distante da realidade deles. Geralmente, quando levamos textos de escritores já consagrados, eles costumam achar que não são capazes de produzirem os seus próprios.

Nessa mesma oficina, trabalhamos um pouco sobre os processos argumentativos que utilizamos constantemente em nossas produções textuais, nas mais diversificadas situações de comunicação, sejam elas escritas ou orais, independentemente de gênero ou tipo textual. Buscamos levar os alunos a refletirem sobre a argumentação, como e quando eles fazem uso dela. Como eles se posicionam diante das situações que lhes são impostas.

A quinta oficina foi realizada com o tema: “Pondo em prática o que aprendemos”. Nesse momento da intervenção, os alunos começaram a produzir a primeira versão do texto, com base no que estudaram sobre o gênero, bem como nas informações colhidas com Dona Raimunda e Dona Maria Célia, loiceira vizinha de D. Raimunda, a quem fizemos uma visita para comprarmos algumas loiças, na ocasião da visita às comunidades.

Essa tarefa foi muito árdua e desafiadora, pois os alunos, como já falamos anteriormente, em outro tópico dessa sessão, apresentavam muitas dificuldades de escrita, e ainda que a temática se aproximasse da realidade deles, os mesmos apresentaram um pouco de resistência, dizendo-se incapazes de realizar a tarefa. Entretanto, os que se propuseram a escrever o texto, mesmo não atendendo fielmente o gênero textual/discursivo solicitado, no caso, o gênero relato histórico, conseguiram um certo avanço na escrita, principalmente, depois da reescrita.

Na ocasião dessa atividade, pedimos aos alunos que eles fossem escrevendo os seus textos com base no que tinham apreendido na conversa com as loiceiras, e deixamos claro que aquela seria a primeira versão do texto, por isso eles fossem colocando as ideias deles sem muita preocupação de estarem certos ou errados, pois, posteriormente, iríamos trabalhar nos textos, para aperfeiçoá-los. A dificuldade foi muita, principalmente, ao iniciarem o texto, mas

aos poucos as ideias foram fluindo. Evidentemente, eles reproduziram quase que fielmente o relato das loiceiras e os textos ficaram muito semelhantes.

A sexta e última oficina teve como tema: “Repensando os nossos textos”. Essa oficina tinha como objetivo refletir sobre a escrita dos alunos. Nessa etapa, propomo-nos a avaliar a forma de escrita dos nossos alunos, em conjunto com eles, de modo que pudessem rever suas formas de escrita e, desse modo, melhorarem os seus respectivos textos. Essa atividade ocorreu em alguns momentos. Primeiramente, em sala de aula, os alunos fizeram uma exposição do texto deles e em seguida discutimos alguns procedimentos de reescrita coletiva.

Depois fizemos atendimento individualmente, a fim de auxiliar a reescrita do texto, buscando mostrar os possíveis desvios de escrita nos mesmos. Para tanto, marcamos encontros no contraturno, com pequenos grupos ou chamávamos um por um, em um espaço fora da sala de aula, para que o atendimento individual acontecesse. Após essa etapa, os alunos concluíram a versão final de seus textos, assinaram o termo de consentimento, para que pudséssemos utilizá-los em nossas análises, e, assim, demos por encerrada a nossa proposta de intervenção.

Confessamos, porém, que essa não foi uma atividade fácil de ser realizada, pois se os alunos apresentaram resistência em fazer a versão inicial do texto, a resistência foi ainda maior para refazê-los, visto que, para eles, um texto está pronto e acabado logo na primeira escrita. Um aluno não quis de forma alguma refazer os seus textos e, sendo assim, acabou desistindo da etapa final do processo de escrita.

Ao chegarmos ao final das oficinas, depois de alguns dias de muito trabalho e persistência, vimos que o trabalho foi muito produtivo e, apesar de os textos não terem saído exatamente da forma que pretendíamos, pudemos perceber que os alunos conseguiram produzir relatos bem coerentes com o tema pesquisado.

Desse modo, percebemos também, alguns avanços na escrita deles. Avanços estes bastante significativos, tanto com relação aos fatores de sequência lógica da progressão textual, como também no tocante à ortografia. Para efeito de ilustração, faremos, a seguir, a exposição de um quadro das seis oficinas realizadas.

Tabela 1: Oficinas desenvolvidas na intervenção

Nº	TÍTULO	OBJETIVO	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS
1ª	O artesanato do barro como fonte de renda	Possibilitar que o aluno conheça o artesanato do barro compreendendo essa arte como parte	➤ Predição sobre o conhecimento prévio dos alunos sobre o artesanato do barro. ➤ Conversa sobre as experiências acerca dos objetos produzidos do barro;

		constituente da cultura local de um povo.	➤ Exibição de documentários sobre pessoas que trabalham com essa arte; ➤ Discussão acerca dos documentários; ➤ Pedir que os alunos pesquisem sobre a origem dessa arte e os locais onde ela ainda é cultivada nos dias atuais.
2ª	Origem do artesanato do barro e sua cultivação nos dias atuais	Levar o aluno a refletir sobre a importância da arte do barro na vida das pessoas e sua relevância cultural na sociedade em que vive.	➤ Socialização e discussão dos resultados da pesquisa realizada pelos alunos acerca da origem do artesanato do barro; ➤ Conversa sobre a importância da cultura do artesanato do barro para as pessoas que vivem dessa arte e para as pessoas da comunidade; ➤ Discussão oral sobre as opiniões dos alunos acerca do artesanato barro.
3ª	Conhecendo o trabalho das loiceiras	Compreender o processo de produção dos objetos feitos do barro, bem como sua importância para as pessoas que os produzem.	➤ Visita dos alunos às comunidades do sítio Vieira e do sítio Comum, para conhecerem de perto o fazer artístico do artesanato do barro. ➤ Filmagens e fotografias das artesãs exercendo sua arte; ➤ Conversas com as artesãs sobre a trajetória dessa atividade artística, bem como sobre a importância dessa arte na vida delas.
4ª	O gênero relato histórico e argumentação em foco	Conhecer e o gênero relato histórico e aprender o processo de escrita do mesmo.	➤ Exposição do gênero relato histórico; ➤ Estudo das características e da linguagem do gênero relato histórico; ➤ Explicação sobre teses e argumentos presentes no relato histórico; ➤ Análises de relatos históricos para identificação de teses e argumentos.
5ª	Pondo em prática o que aprendemos	Produzir um texto do gênero relato histórico retratando aspectos importantes do trabalho das loiceiras.	➤ Elaboração de um esquema com as informações obtidas ao longo das outras oficinas sobre o artesanato do barro e do fazer artístico das loiceiras da comunidade Vieras e Comum; ➤ Produção textual do gênero relato histórico.
6ª	Repensando os nossos textos	Rever o texto produzido para detectar alguns aspectos textuais, gramaticais e composicionais, inadequados à construção do texto.	➤ Atividade em grupo para discussão dos textos e identificação dos principais problemas ocorridos; ➤ Exposição do texto de um dos alunos (sem identificar o autor) para apontamentos de inadequações comuns à maioria dos textos. ➤ Encaminhamento dos textos para reescrita da versão final.

Fonte: Elaborada pela autora.

O trabalho interventivo foi direcionado a todos os alunos da turma que elegemos para executar a nossa intervenção, no entanto, dos 35 alunos que faziam parte da turma no momento em que demos início às oficinas, 08 deles não quiseram se envolver com a atividade, pois, de acordo com eles, sabiam que não iam passar de ano e que, portanto, não iam participar das tarefas. Esses alunos pouco iam para as aulas e quando iam não interagiam, e por mais que tivéssemos conversado com eles, na tentativa de convencê-los a produzirem o texto, não obtivemos sucesso. Vale ressaltar que esses alunos foram exatamente os que ficaram reprovados, tanto por infrequência quanto por aproveitamento de conteúdo. Os outros 27 conseguiram ir até o final da intervenção, com exceção de um que não quis fazer a versão final do texto. Dessa forma, ao final da intervenção, conseguimos 26 produções textuais, das quais escolhemos 13 textos para, desse modo, constituir o nosso *corpus* de análise.

Nesse caso, a escolha dos textos se deu mediante alguns critérios estabelecidos previamente por nós. Assim, tendo em vista que o objetivo dessa pesquisa é analisar os processos argumentativos, utilizados pelos alunos em um tipo textual narrativo, mais especificamente, no gênero relato histórico, optamos por escolher textos que mais se aproximaram do gênero solicitado. Nesse repertório também continham posicionamentos seguidos de argumentação, em relação à temática abordada. Também fará parte do nosso *corpus* de análise a fala da nossa colaboradora, Dona Raimunda Nonata da Silva.

5 ANÁLISE DOS PROCESSOS ARGUMENTATIVOS EM DISCURSOS SOBRE AS LOIÇAS DE BARRO

Nos capítulos anteriores, traçamos uma discussão teórico-metodológica, tanto no que diz respeito ao ensino de Língua Portuguesa como também no âmbito dos estudos da argumentação. Buscamos fazer um breve histórico sobre a argumentação, desde sua origem até o surgimento da nova retórica, proposta por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005). Ao longo dessa discussão, pudemos perceber que a argumentação está presente nos nossos discursos independentemente de gênero ou sequência textual. Seja contando uma história, percorrendo sobre um assunto qualquer ou nas conversas informais do dia a dia, fazemos uso de determinados processos argumentativos, como, por exemplo, emitir pontos de vista ou defender posicionamentos com vista a convencer ou persuadir alguém.

Desde sempre, argumentamos de forma espontânea, como bem nos diz Souza, Bessa e Silva, p. 430), em entrevista concedida à revista *Diálogo das Letras*, “[...] qualquer criança de cinco anos é capaz de argumentar, quando os pais a proíbem, por exemplo, de ver televisão à noite dizendo coisas como – *mas você deixou meu irmão ver televisão ontem à noite.*” Nesse sentido, a criança compreende que não é justo que o irmão possa ver televisão nesse horário e a ela seja negado esse direito. Assim, espontaneamente, ela protesta contra a atitude dos pais, fazendo uso do argumento por regra de justiça.

É partindo, pois, dessa discussão, que iremos, nesse capítulo, interpretar o nosso *corpus* de estudo, buscando identificar e analisar os processos argumentativos utilizados por nossos oradores em seus discursos. O nosso *corpus* é composto por uma transcrição da fala de D. Raimunda Nonata da Silva, uma senhora artesã, que trabalha com a produção de utensílios feitos com o barro, e por 13 textos produzidos pelos alunos, com base na conversa de Dona Raimunda.

O procedimento da análise ocorrerá da seguinte forma: primeiramente, analisaremos os processos argumentativos (tese, hierarquias de valores e os recursos de presença) na transcrição da fala de D. Raimunda. Assim, utilizaremos excertos para comprovar cada um dos processos identificados, e colocaremos o texto da transcrição na íntegra, em anexo. Depois analisaremos as produções textuais dos alunos, seguindo o mesmo procedimento de análise.

5.1 TESE, HIERARQUIA DE VALORES E RECURSOS DE PRESENÇA NA FALA DE D. RAIMUNDA

Aqui, daremos início à análise da primeira parte do nosso *corpus*, que é constituída pela transcrição da fala de D. Raimunda, no momento em que ela nos contava sobre sua arte do barro, desde quando ela teve o primeiro contato com esse fazer artístico até os dias atuais.

Partindo dessa discussão, procuramos identificar, interpretar e analisar os processos argumentativos que estão presentes na fala de D. Raimunda, como, no caso específico, a tese, as hierarquias de valores e os recursos de presença. Inicialmente, buscaremos identificar a tese apresentada por nossa oradora sobre o seu fazer artístico.

D. Raimunda é uma senhora de 74 anos, mora na divisa das comunidades Vieiras e quilombola do Comum. Ela trabalha com a arte do barro desde seus sete anos de idade e, dentre as loiceiras da região, tem grande reconhecimento artístico, não só pelas pessoas do local, como também pelas pessoas das localidades vizinhas.

Ao falar de sua arte, já no início, ela começa defendendo a tese de que sua arte faz parte de sua história de vida, desde sua infância, e não é simplesmente pela questão econômica que ela segue adiante com esse trabalho. Para ela, continuar trabalhando com o barro é uma questão de manter viva uma tradição cultural que sempre esteve presente na sua vida, desde seus antecessores, e que faz com que ela se mantenha viva até hoje, não mais pela questão financeira, mas por uma forma de amor, de entretenimento e, até mesmo, de exercício físico. Podemos perceber isso em algumas partes da transcrição de sua fala como, por exemplo, nos excertos abaixo:

Excerto 01:

Bom, minha arte desde pequeninha, desde quando eu nasci pequenininha, minha mãe trabalhando, eu de 6 – 7 ano era ela trabalhando e dizendo: traz fogo, fogo pra mim acender o cigarro! E comecei a levar fogo e bulindo, bulindo e quando fui crescendo mexendo também e aprendi e desde que já tenho 73 dentro de 74 ano e minha arte é essa e amo minha arte. As meninas briga é muito pra eu deixar. Mãe, mãe não precisa não, o dinheiro de mãe não dá não? Eu digo dá, mas eu acho bom mexer aí pronto... na semana que eu quero fazer eu faço, na semana que eu não quero aí eu não faço. Mas eu acho bom. Aí os meninos fica brigando, brigando.. um briga e outros diz bula, bula, mãe... que eu tenho problema nos ossos, diabetes... Aí elas diz assim: ah se mãe parar, mãe fica toda dura, mãe vai ficar toda aleijada. Eu digo pois deixe eu mexer (risos) pois é...

Excerto 02:

Mamãe, minha avó era loiceira, minha mãe. Aí aprendei com elas. Depois que aprendei com elas aí pronto... uma comadre também que eu tinha, comadre Marina, era uma loiceira bem boa. Comadre Maria, tudo fazia. Comadre Maria foi quem ensinou essa menina minha mais um neto de Abigail, um filho da Abigail, num torno que tá guardado lá na casa dela. Ela morreu, tem a casa velha lá, mas tão com o torno lá guardado. Pra fazer essas coisas, essas travessas é no torno, mas aí ela foi quem ficou com esse torno que era numa casa de farinha que tinha ali. Mas aí só quem aprendeu foi minha menina e o irmão desse menino de comadre Abigail de..de.. (como é, André?) Alfredo que tá em São Paulo. Ele aprendeu. Aí levaram o torno pra lá, a velha morreu, a filha é quem tem. Não deu a ninguém, aí faz só manual mesmo. Na mão.

Nos excertos acima, podemos perceber que, para ancorar a tese de que a continuação do trabalho com a arte do barro, nos dias atuais, não é mais uma questão de dinheiro, ela se utiliza de alguns valores abstratos, como, por exemplo, o amor, a herança cultural e a saúde. Estes são colocados no contexto atual, em que D. Raimunda se encontra, como algo superior ao dinheiro que ela pode obter com sua arte. Ao ser questionada pela filha sobre se o dinheiro que ela tem não dá para suprir suas necessidades econômicas, ela responde que dá sim, mas acha bom fazer o que faz, então faz.

Dessa forma, nossa oradora deixa claro que continua com esse trabalho por amor e não pelo dinheiro. No tocante ao valor da herança cultural, ela nos diz que aprendeu essa arte com sua mãe, a qual já aprendeu com sua avó, e menciona a presença de sua comadre, que também passou esse ensinamento adiante. Isso leva o auditório a compreender que esses valores culturais são heranças das gerações passadas. Nossa oradora utiliza, ainda, o valor saúde, quando ela concorda com os filhos, os quais dizem que se ela parar com sua arte, terá sua saúde afetada, como, por exemplo, travar sua musculatura e parar de andar.

Como podemos observar na fala de D. Raimunda, os valores variam de pessoa para pessoa. Os filhos e netos já não conservam os mesmos valores que ela, na juventude. Os tempos eram outros, antigamente, digamos de passagem, as pessoas não contavam com os recursos tecnológicos dos quais dispõem na atualidade. Podemos ver isso claramente no excerto 03 da transcrição da fala de D. Raimunda:

Excerto 03:

Criei sete filho, meus filhos são sete filho. Meu marido me deixou o último com ele sentando no colo e já tem 4 e. (quantos anos teu pai tem? 44?) 44. Criei tudinho e graças a Deus nenhum passaram fome. Passaram precisão porque no meu tempo não existia a riqueza que hoje, o luxo que tem hoje em dia, as coisas tudo eram mais pobre, mas era

mais sadio. Graças a Deus criei sete filho nunca vivi em pé de doutor com meus filho pra viver consultando em diversidade nenhuma. Eu botava uma caiga no jumento eu e a mãe desse menino de Bastião. Cada uma com uma caiga, botava um menino dentro de um, ou menino dentro de outro, outro no meio da cangaia e ia vacinar lá naquele posto do centro. Ali, o canto que nós vacinava os filho. Eu mesmo... às vezes digo aqui as meninas, às vezes chego lá elas diz assim: ô como eu tô cheia de dor!, ô como eu tô com isso!, ô eu fiz isso!. Eu digo: mas vocês têm muita preguiça! O que foi o serviço que vocês fez hoje? Lavar prato e barrer casa é serviço de mulher? A mãe dessa daqui, que é minha nora, chego lá ela diz: Ô, meu Deus, tanta dor... ela tem duas moças... Ô, meu Deus! Aí eu vou digo: o que é, mulher? O que foi? Barrer terreiro, barrer casa, lavar prato é serviço de cansar mulher? Eu digo: quanto mais se vocês tivesse pilado no pilão que nem antigamente nós pilava o milho ou o arroz era no pilão, o milho era no moinho, o café era no pilão, tudo isso eu fazia. Deixar almoço, os alguidar de almoço na roça com um bucho que era em age de nem poder tudo isso eu fiz e tou aqui com essa idade ainda. Não, mãe tem mais saúde que nós, tem mais coragem que nós. Eu digo: eu só não tenho saúde, mas coragem eu tenho. Não tenho medo de serviço não. Agora não posso mais fazer porque a idade não presta mais não, mas ainda fico tentando ainda.

Como podemos observar nesse excerto, os valores presentes na fala de D. Raimunda já são hierarquizados de outra forma. Nesse contexto, em que ela se encontra, com a ausência do marido e com sete filhos para criar, o trabalho dela, com a sua arte, não é uma questão somente de amor, mas de necessidade, de sobrevivência.

Ela agrega, nesse caso, o valor de responsabilidade, assumindo, assim, a posição de chefe de família, sustentando sua família. Notamos também a presença do valor coragem se sobrepondo ao valor preguiça e ao medo. Pois, na concepção de D. Raimunda, as pessoas de antigamente eram bem mais corajosas do que as do tempo atual. No seu dizer, antigamente, as pessoas trabalhavam bem mais, em serviços bem pesados, e tinham bem mais disposição para trabalhar, enquanto que as de hoje fazem apenas o básico, como no caso das donas de casa.

A mãe dessa daqui, que é minha nora, chego lá ela diz: “Ô, meu Deus, tanta dor”... ela tem duas moças... “Ô, meu Deus!” Aí eu vou digo: o que é, mulher? O que foi? Barrer terreiro, barrer casa, lavar prato é serviço de cansar mulher? Eu digo: quanto mais se vocês tivesse pilado no pilão que nem antigamente nós pilava o milho ou o arroz era no pilão, o milho era no moinho, o café era no pilão, tudo isso eu fazia. Deixar almoço, os alguidar de almoço na roça com um bucho que era em age de nem poder. Tudo isso eu fiz e tou aqui com essa idade ainda. (Fala de D. Raimunda)

Aparece nessa situação, também, o valor saúde que igualmente aos outros valores sofre alteração mediante a mudança dos tempos. Como podemos perceber, a mudança de valores não só ocorre em decorrência da mudança de tempo, mas também de pessoa para pessoa, pois os valores preservados por D. Raimunda não são os mesmos de suas filhas e suas netas.

A hierarquização, na fala da entrevistada, acontece também entre os valores riqueza, luxo, pobreza, simplicidade, saúde. Ao dizer “[...] criei tudinho e graças a Deus nenhum passaram fome. Passaram precisão porque no meu tempo não existia a riqueza de hoje, o luxo que tem hoje em dia, as coisas tudo eram mais pobre, mas era mais sadio.” Nossa oradora deixa claro que no tempo em que ela trabalhava para sustentar os filhos, era possível garantir o sustento de sua família, assegurando-lhes apenas o básico, já que naquela época tudo era mais difícil por não existirem as facilidades de hoje em dia, mas salienta que apesar de tudo isso as pessoas tinham mais saúde.

No discurso da nossa oradora estão presentes também alguns recursos de presença, como por exemplo, nesse trecho do excerto 01:

Bom, minha arte desde pequeninha, desde quando eu nasci pequenininha, minha mãe trabalhando, eu de 6 – 7 ano era ela trabalhando e dizendo: traz fogo, fogo pra mim acender o cigarro! E comecei a levar fogo e bulindo, bulindo e quando fui crescendo mexendo também e aprendi... (Fala de D. Raimunda)

Nesse trecho, nossa oradora faz uso da descrição para ilustrar como foi o processo de aprendizagem de sua arte e reafirmar que aprendeu a arte do barro ainda criança, quando observava sua mãe trabalhando. Além disso, percebemos características típicas de locais rurais, onde as crianças colaboram de algum modo com o ofício dos pais, “[...] era ela trabalhando e dizendo: traz fogo, fogo pra mim acender o cigarro! E comecei a levar fogo e bulindo, bulindo e quando fui crescendo mexendo também e aprendi...”

Para reforçar o efeito do recurso de presença, a oradora faz uso da figura de presença repetição, quando diz: “[...] desde pequeninha, desde quando nasci pequenininha.” Com essa figura, D. Raimunda reforça a ideia de que a arte de fazer barro sempre esteve presente em sua vida, e foi por intermédio de sua mãe que ela foi aprendendo a fazer também.

Em outros momentos de sua fala, D. Raimunda usa mais uma vez o recurso de presença para ampliar o sentido de seus argumentos. No excerto a seguir, podemos perceber isso claramente.

Excerto 04:

É, o trabalho é grande. Isso aqui quando for amanhã eu vou botar um barro vermelho. Nós chama coá, eu vou passar, aí tem umas pedrinhas ali pra gente ficar alisando, cabar nós vamos passar aquelas sacolas brancas pra ficar bem espinhentazinha, pra poder botar no forno pra queimar. Aí a lenha já está ali. Comprei trezentos real de lenha a Edmilson Alves. É uma mão de obra danada, mas ...

[...] não faz tudo de uma vez não. Ói, foi feita ontem, hoje já tirei o pé, amanhã se eu quiser queimar, já queimo, mas estou enrolando pra deixar só pra sexta-feira. tô enrolando já na rede e em pano pra deixar só pra sexta-feira, mas se quiser queimar amanhã já dá pra queimar. Quando for amanhã já queima.

[...] É cada um é um dia diferente, amanhã eu vou grosar, passar pedra nelas, aí quando for a depois de amanhã se Deus quiser aí eu vou e enfurno, aí sábado...

[...] Umas três horas, três horas. De esquentar pra queimar, umas três horas.

[...] No outro dia é que tira...

[...] Não vai tirar no mesmo dia não que é quente. É enfurnado no forno ali, depois vocês vão ali no forno pra ver como é que é, coberto com um bucado de caco.

Diante do excerto acima, podemos observar que a oradora, para convencer o seu auditório, de que a arte com o barro é uma atividade que exige tempo e muito esforço, ela narra todo o processo de produção dos objetos que ela produz, descrevendo o passo a passo, desde o início da produção ao momento de levar os objetos ao forno, para serem queimados. Vale ressaltar que, ao narrar essa história, ela ia mostrando as ferramentas que utilizava em cada processo e, assim, fazendo demonstração nos objetos que estavam lá, no local onde ela trabalha. Dessa forma, o auditório ia se convencendo de que esse trabalho com o barro, além de demorado, é uma atividade que exige muita dedicação, habilidade e paciência, mas extremamente interessante.

No quadro abaixo, faremos uma síntese dos processos argumentativos analisados na fala de Dona Raimunda, ou seja, as teses defendidas por ela, as hierarquias de valores e os recursos de presença.

Tabela 2: Teses, valores, hierarquias e recursos de presença no discurso de Dona Raimunda

TESE	VALORES HIERARQUIZADOS	RECURSOS DE PRESENÇA
Continua trabalhando com a arte do barro por amor e para manter viva a tradição cultural e não por dinheiro	➤ Amor, herança cultural saúde, dinheiro; ➤ Necessidade, sobrevivência, responsabilidade; ➤ Coragem, preguiça; ➤ Riqueza, luxo, pobreza, simplicidade.	➤ Ilustração por descrição; Figura de presença por repetição; ➤ Recurso da narrativa para ilustrar o quão é árduo o trabalho com o barro.

Fonte: Elaborada pela autora.

5.2 TESE, HIERARQUIA DE VALORES E RECURSOS DE PRESENÇA NAS PRODUÇÕES TEXTUAIS DOS ALUNOS

Nesse tópico, iremos analisar os processos argumentativos nas produções textuais dos alunos. Conforme estabelecido na metodologia deste trabalho, iremos utilizar como *corpus* de análise apenas treze textos. Vale ressaltar que os textos foram produzidos pelos alunos, conforme a conversa que tivemos com D. Raimunda, assim os textos apresentam muitas semelhanças de ideias; a maioria deles apresentando teses bem semelhantes. Identificaremos os textos utilizando com a letra “T”, seguida de uma ordem numérica de 1 a 13, mais o título.

5.2.1 Análise das teses nas produções textuais dos alunos

Nessa fase analítica, observamos que os alunos defenderam suas opiniões, desse modo, ressaltando, ora o fazer artístico das loiceiras como uma arte bela, que está chegando ao seu fim, ora como algo difícil de ser trabalhado. A seguir, apresentaremos uma exposição das teses defendidas pelos alunos, em seus textos e, em seguida, faremos a análise.

Tabela 3: Teses defendidas nos textos dos alunos

TEXTOS	TÍTULOS	TESES
T1	A arte feita com o barro	A arte do barro é uma arte muito antiga, bonita, porém muito complicada de se fazer.
T2	Louceiras por amor	É uma arte que passa de geração para geração, mas está sendo cada vez menos procurada.
T3	A arte do barro como símbolo de nossa cultura	Essa arte deveria ser mais valorizada por fazer parte nossa cultura.
T4	A louça do barro em destaque	Antigamente as pessoas eram praticamente obrigadas a fazer essa arte como meio de sobrevivência.
T5	As louças de barro	Essa arte apesar de ser pouco conhecida por muitas pessoas, é uma arte antiga e ainda prevalece em muitas regiões do Brasil.
T6	As louças de barro	D. Raimunda, uma famosa louceira da região, é uma senhora simples que traz em sua história o conhecimento da arte do barro.
T7	A arte do barro como sobrevivência	Trabalhar com essa arte é um processo muito difícil.
T8	A arte do barro	A louça feita do barro é muito bonita, porém são poucas as pessoas que reconhecem o valor dessa arte.

T9	As louças de barro	O valor dessa arte não está somente no dinheiro que se lucra com ela, mas no sabor das comidas cozinhadas nas panelas de barro e da água armazenadas em potes.
T10	A arte de D. Raimunda	A arte do barro sempre esteve presente em nossas vidas desde muito tempo e essa herança cultural ainda se faz presente em algumas regiões do Brasil.
T11	O barro: fonte de renda e de prazer	Nos dias atuais não é comum ver muitas pessoas dando continuidade a essa arte.
T12	A arte do sucesso	É um trabalho bonito, um serviço muito complicado e pesado e que exige paciência, mas é muito interessante.
T13	As comidas com o sabor do barro	D. Raimunda tem orgulho de ter se criado e criado seus filhos com a arte do barro, embora o passo a passo dessa arte seja lento e demorado.

Fonte: Elaborada pela autora.

Feitas as identificações das teses, com base no pensamento de Ide (2000), quando diz que identifica-se a tese de um texto quando encontramos a frase, a proposição que diz o que diz o texto, podemos fazer as seguintes considerações sobre as teses defendidas pelos nossos alunos/oradores.

Nos textos T1, T7, T10, T12 e T13, os alunos/oradores apontam a tese de que a arte do barro, embora seja uma arte antiga, muito bonita e interessante, é uma arte que demanda muito trabalho, muita dedicação, muito esforço e é muito lenta e demorada de se fazer. Como se pode ver, os alunos/oradores reconhecem o valor da arte por sua questão cultural, e pelo fato de ser muito antiga, reconhecem também que não é tão fácil de se levar adiante, deixando implícita a ideia de que, para se trabalhar com ela, é preciso ser bastante paciente, dedicado, habilidoso e, acima de tudo, muito corajoso, já que é um trabalho pesado e difícil de se fazer.

Em T2, T8 e T11, os alunos/oradores apontam, em tese, o fato de que a arte do barro é passada de geração para geração, mas está correndo o risco de não ter mais continuidade, pois para T2, as pessoas já não a procuram tanto como antes, ficando implícito que, sem a procura, as artesãs vão acabar parando de fazer os utensílios e objetos em geral. O T8 aponta como motivo, para que essa arte deixe de existir, a falta de valorização de algumas pessoas, e T11 diz que não é comum as pessoas de hoje se interessarem em dá continuidade a esse fazer artístico.

O aluno/ orador diz isso levando em consideração a fala de Dona Raimunda, quando disse que na família, quase ninguém queria mais continuar trabalhando, apenas duas filhas ainda faziam esse trabalho, e que suas netas não demonstram interesse por esse fazer artístico.

Também, dessa maneira, percebemos em T3 a mesma ideia de desvalorização apontada por T8, quando o aluno/orador diz que a arte das louceiras deveria ser mais valorizada.

O aluno/orador do T4 defende a ideia de que, antigamente, a arte do barro era praticada pelas artesãs, quase que por uma obrigação, pois elas necessitavam dela para sobreviverem. Ele falou isso baseado no fato de que Dona Raimunda, quando ficou viúva, com vários filhos para criar, tinha como meio de sobrevivência, o trabalho com o barro, assim como outras pessoas também da época o faziam.

Em T5 encontramos a tese de que a arte do barro é muito antiga e, embora ainda prevaleça em muitas regiões do Brasil, ainda é pouco conhecida, o que nos leva a entender que essa arte é pouco divulgada e apreciada pelas pessoas. Em T6, o orador mudou um pouco o foco das outras teses, pois ele se remete diretamente à pessoa de Dona Raimunda como uma pessoa simples e de grande conhecimento da cultura que cultivava. Já o aluno/orador do T9 traz a questão do valor imaterial da arte do barro, haja vista que diz que não se mede o valor dessa arte pelo dinheiro, mas na sensação de prazer que é obtido ao utilizar os utensílios nas atividades da culinária.

5.2.2 Análise dos valores e hierarquias nas produções textuais dos alunos

Passaremos agora a analisar os valores e suas hierarquias nas produções textuais dos alunos. Antes, porém, mostraremos um quadro demonstrativo com os principais valores e suas hierarquias, utilizados, no caso, pelos alunos, em suas produções textuais.

Tabela 4: Principais valores e hierarquias nos textos dos alunos

TEXTOS	TÍTULOS	VALORES HIERARQUIZADOS
T1	A arte feita com o barro	Herança cultural, índios, negros, louceiras, beleza, utilidade, D. Raimunda prazer, diversão.
T2	Louceiras por amor	Louceiras Desvalorização, desinteresse, necessidade, amor, dinheiro D. Raimunda, complexidade, técnica, experiência.
T3	A arte do barro como símbolo de nossa cultura	Cultura, herança cultural, índios, negros, Louceiras, paciência, dedicação, dificuldades, desvalorização, prazer.
T4	A louça do barro em destaque	Necessidade, obrigação, louceiras amor, saúde, família, dificuldade, sorte, experiência, minha mãe, diversão, união e cultura.
T5	As louças de barro	Necessidade, prazer, Dona Raimunda, Dona Maria Célia, louceiras.

T6	As louças de barro	Fama, Dona Raimunda, louceira, simplicidade,
T7	A arte do barro como sobrevivência	Dona Raimunda, ensinamento, orgulho, dificuldade, beleza, delicadeza e habilidade, louceiras.
T8	A arte do barro	Beleza, desvalorização, louceiras, dificuldade, prazer, necessidade, utilidade, Dona Raimunda.
T9	As louças de barro	Herança cultural, índios, negros, ensinamento, mãe, filho, avó, neto, dinheiro, louceiras, prazer, delicadeza, paciência, desvalorização.
T10	A arte de D. Raimunda	D. Raimunda, herança cultural, índios, negros, louceiras, sofrimento, necessidade, amor.
T11	O barro: fonte de renda e de prazer	Herança cultural, índios, negros, mulheres, ensinamento, velhice, doença, desinteresse, louceiras, diversão, fama, prazer.
T12	A arte do sucesso	Beleza, complexidade, mulheres, necessidade, orgulho.
T13	As comidas com o sabor do barro	Orgulho, inteligência, paciência, dedicação, necessidade, louceiras, amor, saúde,

Fonte: Elaborada pela autora.

Como vimos anteriormente, no capítulo teórico desse trabalho, os nossos discursos são permeados pela argumentatividade, mesmo que involuntariamente, estamos sempre expondo nossos pontos de vista, emitindo juízo de valor e querendo convencer ou persuadir, de algum modo, as pessoas que pensam diferente de nós, que apresentam pontos de vista contrários aos nossos.

Partindo dessa reflexão de valores e suas hierarquias, faremos uma análise de como nossos alunos/oradores mobilizam e hierarquizam esses valores, sobretudo, dentro de seus textos. Pelo quadro demonstrativo acima, podemos perceber que eles utilizaram valores concretos e abstratos, a fim de reforçarem a defesa dos seus pontos de vista.

Ao observarmos o quadro acima, podemos ver que os alunos/oradores utilizam em seus textos valores bem semelhantes, mas as formas como eles vão hierarquizando, distinguem-se um pouco, pois alguns colocam determinados valores no topo da hierarquia, enquanto outros colocam esses mesmos valores em uma posição menos privilegiada.

A exemplo disso, temos o valor louceiras, que é empregado por quase todos os oradores, com exceção de um que não usa o termo louceiras, mas usa “mulheres”, para se referir àquelas que desenvolvem o trabalho da arte do barro. Assim, fica evidente que os alunos/oradores utilizam esse valor concreto para deixarem claro que quem lida com esse fazer

artístico são apenas as mulheres. Para melhor compreender nossa análise, traremos alguns excertos dos textos produzidos pelos alunos.

No T1 o aluno/orador traz a seguinte tese: “A arte do barro é uma arte muito antiga, bonita, porém muito complicada de se fazer.” Como se pode ver na tese, nós temos já implícito o valor da herança cultural, visto que podemos perceber isso na expressão “muito antiga”, e no excerto abaixo, o aluno reforça essa ideia por meio dos valores concretos “índios” e “negros”.

A arte do barro começou com os índios e foi passando para os negros no período da colonização e está presente nas nossas vidas até hoje. É uma arte muito bonita e segundo as louceiras (como são chamadas) é um pouco complicada de fazer, principalmente, as louças menores. (T1)

O aluno/orador fez uso dos valores concretos “índios” e “negros” para reforçar a ideia de antiguidade da arte do barro. No dizer dele, a arte já se fazia presente no Brasil, desde antes mesmo da chegada dos negros, no período da colonização, e que os negros deram continuidade. Nesse sentido, tanto fica reforçada a ideia de que a arte com o barro é antiga, como também a ideia de herança cultural, pois foi algo que veio desde os primeiros habitantes e foi perpassando pelas gerações seguintes. Em seguida, o aluno/orador se utiliza do valor abstrato beleza para, assim, caracterizar esse fazer artístico e, desse modo, segue com outro valor abstrato, o da complexidade dessa arte. No topo da hierarquia temos esses quatro valores, e na sequência do texto, encontramos outros como utilidade, pois o aluno diz que os utensílios/objetos feitos do barro, além de enfeites, também eram utilizados para fins domésticos.

Antigamente as louças feitas de barro eram mais utilizadas para cozinhar e como utensílio para outros afazeres domésticos. Na atualidade, como antigamente, ainda se usa como utensílio de cozinha, mas também como enfeite. O barro também é conhecido como argila e é utilizado para outros fins. (T1)

Em seguida, o aluno/orador traz em seu texto outro valor concreto, ele traz a figura de D. Raimunda como responsável por continuar com essa arte nos dias de hoje, na comunidade onde vive. Ele afirma que essa atividade com o barro vem passando de geração para geração. Podemos observar isso no excerto abaixo.

No depoimento de Dona Raimunda, louceira conhecida nas Comunidade dos Vieiras, ela comentou que aprendeu seus trabalhos com seus antecedentes, como sua mãe, sua, avó,

vizinhos e outros. E Dona Raimunda foi passando para suas filhas, mas nem todas elas fazem o processo completo, apenas duas sabem fazer o passo a passo. (T1)

Encontramos ainda no T1 os valores prazer e diversão, pois o aluno/orador diz que antigamente D. Raimunda fazia essa arte para sustentar sua família, porém, nos dias atuais, já não tem mais esse fim, e continua trabalhando nisso porque gosta. Nesse trecho, identificamos também o valor concreto louceira, utilizado como um traço distintivo de D. Raimunda. Esse termo é utilizado para caracterizar Dona Raimunda, tornando-a conhecida por todos, pelo seu ofício.

Mas segundo Dona Raimunda agora não é esse ofício que lhe dá seu sustento que continua fazendo apenas pelo prazer e divertimento, pois hoje tem como fonte de renda o aposento. Mas nem por isso irá deixar de fazer essa atividade, pois faz isso desde que se entende por gente e vai fazer até o último dia de sua vida. (T1)

Como podemos ver, o aluno/orador mobilizou vários valores ao longo de seu texto para sustentar sua tese inicial. Nesse sentido, vimos que a argumentação está presente no texto do aluno, mesmo que ele não tenha feito isso presumidamente. A proposta inicial do trabalho de produção textual em sala de aula foi produzir um relato histórico sobre o artesanato do barro, no entanto, o aluno expõe sua opinião sobre a temática, e se apoia em outros processos argumentativos para sustentar, grosso modo, o que defende.

Em T2, identificamos a seguinte tese “[...] é uma arte que passa de geração para geração, mas está sendo cada vez menos procurada.” O aluno/orador defende a ideia de que é uma arte passada de geração para geração, mas que está perdendo seu valor. Para justificar sua tese, ele mobiliza alguns valores, como desvalorização e desinteresse. Vejamos os excertos abaixo:

Os objetos feitos de barro já não são tão valorizados quanto antes. Estão sendo cada vez menos adquiridos e as pessoas já não procuram mais saber dessa cultura ou apreciá-la. Parte dessa desvalorização ocorre pelo advento da tecnologia. (T2)

Ultimamente com as panelas de alumínio e a praticidade delas, estão sendo cada vez menos utilizadas e compradas as louças de barro. (T2)

Infelizmente, essa arte está chegando ao fim, pois a geração mais nova já não tem tanto interesse como os de antigamente e as pessoas que ainda trabalham com isso já estão envelhecendo. (T2)

Observando os excertos acima, observamos que o aluno/orador justifica a tese de que a arte do barro está perdendo seu valor, sobretudo, pelo fato de as pessoas não fazerem tanta procura dos objetos feitos, como antigamente, e atribui parte dessa desvalorização ao advento da tecnologia. O aluno salienta, ainda, que os utensílios, como as panelas de barro e outros utilizados na cozinha, foram substituídos pelas panelas de alumínio. Outro ponto que justifica o valor desvalorização e desinteresse, colocados pelo aluno/orador, é que as gerações mais novas não se interessam mais em levar a diante a cultura do barro, fato que, na visão do aluno, pode levar ao fim a prática desse bem cultural.

Encontramos ainda em T2 outros valores como, por exemplo, necessidade, amor, dinheiro, D. Raimunda, complexidade, técnica, experiência.

As louceiras relatam que aprenderam com sua mãe desde os 10 anos idade e a mais velha que se chama dona Raimunda conta que pratica há mais de 50 anos. Tiravam o sustento dos seus filhos através do barro. Colocavam as louças em uma espécie de caçuás, penduravam em um burro e saíam trocando nas casas por qualquer tipo de alimentos. (T2)

Nesse excerto, o aluno/orador demonstra que D. Raimunda trabalhava com o barro para sustentar os seus filhos, ou seja, por necessidade. Por isso saía com os objetos de barro que elas faziam em cima de um animal e procurava venda por suas andanças, e nem sempre essas vendas eram de modo convencional, por dinheiro. Elas trocavam no que aparecia de alimentos. Também notamos a presença do valor amor, quando ele diz que as loiceiras, nos dias atuais, não necessitam tanto dessa arte para o sustento da família, e que continuam trabalhando porque amam o que fazem. Em oposição ao valor amor o aluno/orador traz o valor dinheiro, como, no caso, menos importante. Podemos ver isso no excerto abaixo:

Mesmo não passando mais necessidade as artesãs explicam que continuam praticando essa arte porque amam o que fazem e o dinheiro é o que menos importa. Hoje em dia elas levam sua arte para a feira e ainda há bastante pessoas que compram objetos como: cuscuzeiras, potes, panelas, e outros diversos tipos de utensílios de todos os tamanhos e modelos. (T2)

Há também, no texto do aluno, o valor concreto D. Raimunda. O aluno traz esse valor para enaltecer a importância da loiceira na arte do barro, colocando-a como superior nesse fazer artístico, por ser a mais velha de todos. Outros valores seguem no texto, como a complexidade, técnica e experiência. O aluno/orador diz que a arte do barro não é tão simples de se trabalhar e por isso exige do artesão muita técnica e experiência para obter um resultado satisfatório e sem prejuízos.

O trabalho com essa arte, entretanto, não é tão simples quanto parece. Necessita de técnica e experiência para adquirir um bom resultado e para a louça não quebrar no processo final. (T2)

Identificamos no T3 a tese “essa arte deveria ser mais valorizada por fazer parte de nossa cultura”. Para sustentar essa tese, o aluno/orador desse texto traz no topo da hierarquia o valor cultura e valorização. Um dos motivos para que essa arte seja valorizada, na opinião do aluno/orador, é por ser uma arte que vem de muitos anos atrás, e o outro motivo é o fato de que as atividades da culinária, feitas nos utensílios de barro, são bem mais saborosas e não afetam a saúde das pessoas, como as panelas de aço.

A arte do barro faz parte da nossa cultura e é uma arte que veio de muitos anos atrás, e que por isso, os utensílios deviam ser mais valorizados. Fora que as comidas feitas nessas panelas são mais saborosas, mais saudáveis e não fazem tanto mal que nem as panelas de aço. (T3)

Na sequência, encontramos o valor herança cultural reforçando a tese de que a arte do barro faz parte da nossa cultura, e a esse valor são agregados outros dois valores concretos: índios e negros. Estes são apontados, pelo aluno/orador, como os primeiros a trabalharem com a arte do barro e a partir deles ela foi passando de geração para geração, até chegar aos dias atuais.

As primeiras pessoas que começaram a manipular o barro foram os índios e depois os negros. Essa arte é uma herança cultural que foi passada de geração para geração, chegando assim as diversas regiões brasileiras que ainda cultivam até hoje. (T2)

Identificamos no texto outros valores, como, no caso, paciência, dedicação e dificuldade. O aluno/orador diz que as loiceiras enfrentam muitas dificuldades para trabalharem com essa arte, principalmente na coleta do barro, o qual, nos dias atuais, está cada vez mais difícil de encontrar. Além disso, para deixar os utensílios prontos, é preciso passar por vários processos. Ele salienta que trabalhar com essa arte exige paciência e dedicação.

Ao descrever todas as dificuldades encontradas pelas loiceiras e todo o processo para conseguir produzir os objetos do barro, o aluno/orador intenciona convencer o auditório sobre a luta diária das artesãs e, conseqüentemente, convencê-lo de que essa arte merece ser valorizada, não só por sua utilidade ou por questão financeira, mas pelo esforço e empenho que essas mulheres têm ao desempenhar seu dom artístico.

Trabalhar com essa arte, entretanto, exige paciência e muita dedicação. As terras para conseguir o barro eram bastante longe, iam a pé e voltavam com o barro na cabeça, quando chegavam em casa era passado por vários processos, era colocado de molho, no outro dia era modelado e depois era que podia ir ao forno. E estava pronto para usar e também vender. [...] a busca para conseguir o barro era difícil, era extraído em locais distantes e carregados em cargas ou em cestos em suas próprias cabeças. Hoje em dia o barro é comprado. [...] Esses utensílios dão trabalho e passam por vários processos até o seu acabamento final. (T2)

Após apontar todas essas dificuldades e o processo árduo do trabalho com a arte do barro, o aluno/orador traz mais dois valores: desvalorização e amor. Ele diz que nos dias atuais essa arte já não tem tanto valor como antigamente, e atribui essa desvalorização ao fato de os utensílios feitos do barro terem sido substituídos por objetos de outros materiais, mas, apesar de tudo isso, as loiceiras continuam trabalhando nesse fazer artístico por gostarem de fazer o que fazem. Ficando, assim, implícito o valor amor.

Nos dias atuais, embora esse trabalho não seja tão valorizado como antes, pois as pessoas substituíram o uso das panelas de barro por outras de outros materiais, ainda assim, as louceiras dizem que continuam a fazer esse trabalho, pois não o fazem como uma forma de sobrevivência como antigamente, mas porque foi algo que fizeram durante toda a sua vida e gostam de fazer o que fazem. (T3)

Em T4, identificamos a seguinte tese: “[...] antigamente as pessoas eram praticamente obrigadas a fazer essa arte como meio de sobrevivência.” Para sustentar essa tese, encontramos três valores abstratos: obrigação, necessidade e amor. O aluno/orador diz que antigamente as loiceiras lidavam com a arte do barro porque dele dependia o sustento da família, e como elas não tinham outra fonte de renda, sentiam-se na obrigação de trabalhar com o barro. Porém, nos dias atuais, elas continuam trabalhando com essa mesma arte, não mais por necessidade ou obrigação, e sim porque gostam do que fazem. Como podemos observar, os valores mudaram de posição na hierarquia. O excerto abaixo ilustra a nossa análise:

A louça do barro sempre esteve presente em algumas localidades do Rio Grande do Norte e nas comunidades – Sítio Vieira – Comum têm algumas mulheres que ainda fazem essa arte, não por necessidade e sim por gostar de fazer isso. Mas antes essas pessoas eram quase obrigadas a fazer porque não tinham outro tipo de trabalho para poderem sustentar sua família. (T4)

Ainda nesse excerto, encontramos o valor concreto família. O aluno/orador traz o termo família como um elemento fundamental para que as loiceiras se sintam na obrigação de

trabalhar. Elas não se preocupavam apenas com o seu sustento, mas com o de sua família e, por isso, trabalhavam.

Na sequência do texto, notamos outros valores, saúde, dificuldade, sorte, experiência, minha mãe, diversão, união e cultura. O aluno/orador diz que algumas loiceiras já não lavam mais esse fazer artístico adiante por falta de saúde. Assim, o valor saúde é colocado no texto como um elemento bastante forte, que, grosso modo, afeta a existência da arte do barro. Também identificamos no T4, o valor dificuldade, o qual é colocado no texto para mostrar o quão o trabalho com o barro é difícil de se cultivar.

Para reforçar esse valor, o aluno traz um valor bem particular. Ele traz o valor concreto “minha mãe” e, assim, narra um pequeno episódio que aconteceu com ela quando ia para a feira, vender os objetos produzidos. Vejamos o excerto que ilustra esses valores.

Minha mãe, que se chama Maria, mora no sítio e tinha que ir para São Miguel a pé com um pote na cabeça para poder comprar um chinelo, quando chegou no meio do caminho o pote quebrou. Ela falou que começou a chorar porque tinha quebrado o pote e não ia poder comprar o chinelo. Ela falou que deu sorte nesse dia porque minha avó, nesse dia, conseguiu vender todas as outras louças e então pôde comprar o chinelo. (T4)

Nesse trecho, encontramos ainda, o valor sorte. Em meio às dificuldades encontradas com o fazer da arte do barro, muitas vezes, as loiceiras precisam contar com a sorte, pois mesmo com tanto trabalho, elas não têm a garantia de que irão vender todas as peças produzidas. E para finalizar o texto, o aluno/orador traz os valores experiência, união, diversão e cultura.

Esse trabalho além de ser meio de sobrevivência, era também uma forma de forma de unir as pessoas e de somar experiência e também de proporcionar momentos de diversão tanto quando estavam trabalhando na construção das peças como também nas madrugadas quando iam para a feira. Além disso, essa arte é importante porque ela faz parte da cultura dessas pessoas e também da cultura do povo brasileiro. (T4)

O aluno/orador apresenta o ponto de vista de que o trabalho com o barro não era apenas um meio de sobrevivência, mas uma forma das pessoas trocarem experiências, já que compartilhavam do mesmo saber, mas também uma forma de se divertirem, tanto nos momentos de trabalhos como nas idas para a feira, nas madrugadas. E ressalta a importância desse trabalho por ele ser representativo da cultura brasileira.

Em T5, o aluno defende a tese de que “essa arte apesar de ser pouco conhecida por muitas pessoas, é uma arte antiga e ainda prevalece em muitas regiões do Brasil. ” Para sustentar

a tese de que ela ainda permanece em algumas regiões brasileiras, o aluno/orador traz dois valores concretos, representado por D. Raimunda e D. Maria Célia, que são duas das loiceiras responsáveis pela existência dessa arte, lá nas comunidades visitadas: “Os Vieiras” e o “Comum”. Vejamos o excerto ilustrativo:

A arte com o barro hoje em dia é pouco conhecida por muitas pessoas, mas essa arte é bem antiga e ainda prevalece em algumas regiões brasileiras. No Rio Grande do Norte nas comunidades dos Vieiras e do Comum, dona Raimunda e dona Maria Célia (conhecida como preta) viveram por muito tempo sustentado suas famílias com o dinheiro das panelas, potes, travessas, jarros, alquidares e outros objetos que faziam de barro. (T5)

Ainda nesse excerto, o aluno traz um valor abstrato: necessidade. Ele relata que os diversos objetos feitos do barro foram por muito tempo a fonte de renda que sustentou a família de D. Raimunda e de Dona Maria Célia. E, por último, o aluno utiliza o valor prazer, quando diz que hoje em dia as loiceiras já não cultivam sua arte como meio de sustento da família, e sim porque gostam de fazer o que fazem, e como forma de entretenimento.

Dona Raimunda disse que atualmente não faz as loucas de barro por necessidade como antes e sim porque gosta de fazer e para passar o tempo. (T5)

Em T6, temos a tese “D. Raimunda, uma famosa louceira da região, é uma senhora simples que traz em sua história o conhecimento da arte do barro”. Como se pode ver, o aluno/orador desse texto não coloca a arte do barro no topo da hierarquia. Ele traz a figura de D. Raimunda como detentora do conhecimento da arte do barro, e enaltece a imagem da loiceira como uma pessoa famosa e simples.

As comunidades do Comum dos Vieiras entre os municípios de São Miguel e Coronel João Pessoa no Rio grande do Norte contam com a presença da senhora Raimunda, uma famosa louceira da região, uma senhora simples que traz em sua história o conhecimento da arte do barro. Ela diz que aprendeu essa arte com sua mãe e sua avó e que estas também aprenderam com as gerações passadas. (T6)

Embora, o aluno/orador não coloque a arte do barro no topo da hierarquia, podemos perceber que ele mostra a relevância dessa arte para essas comunidades, pois é a partir do conhecimento que Dona Raimunda detém desse fazer artístico, que ela se torna famosa para essas comunidades. Além disso, podemos notar que o aluno/orador diz que esse fazer artístico é antigo, pois a senhora aprendeu com sua mãe e sua avó, e estas já aprenderam com seus

antepassados. Isso nos leva a entender que esse fazer artístico vem passando de geração para geração.

No T7, temos a tese: “[...] trabalhar com essa arte é um processo muito difícil.” Essa tese não é posta no texto logo de início. No primeiro parágrafo, o aluno/orador faz uma contextualização sobre quem é D. Raimunda, como, quando e com quem ela aprendeu a arte do barro; somente depois emite o seu ponto de vista. Logo no primeiro parágrafo, ele traz alguns valores abstratos, como orgulho e ensinamento. Na fala de D. Raimunda, reproduzida pelo orador, ela diz ter aprendido essa arte com sua mãe e que tem orgulho de ter sido “criada com o barro”, o que nos leva a entender que seus pais tinham como fonte de renda para o sustento dos filhos o trabalho com a arte do barro. Vejamos o excerto:

Dona Raimunda, uma senhora que desde seus 10 anos de idade trabalha com as louças feitas com barro, diz que essa arte foi passada por sua mãe e por sua avó e continua praticando essa atividade até hoje e diz ter orgulho de ter sido criada com o barro e foi assim que ela também sustentou os seus sete filhos. Ela diz que procurou passar esse ensinamento aos seus filhos, mas somente três delas se interessaram em aprender. Antigamente existiam muitas pessoas que trabalhavam com essa arte nas comunidades dos Vieiras e do Comum, mas hoje existem poucas louceiras, algumas delas já morreram e outras deixaram o ofício por problemas de doença. (T7)

Na sequência do texto, para sustentar a tese de que a arte do barro é muito difícil, o aluno apresenta as dificuldades encontradas por Dona Raimunda para realizar o seu trabalho. Uma dificuldade apontada por ele é que o barro, utilizado como matéria-prima para a produção dos objetos, não é encontrado em qualquer lugar, pois se trata de um barro específico, e muitas vezes as loiceiras precisam comprá-lo porque os donos das terras não permitem a retirada gratuita.

Trabalhar com essa arte nunca foi fácil, pois o barro utilizado como matéria prima para a construção dos objetos não era encontrado em qualquer lugar, às vezes muito longe e para trazer o barro até suas casas eles tinha o auxílio de um jumento ou carregavam em cestos pesados. Dona Raimunda ainda relata que atualmente o barro é comprado, pois alguns donos de terras dizem que se elas vão lucrar com as vendas dos objetos que produzem é justo que pague pelo barro. (T7)

Outros valores abstratos são atribuídos à arte do barro, como beleza, delicadeza e habilidade. O aluno/orador diz que é uma arte linda, porém, exige do artesão muita delicadeza e habilidade, pois as peças se quebram com facilidade, sobretudo, as peças muito pequenas, utilizadas como adornos decorativos.

As louceiras produzem lindas peças de barro como panelas, potes, travessas, moringa, jarras etc... produzem também objetos decorativos como minipanelas, minicopos entre outros mais. Dona Raimunda diz que o trabalho com essas artes pequenas é muito delicado e exige cuidado e habilidade, pois eles se quebram com facilidade. (T7)

No T8, o aluno/orador traz no topo da hierarquia os valores beleza e desvalorização, o aluno afirma que a arte do barro é muito bonita, porém não tem o merecido reconhecimento por parte de algumas pessoas. Ancorado a esses valores, encontramos o valor dificuldade, que reforça a ideia de que para conseguir realizar essa arte com perfeição as artesãs precisam trabalhar muito, e que, apesar disso, as pessoas ainda não dão o merecido valor. Vejamos o excerto que ilustra esses valores.

A louça feita de barro feita do barro, ou seja, de argila é muito bonita, porém são poucas as pessoas que reconhecem esse trabalho. As louceiras falam que para conseguir fazer esse trabalho lindo elas têm de achar o barro certo, muitas vezes essas mulheres artistas ganham o barro certo, mas outras vezes elas têm que comprar. Quando elas acham o barro, colocam com água para ficar um pouco mole e poder começar seu trabalho. (T8)

O aluno também traz outros valores abstratos como prazer, necessidade, utilidade e o valor concreto D. Raimunda. Ele ressalta a presença da artesã D. Raimunda como símbolo de resistência desse fazer artístico, pois desde seus sete anos de idade vem trabalhando com essa arte e continua até a atualidade.

Ele diz que a arte feita por ela garantiu o alimento dos sete filhos que teve, ficando explícito a ideia de que ela praticava essa arte, anteriormente, por necessidade, já que a loiceira precisava garantir o sustento dos filhos. Porém, na atualidade, ele ressalta o valor abstrato prazer, pois, já não necessitando mais trabalhar com a arte do barro, como fonte do sustento familiar, agora trabalha só porque gosta de fazer o que faz. E por fim, ele traz o valor utilidade, fazendo referência ao uso das panelas de barro, as quais antigamente eram utilizadas pelas pessoas nas atividades da culinária, o que hoje não acontece mais, já que as pessoas substituíram essas panelas pelas de alumínio. O excerto abaixo ilustra esses valores.

Dona Raimunda disse que seus 7anos de idade e até hoje ela ainda faz, mas ela faz porque gosta, ela falou que antes ela saía em burro com caçar e saía nos sítios e cidades para trocar por qualquer outro tipo de alimento. Ela tem 7 filhos e com o seu trabalho feito através do barro nunca faltou alimento aos seus filhos. As panelas feitas de barro, antigamente, eram bem úteis, as pessoas cozinhavam leites, feijão, arroz, carnes e entre outras coisas. Mas agora tudo mudou tudo mudou, as pessoas só cozinham mais nas panelas de alumínio. (T8)

No T9, logo no início do texto, o aluno/orador diz que a arte do barro é muito antiga e é uma herança cultural. Para ancorar esse valor, ele utiliza dois valores concretos: índios e escravos, que foram as primeiras pessoas a manipularem o barro para produzirem utensílios de uso, em atividades do dia a dia. O aluno acrescenta, ainda, que essa arte é passada de geração para geração, ficando implícita a ideia de ensinamento, que fica subentendido nos valores concretos, avó, mãe, filhos, netos, os quais aprenderam essa arte com seus antepassados e vão passando para as gerações posteriores.

A arte de fazer utensílios de barro é muito conhecida no Brasil desde muito tempo. É uma herança cultural deixada pelos índios e pelos negros e continua se fazendo presente em nossas vidas até os dias atuais. Essa arte vem passando de geração para geração, de mãe para filho e de avó para neto. (T9)

Na sequência do texto, identificamos a tese “[...] o valor dessa arte não está somente no dinheiro que se lucra com ela, mas no sabor das comidas cozinhadas nas panelas de barro e da água armazenada em potes”. Nessa tese, encontramos o valor prazer como superior ao valor dinheiro, pois para o aluno/orador, o dinheiro obtido com os utensílios feitos do barro, está numa posição hierárquica inferior ao prazer que se sente ao saborear as comidas feitas nas panelas de barro e/ou na água armazenada no pote.

No final do texto, o aluno/orador traz o valor abstrato desvalorização. Para ele, essa arte já não tem mais o mesmo valor de antigamente, uma vez que as pessoas deixaram de usar, em suas atividades diárias, os utensílios feitos do barro.

Hoje em dia essa arte está ficando desvalorizada, pois poucas pessoas fazem uso dela em suas atividades diárias. Antigamente, principalmente, na zona rural quase todas as pessoas utilizavam os utensílios de cozinha o que já não acontece atualmente. (T9)

Em T10, o aluno/orador, logo no título, “a arte de D. Raimunda”, coloca no topo da hierarquia o valor concreto D. Raimunda. Ele coloca a loiceira como dona da arte, dando, assim, a ideia de que ela é a maior representante desse fazer artístico na região em que ocorreu a pesquisa.

No início do texto, o aluno expõe o ponto de vista de que “a arte do barro sempre esteve presente em nossas vidas desde muito tempo e essa herança cultural ainda se faz presente em algumas regiões do Brasil. ” Para justificar essa tese da antiguidade da arte e da herança cultural, ele agrega dois valores concretos, que são, índios e negros, tendo em vista que os índios

já habitavam o Brasil no período da chegada dos colonizadores, e já manipulavam o barro para fazer alguns objetos, por outro lado, foram os negros que trouxeram essa cultura, quando foram trazidos para o Brasil.

A arte do barro sempre esteve presente em nossas vidas desde muito tempo, começando pelos índios que já utilizavam abjetos feitos de barro em suas atividades do dia adia. Os negros também passaram a cultivar essa arte e essa herança cultural ainda se faz presente em algumas regiões do Brasil. (T10).

Na sequência do texto, identificamos os valores sofrimento, necessidade e amor. O aluno salienta que para a loiceira dá continuidade a essa arte, foi um período muito difícil, pois ela tinha sete crianças pequenas para sustentar, e era com esse trabalho que ela garantia o sustento da família. Assim, percebemos que D. Raimunda, anteriormente, não trabalhava só pelo prazer da arte, mas porque necessitava de dinheiro para alimentar seus filhos.

Porém, em um tempo mais atual, com os filhos crescidos, donos de suas famílias e ela com a aposentadoria por tempo de trabalho, já não trabalha por necessidade, mas sim por amor. Mais uma vez, percebemos a alteração das posições dos valores na hierarquia. Antigamente, a necessidade ocupava uma posição primordial na vida de D. Raimunda, todavia na atualidade, o que vem primeiro é a questão do amor pelo que faz.

Ela relata que quando sua mãe faleceu ficou seguindo essa profissão, mas sofria muito para trabalhar porque ela tinha sete filhos para dá de comer e o sustento de sua família saía do barro, ou seja, dos objetos que ela fazia com o barro. [...] Dona Raimunda disse que sustentou toda a sua família com essa arte e que durante toda a sua vida viveu disso e hoje apesar de já está aposentada e não necessitar mais trabalhar, ainda continua fazendo essa arte porque gosta de fazer o que faz. (T10)

Em T11, para preparar o auditório para a tese, o aluno/orador contextualiza a arte do barro, dizendo que ela é uma arte herdada dos índios e dos negros, e que, por meio de algumas mulheres do sítio Comum e dos Vieiras, ela ainda prevalece nessa região, até a atualidade. Assim, os valores concretos índios e negros ancoram a ideia de herança cultural, já que foram os índios e negros as primeiras pessoas a manipularem o barro para fazer arte.

Ainda nesse período de preparação, o orador traz o valor ensinamento, já que as mulheres que trabalham com essa arte relataram que desde criança aprenderam e, assim, foram ensinando para os filhos. Como podemos observar no excerto abaixo:

A arte de fazer panelas e outros utensílios de barro é uma cultura herdada pelos índios e pelos negros e ainda prevalece na vida de algumas pessoas nos dias atuais. As mulheres do Sítio Comum e dos Vieiras que trabalham com o barro relataram que elas começaram a fazer esse trabalho com as louças quando eram crianças e daí por diante começaram a passar essa arte de mãe para filhos e assim ela permanece até hoje. (T11)

Em seguida, o aluno/orador expõe sua tese, a de que “[...] nos dias atuais não é comum ver muitas pessoas dando continuidade a essa arte”. Para sustentar essa tese, ele traz os valores velhice, doença e desinteresse. O primeiro e o segundo são atribuídos ao fato de que as mulheres mais antigas, mais velhas, não conseguem mais trabalhar por conta da idade avançada, e também porque não têm saúde o suficiente para trabalharem.

O terceiro valor se dá pelo fato de que as gerações de hoje, grosso modo, não querem aprender o ofício da arte do barro, tampouco levarem adiante essa cultura. Nesse sentido, fica implícito na tese do orador a ideia de que essa arte não terá continuidade nas gerações vindouras.

Nos dias atuais não é comum ver muitas mulheres dando continuidade a esses fazer artístico, pois as mais antigas pararam de trabalhar por conta da velhice ou por problemas de saúde e as gerações mais novas já não se interessam tanto em aprender o artesanato do barro. (T11)

Logo mais adiante, o aluno/orador traz três valores abstratos: diversão, fama e prazer. Ele diz que na ida das loiceiras até a feira, para a comercialização dos utensílios produzidos por elas, aproveitavam o momento para a diversão. O orador utiliza o termo “algazarra” para se referir às conversas, risadas e brincadeiras delas durante o percurso. Isso nos leva a entender que a arte do barro não só propiciava o meio de sobrevivência das loiceiras, mas também momentos divertidos e prazerosos.

O valor prazer também está presente no próprio ato de trabalhar com o barro, pois D. Raimunda relata que, na atualidade, não tem mais necessidade financeira de continuar trabalhando, mas continua fazendo por gostar de fazer o que faz. Ao se referir a loiceira D. Raimunda, o aluno/orador utiliza o termo “famosa”, o que nos leva a entender que a artesã adquiriu fama entre as pessoas da região e das cidades vizinhas pelo seu fazer artístico.

Era comum as pessoas da região darem notícias da algazarra das louceiras nas madrugadas quando elas iam para feira. Dona Raimunda, uma famosa loiceira do Sítio Comum que ainda trabalha com esse artesanato, diz que ainda consegue vender bastante seus objetos de barro, mas tanto quanto antes, pois com os avanços tecnológicos os utensílios do barro foram substituídos por outros mais modernos. Ela relata ainda que continua fazendo essa

arte porque gosta do que faz e o faz por prazer e não por sobrevivência como antigamente. (T11)

No T12, identificamos a seguinte tese: “é um trabalho bonito, um serviço muito complicado e pesado e que exige paciência, mas é muito interessante.” O aluno/orador coloca no topo da hierarquia os valores beleza e complexidade. Para ele, a arte do barro é uma arte muito bonita, porém, muito complicada de se fazer, então, por isso, para que ela seja realizada com perfeição é preciso ter paciência. Em seguida, ele traz o valor necessidade, já que antigamente as mulheres trabalhavam nessa arte para obter fonte de renda e sustentar suas famílias. Nota-se também, no discurso do aluno/orador, o valor orgulho. Este está presente no discurso das artesãs, quando, no caso, relataram que trabalham com o barro desde criança e têm orgulho de fazer o que fazem. Observa-se esses valores no excerto abaixo:

É uma arte muito bonita que até hoje não acabou e não é fácil de fazer. Esse trabalho é um serviço complicado e que exige paciência, mas muito interessante. É um trabalho de paciência e pesado, mas é um trabalho de arte. Essa arte foi do tempo que os povos mais velhos faziam esses serviços porque tinham necessidade para sua sobrevivência [...] muitas delas dizem que foram criadas com o barro e que também sustentaram suas famílias com o trabalho fruto do barro. Elas dizem que trabalham com essa arte desde criança e que têm orgulho do que fazem. (T12)

No T13, temos a seguinte tese: “D. Raimunda tem orgulho de ter se criado e criado seus filhos com a arte do barro, embora o passo a passo dessa arte seja lento e demorado.” Nela, encontramos no topo da hierarquia o valor orgulho. A loiceira se sente orgulhosa por ter tirado o seu sustento e o de seus filhos com a arte do barro. Como podemos notar, não se trata de um trabalho qualquer; é um trabalho artístico demorado que segue um passo a passo lento e, portanto, exige paciência, dedicação. Ainda na tese, observamos o valor necessidade.

Ao afirmar que a artesã se sente orgulhosa por ter criado seus filhos com a arte do barro, fica implícita a ideia de que ela necessitava trabalhar para sustentar a família. Logo após a tese, encontramos o valor inteligência. A loiceira D. Raimunda aprendeu a arte do barro apenas ajudando e observando sua mãe fazer, as panelas, os potes, os copos.

A senhora D. Raimunda diz que tem orgulho de ter se criado com o barro e dele ter criado também todos os seus filhos e que sua vida sempre foi assim. Naquela época ela ajudava a sua mãe com o fazer das louças e apenas olhando sua mãe fazer as panelas, os pote, os copos, etc. também aprendeu essa arte. Ela nos disse que o passo a passo do artesanato do barro é lento e demorado. (T13)

Outros valores são utilizados pelo aluno/orador no decorrer do texto. Como, por exemplo, os valores amor e saúde. Ele salienta que D. Raimunda e outras senhoras das comunidades do Comum e dos Vieiras, embora não tenham mais uma saúde perfeita e estejam com a idade avançada, ainda continuam trabalhando, mas não mais por necessidade, como antigamente, todavia por amarem o que fazem.

Atualmente D. Raimunda assim como outras louceiras do Comum e dos Vieiras ainda continuam fazendo essa arte porque gostam de fazer o que faz. apesar da idade avançada e de alguns problemas de saúde ela diz que gostaria muito de passar seus conhecimentos sobre a arte do barro para os mas jovens assim como ensinou para seus filhos [...]. (T13)

Como podemos observar ao longo de nossa análise, os alunos produziram textos bem semelhantes e praticamente todos eles usaram quase os mesmos valores, o que muda, no entanto, é a forma como eles foram posicionando esses valores dentro de uma hierarquia. Assim, podemos dizer que, mesmo não sendo intencionalmente, ao produzirem discursos, as pessoas assumem determinados posicionamentos e se utilizam de recursos argumentativos para justificarem o que dizem.

5.2.3 Análise dos recursos de presença nas produções textuais dos alunos

Buscaremos, nesse momento, identificar nos textos dos alunos alguns recursos de presença, utilizados por eles para reforçar os seus pontos de vistas. Para facilitar a compreensão, traremos um quadro demonstrativo com os principais recursos utilizados pelos alunos.

Tabela 5: Principais recursos de presença nos textos dos alunos

TEXTOS	TESES	RECURSOS DE PRESENÇA
T1	A arte do barro é uma arte muito antiga, bonita, porém muito complicada de se fazer.	Descrição, narração.
T2	É uma arte que passa de geração para geração, mas está sendo cada vez menos procurada.	Narração.
T3	Essa arte deveria ser mais valorizada por fazer parte nossa cultura.	Narração
T4	Antigamente as pessoas eram praticamente obrigadas a fazer essa arte como meio de sobrevivência.	Descrição e narração.
T5	Essa arte apesar de ser pouco conhecida por muitas pessoas, é uma	

	arte antiga e ainda prevalece em muitas regiões do Brasil.	
T6	D. Raimunda, uma famosa louceira da região, é uma senhora simples que traz em sua história o conhecimento da arte do barro.	Descrição.
T7	Trabalhar com essa arte é um processo muito difícil.	Narração.
T8	A louça feita do barro é muito bonita, porém são poucas as pessoas que reconhecem o valor dessa arte.	Narração e descrição.
T9	O valor dessa arte não está somente no dinheiro que se lucra com ela, mas no sabor das comidas cozinhadas nas panelas de barro e da água armazenadas em potes.	Descrição.
T10	A arte do barro sempre esteve presente em nossas vidas desde muito tempo e essa herança cultural ainda se faz presente em algumas regiões do Brasil.	Narração.
T11	Nos dias atuais não é comum ver muitas pessoas dando continuidade a essa arte.	Narração e comparação.
T12	É um trabalho bonito, um serviço muito complicado e pesado e que exige paciência, mas é muito interessante.	Repetição
T13	D. Raimunda tem orgulho de ter se criado e criado seus filhos com essa arte, embora o passo a passo dessa arte seja lento e demorado.	Descrição

Fonte: Elaborada pela autora.

Como podemos observar no quadro acima, os alunos/oradores empregam bastante o recurso de presença descrição e narração. Traremos a seguir trechos dos textos em que identificamos esses recursos. No T1, para reforçar a tese de que “a arte do barro é uma arte muito antiga, bonita, porém muito complicada de se fazer”, ele emprega a descrição e a narração.

No depoimento de Dona Raimunda, louceira conhecida nas Comunidade dos Vieiras, ela comentou que aprendeu seus trabalhos com seus antecedentes, como sua mãe, sua, avó, vizinhos e outros. E Dona Raimunda foi passando para suas filhas, mas nem todas elas fazem o processo completo, apenas duas sabem fazer o passo a passo. São várias etapas para chegar ao resultado final, quando elas não têm o barro, têm que comprá-lo. O primeiro passo é amassar o barro, depois vão modelando até o objeto ganhar forma para tirar o pé. Elas usam várias coisas, como etiquetas de couro, facões, sabugos de milho e outras ferramentas, todos os dias é um processo diferente até o dia de queimar. Na hora de queimar as louças, várias se quebram, principalmente, as tapioqueiras.

T1

Nesse excerto, podemos ver que o aluno/orador narra o depoimento de Dona Raimunda, no qual ela diz que ensinou o seu fazer artístico para suas filhas, mas nem todas conseguiram fazer o processo por completo, reforçando, assim, a ideia de que não é tão fácil de aprender a trabalhar com essa arte. E para acentuar ainda mais a complexidade desse fazer artístico, o aluno/orador faz a descrição de todo o processo, desde a aquisição do barro até a última etapa, que é o momento de queima dos objetos. A partir dessa descrição, o auditório vai concordando com a tese do orador, ao dizer que a arte do barro é muito complicada de se fazer.

No T2, temos o recurso da narração. O aluno/orador traz um relato da loiceira D. Raimunda relatando que aprendeu a arte da loiça desde seus 10 anos e continua trabalhando há mais de 50 anos.

As louceiras relatam que aprenderam com sua mãe desde os 10 anos idade e a mais velha que se chama dona Raimunda conta que pratica há mais de 50 anos. Tiravam o sustento dos seus filhos através do barro. Colocavam as louças em uma espécie de caçuás, penduravam em um burro e saíam trocando nas casas por qualquer tipo de alimentos.

T2

No T3, para justificar a tese de que as pessoas deveriam valorizar mais a arte do barro, por ela fazer parte de nossa cultura, o aluno/orador se apropria da narrativa como recurso de presença para, dessa maneira, convencer o seu auditório, como se pode observar no excerto abaixo.

A arte do barro faz parte da nossa cultura e é uma arte que veio de muitos anos atrás, e que por isso, os utensílios deviam ser mais valorizados. Fora que as comidas feitas nessas panelas são mais saborosas, mais saudáveis e não fazem tanto mal que nem as panelas de aço. As primeiras pessoas que começaram a manipular o barro foram os índios e depois os negros. Essa arte é uma herança cultural que foi passada de geração para geração, chegando assim as diversas regiões brasileiras que ainda cultivam até hoje. Na região do Rio Grande do Norte, as louceiras dos Sítios Comum e Vieira, que por sua vez, aprenderam essa arte com suas mães e avós e que até hoje ainda praticam essa atividade com muito entusiasmo.

T3

Para defender o ponto de vista de que a arte do barro faz parte de nossa cultura, o aluno/orador usa o argumento de que ela é muito antiga e, por meio de uma pequena narrativa, fala sobre a origem dela. Para ele, essa arte vem desde os índios e negros, passando de geração em geração, até chegar aos dias atuais. Ele salienta que a arte do barro se faz presente em várias

regiões brasileiras, e em seguida ele vai decrescendo para o Rio Grande do Norte, até chegar às comunidades do Comum e dos Vieiras.

Nesse sentido, o aluno/orador busca levar o auditório a concordar com ele sobre o valor que esse fazer artístico representa para o povo brasileiro, sobretudo, para as pessoas que habitam aquelas comunidades e, assim, reconhecê-la como parte constituinte de nossa cultura.

No T4, o aluno/orador defende a ideia de que antigamente as pessoas eram praticamente obrigadas a trabalharem na arte do barro. Para reforçar sua tese e convencer o seu auditório, o aluno/orador faz uso da descrição e da narração. Diferentemente dos outros oradores, ele narra, em primeira pessoa, colocando-se como membro daquelas comunidades, fortalecendo ainda mais o recurso de presença. Vejamos o excerto:

Já vi muitas pessoas produzindo esses objetos com o barro e pude ver como é difícil a modelagem e todo acabamento das peças. Primeiro as artesãs vão procurar o barro, ao encontrarem o colocam de molho descansando por mais ou menos um dia para poder começar todo o processo, depois de feitos todos os acabamentos, elas colocavam no forno e algumas horas depois estavam prontos e saíam elas para feira para vender as panelas os potes e todas peças que produziam.

Minha mãe, que se chama Maria, mora no sítio e tinha que ir para São Miguel a pé com um pote na cabeça para poder comprar um chinelo, quando chegou no meio do caminho o pote quebrou. Ela falou que começou a chorar porque tinha quebrado o pote e não ia poder comprar o chinelo. Ela falou que deu sorte nesse dia porque minha avó, nesse dia, conseguiu vender todas as outras louças e então pôde comprar o chinelo.

T4

Primeiramente, o aluno/orador descreve o processo do trabalho com o barro, que na visão dele é muito difícil, desde a procura pelo barro certo, até o momento da venda dos objetos. O orador se coloca como testemunha desse processo, o que dá ainda mais veracidade ao que está sendo descrito. Em seguida, ele faz a narrativa de um episódio que aconteceu com a mãe dele, no momento em que ia vender os produtos.

Dessa venda dependia a compra de um chinelo. Os dois recursos, tanto a descrição quanto a narrativa, reforçam a ideia defendida pelo orador, a de que antigamente elas trabalhavam praticamente “obrigadas”, pois mesmo a arte sendo muito difícil de se fazer, ainda assim trabalhavam porque dependiam dela para sobreviver. Isso fica explícito no trecho

Minha mãe, que se chama Maria, mora no sítio e tinha que ir para São Miguel a pé com um pote na cabeça para poder comprar um chinelo, quando chegou no meio do caminho o pote quebrou. Ela falou que começou a chorar porque tinha quebrado o pote e não ia poder comprar o chinelo.

No T6, o aluno/orador defende a tese de que D. Raimunda é uma senhora simples, que traz o conhecimento da arte do barro. O recurso de presença empregado pelo orador é a descrição, pois ele traz características peculiares da “loiceira”, a qual aprendeu esse fazer artístico com sua mãe e, dentro das inúmeras dificuldades, consegue manter viva a cultura da arte do barro. No trecho, a artesã é descrita como uma pessoa humilde, simples, mas que depende da boa vontade dos donos de terra para, no caso, conseguir o barro apropriado para produzir utensílios, e também a lenha para a queima. O excerto abaixo ilustra esse recurso.

As comunidades do Comum dos Vieiras entre os municípios de São Miguel e Coronel João Pessoa no Rio grande do Norte contam com a presença da senhora Raimunda, uma famosa louceira da região, uma senhora simples que traz em sua história o conhecimento da arte do barro. Ela diz que aprendeu essa arte com sua mãe e sua avó e que estas também aprenderam com as gerações passadas.

Dona Raimunda relata sobre a dificuldade de trabalhar essa arte porque é um processo muito muito difícil, pois primeiramente é necessário cavar o barro e prepará-lo para começar o trabalho. Esse barro é encontrado em terras dos vizinhos os quais muitas vezes cobram pagamento por ele. Assim também acontece com a lenha que elas utilizam para queimar as louças.

T6

O aluno/orador do T7 também emprega o recurso da narração para sustentar a tese de que trabalhar com a arte do barro é um processo muito difícil. Ele narra a dificuldade que as loiceiras encontram para conseguirem a matéria-prima (o barro de loiça), pois o local de onde retiram o barro é muito longe e, sendo assim, têm que trazer em suas próprias cabeças ou com auxílio de um jumento.

Trabalhar com essa arte nunca foi fácil, pois o barro utilizado como matéria prima para a construção dos objetos não era encontrado em qualquer lugar, às vezes muito longe e para trazer o barro até suas casas eles tinha o auxílio de um jumento ou carregavam em cestos pesados. Dona Raimunda ainda relata que atualmente o barro é comprado, pois alguns donos de terras dizem que se elas vão lucrar com as vendas dos objetos que produzem é justo que pague pelo barro.

T7

Nos T8 e T9, para ilustrar a ideia de que a arte do barro é muito bonita, porém poucas pessoas reconhecem o seu valor, e que o valor dessa arte não se mede pelo dinheiro, mas pelo sabor das comidas feitas nas panelas de barro e da água armazenada nos potes, os alunos/oradores utilizam os recursos da descrição e da narração. Eles narram, inicialmente,

sobre o trabalho que as loiceiras têm para conseguir o barro apropriado, depois eles descrevem o passo a passo que elas devem seguir para modelar os objetos até chegar à perfeição.

Ao fazer esse relato e a descrição de todo o processo, os alunos/oradores intencionam convencer o auditório que para atingir a beleza dessa arte as loiceiras têm um trabalho árduo. E além disso, depois de prontas, ainda é preciso ter muito cuidado com a delicadeza dos objetos, já que eles podem quebrar com facilidade, principalmente, na hora da queima.

Logo, pressupõe-se que os objetos feitos do barro deveriam ser reconhecidos e valorizados pelas pessoas, não como meio de sobrevivência, mas pelo valor que eles realmente merecem, ou seja, são obras de arte, tanto pelo valor cultural que elas representam em nossa história, como também pela delicadeza e habilidade no processo de criação. Vejamos os excertos abaixo:

As louceiras falam que para conseguir fazer esse trabalho lindo elas têm de achar o barro certo, muitas vezes essas mulheres artistas ganham o barro certo, mas outras vezes elas têm que comprar. Quando elas acham o barro, colocam com água para ficar um pouco mole e poder começar seu trabalho.

Primeiro elas amassam o barro e depois pegam um pedaço grande e começam a modelar quando estão quase prontas, as louceiras tiram o pé e para isso elas usam restos de faca, restos de etiquetas de roupas e sabugos de milho. Depois disso, elas as levam para um forno grande para queimar e dentro de três horas estão prontas, mas muitas vezes algumas quebram na hora que estão queimando.

T8

Trabalhar com essa arte é um processo demorado e delicado, desde a coleta do barro até o produto final dos objetos, as louceiras seguem várias etapas: primeiramente o barro é colocado de molho e posto para descanso durante algum tempo e em seguida é amassado até que ele fique uma consistência adequada para a modelagem dos objetos. Depois de modelados eles passam por etapas de acabamentos como serem lixados e alisados e por fim, vão para o forno para serem queimados e estão prontos para serem levados até a feira e serem vendidos.

T9

As teses são de que a arte do barro é muito antiga, uma herança cultural, e ainda se faz presente em algumas regiões do Brasil. Mas, atualmente, não é comum ver as pessoas dando continuidade a essa arte, defendida, respectivamente, nos T10 e T11, nos quais os alunos/oradores utilizam o recurso de presença da narração, a fim de melhor convencer o auditório.

O primeiro fala sobre a existência dessa arte no estado do Rio Grande do Norte, mais especificamente nas comunidades do Comum e dos Vieiras, respectivamente, em São Miguel/RN e Coronel João Pessoa/RN. Com isso, ele espera convencer que é real a existência dessa arte. Esse mesmo orador relata que D. Raimunda, umas das responsáveis de passar essa arte adiante, aprendeu esse fazer com sua mãe, que também aprendeu com outras pessoas, o que nos leva a entender que essa arte é bem antiga, já que vem sendo passada por outras gerações passadas.

No Rio Grande do Norte, nas comunidades do sítio Comum e do Sítio Vieira localizados entre as cidades São Miguel e Coronel algumas mulheres a quem chamamos de louceiras ainda cultivam essa arte. Dona Raimunda, uma das louceiras dessas comunidades, diz que aprendeu essa arte com a sua mãe que também aprendeu com outras pessoas. Ela relata que quando sua mãe faleceu ficou seguindo essa profissão, mas sofria muito para trabalhar porque ela tinha sete filhos para dá de comer e o sustento de sua família saía do barro, ou seja, dos objetos que ela fazia com o barro.

T10

O segundo traz um relato de como era a prática de fazer utensílios do barro. De acordo com as loiceiras do Comum e dos Vieiras, elas começavam a trabalhar com as “loiças” desde crianças, e daí por diante iam passando de mães para filhos, até chegar nos dias de hoje, mas elas dizem que nos dias atuais, no lugar onde moram, as pessoas mais jovens não se interessam tanto em dá continuidade, e as mais velhas, algumas delas, já pararam de trabalhar, por conta da idade avançada ou porque têm algum problema de saúde. Com esse recurso, o auditório passa a concordar que a arte do barro pode deixar de ser praticada nessas regiões.

A arte de fazer panelas e outros utensílios de barro é uma cultura herdada pelos índios e pelos negros e ainda prevalece na vida de algumas pessoas nos dias atuais. As mulheres do Sítio Comum e dos Vieiras que trabalham com o barro relataram que elas começaram a fazer esse trabalho com as louças quando eram crianças e daí por diante começaram a passar essa arte de mãe para filhos e assim ela permanece até hoje.

Nos dias atuais não é comum ver muitas mulheres dando continuidade a esses fazer artístico, pois as mais antigas pararam de trabalhar por conta da velhice ou por problemas de saúde e as gerações mais novas já não se interessam tanto em aprender o artesanato do barro.

T11

No T12, o aluno/orador para defender a ideia de que a arte do barro é bonita, porém muito complicada e pesada, usa o recurso da repetição de ideias. No excerto:

Esse trabalho é um serviço complicado e que exige paciência, mas muito interessante. É um trabalho de paciência e pesado, mas é um trabalho de arte.

T12

O aluno/orador emprega o recurso da repetição. Ele diz que é um serviço complicado, que exige paciência, e repete essa mesma expressão, logo em seguida reforça a ideia de que para trabalhar com essa arte é preciso que a artesã seja paciente e persistente e, acima de tudo, tenha disposição para levá-la adiante.

No T13, o aluno/orador desse texto defende a tese de que a loiceira, D. Raimunda, tem orgulho de ter se criado e criado seus filhos com a arte do barro, embora ela seja trabalho lento e demorado. Para dá ideia de que o processo é lento e demorado, ele traz o recurso da descrição, em que a “loiceira” descreve o passo a passo desse fazer artístico.

Ela nos dise que o passo a passo do artesanato do barro é lento e demorado. Primeiro deve pilar, penerar, deixar o barro de molho para depois dele mole e amassado poder modelá-lo apos disso os objetos passaram pelo processo de acabamentos e são levados até o forno para serem queimado.

Depois de prontos os objetos era levados para a feira onde era vendidos ou muitas vezes trocados por galinha, porco, peru, rapadura e outros alimentos as louceiras daquela época dependiao do artesanato do barro para tirarem o seus sustento e o de suas famílias.

T13

Como podemos observar, ao descrever todo o processo do preparo do barro, até o momento de levar os objetos ao forno, o auditório vai visualizando o trabalho das loiceiras e criando uma imagem sobre a construção dessa arte. Ele vai concordando com o orador ao dizer que é um serviço lento e demorado, ele entende que não é uma tarefa que se faz de imediato.

É, verdadeiramente, uma arte, a qual precisa de todo um preparo e tempo determinados, para que se atinja a ‘perfeição’. Além disso, todo esse trabalho enaltece o orgulho de nossa artesã que, mesmo tendo que dar conta de todo esse processo, para realizar o seu fazer artístico, coloca o seu amor pela arte acima do cansaço ou de qualquer outro obstáculo.

CONCLUSÃO

Diante da discussão analítica acerca da argumentação ao longo deste trabalho, pudemos perceber que todo discurso, seja ele oral ou escrito, independentemente de gênero ou tipo discursivo/textual, tem em si uma orientação argumentativa. Os falantes de uma língua, seja ela qual for, intencionalmente ou não, fazem uso da argumentação nas mais diversas atividades comunicativas. Porém, sabemos que no cotidiano da sala de aula, sobretudo nas atividades propostas pelo livro didático, é comum observarmos atividades que trabalham a questão da argumentação como um mero tipo textual, característico de um determinado gênero discursivo/textual, de forma separada. Nessa visão, a retórica se restringe às produções dissertativas, como se ela não estivesse presente em todas as formas de discursos. Vale ressaltar, entretanto, que a argumentação é mais predominante em um ou em outro gênero discursivo/textual, mediante sua função social, mas isso não significa dizer que ela não esteja presente nas demais formas de textos/discursos.

Partindo dessa premissa, propusemo-nos, neste trabalho, a analisar alguns processos argumentativos em produções textuais de alunos do Ensino Fundamental. Escolhemos, *a priori*, trabalhar com textos do gênero relato histórico, os quais, geralmente, são tidos como exemplos de textos do tipo narrativo. Contudo, como vimos no nosso capítulo de análises das categorias argumentativas, ou seja, teses, valores hierarquizados e recursos de presença, os produtores do texto, mesmo que involuntariamente, fazem uso desses processos em seus discursos.

Assim, neste trabalho, analisamos os processos argumentativos (teses, valores e suas hierarquias e recursos de presença) no discurso da loiceira D. Raimunda, bem como em relatos históricos produzidos, no caso, por alunos do 9º ano sobre o fazer artesanal das loiceiras da comunidade Vieiras e comunidade quilombola do Comum, na serra de São Miguel-RN, buscando, desse modo, destacar o valor que essa cultura representa para o aluno e sua contribuição para o ensino de Língua Portuguesa.

E, partindo do objetivo geral, trabalhamos, ao longo do texto, com interpretação das teses defendidas no discurso de D. Raimunda, assim como também nas produções textuais dos alunos. Procuramos identificar e analisar as hierarquias de valores presentes no discurso de D. Raimunda e nos textos dos discentes. Analisamos, ainda, os recursos de presença no discurso de D. Raimunda e nas produções de textos dos estudantes, os quais demonstraram uma identificação com a temática. E, portanto, buscamos valorizar a cultura local e suas contribuições para as atividades de produção textual no ensino de Língua Portuguesa.

Para dar conta dos nossos objetivos, desenvolvemos um plano de trabalho com 6 oficinas, baseadas na concepção de Paulo Freire, na qual aliamos a cultura local com conhecimentos da escrita de produção de textos e argumentação. Podemos dizer que trabalhar essas oficinas, em sala de aula, foi um trabalho bastante produtivo, pois notamos em nossos alunos, desde o início, um certo encantamento pelo tema proposto.

Nesse momento, o fazer artesanal das loiceiras das comunidades supracitadas foi interessante para eles, visto que, pelo fato de estarem lidando com algo que faz parte do seu contexto sociocultural, os discursos se desenvolveram. Alguns deles, além de morarem nessas localidades, eram também parentes de loiceiras de lá, então, no caso, conviveram desde crianças com essa arte; outros até participavam desse fazer artístico, ajudando de alguma forma, fosse carregando o barro ou indo à feira, para ajudar na comercialização dos objetos. Isso propiciou aos alunos uma apropriação do tema proposto, já que eles estavam tratando de algo concreto para eles. Falar de algo que se conhece é menos difícil.

No decorrer de nossas oficinas, uma delas foi destinada à ida dos alunos à localidade das loiceiras, então, nesse momento, oportunizamos a todos os alunos da turma, conhecerem de perto o trabalho delas, entenderem como se dá o passo a passo dessa atividade artística. Nesse contexto, os alunos, que não residiam nas comunidades, tiveram a oportunidade de se apropriar também da temática proposta. O intuito dessa visita foi levar os alunos a indagarem da nossa colaboradora, D. Raimunda, loiceira mais antigas da região, sobre todo o processo da arte do barro. Eles fizeram perguntas conforme ia surgindo a curiosidade e, assim, Dona Raimunda ia construindo o seu discurso em defesa de sua arte. A partir do discurso dela, eles produziram o discurso deles na forma de texto do gênero relato histórico.

No nosso capítulo de análise, fizemos uma leitura dos textos dos alunos para a identificação das categorias argumentativas, as quais nos propusemos a investigar. Como primeiro objetivo, já mencionado acima, buscamos identificar as teses presentes, tanto no discurso de nossa colaboradora, D. Raimunda, como também nos textos dos alunos. Embora os discursos fossem apresentados em modalidades diferentes, já que Dona Raimunda produziu o seu discurso na modalidade oral, e os alunos na escrita, observamos que, tanto ela como eles defendem pontos de vistas em relação ao tema tratado.

D. Raimunda defende o que faz, apresentando sua visão em relação à sua arte, buscando mostrar o que ela representa em sua vida. Do mesmo modo, os alunos também mostram os seus pontos de vista, ressaltando a visão que eles têm acerca da arte do barro. A diferença é que Dona Raimunda defende uma ideia referente a algo que ela pratica, então, tem uma visão mais pessoal, mais subjetiva; ela fala como personagem da ação, enquanto que os

alunos defendem uma tese de forma mais distanciada do tema. Outro momento relevante foi a análise dos valores concretos e abstratos, no que tangem também à hierarquização.

É certo que esses valores vão mudando de posição hierárquica, tanto no discurso de D. Raimunda como no dos meninos. Nos dos alunos, por exemplo, pelo fato deles terem produzido os textos com base na fala de Dona Raimunda, temos valores bem parecidos, mudando apenas a forma como eles os hierarquizam. No caso da análise dos recursos de presença, também foram encontrados nos dois discursos, porém, no discurso de Dona Raimunda, tais recursos foram marcantes e mais ilustrativos, pois ela recorria à algumas histórias com exemplificações bem reais. Já no discurso dos alunos, aparece praticamente o mesmo recurso de presença, em quase todos os textos.

Quanto à reflexão sobre o valor da cultura local e suas contribuições para as atividades de produção textual, no ensino de Língua Portuguesa, notamos que o trabalho em torno da cultura local, mais especificamente em torno da arte do barro, foi bastante produtivo, tanto no que se refere ao valor que essa arte representa para as pessoas das comunidades onde realizamos a pesquisa, como para os alunos que, grosso modo, puderam reconhecer o valor que a arte do barro representa na constituição da cultura do povo potiguar.

Observamos ainda que a temática da cultura local, nas atividades de produção textual, durante as oficinas desenvolvidas nas aulas, propiciou aulas mais dinâmicas e descontraídas, de modo a facilitar as atividades de produção textual. Embora os alunos tenham apresentado algumas dificuldades na atividade escrita, o fato de estarem falando de algo que conheciam, de modo mais concreto, contribuiu bastante para que escrevessem seus textos de forma mais significativa. Mas, não podemos deixar de falar que, mesmo diante do estímulo da temática da cultura local, ainda assim, encontramos alguma relutância dos alunos ao produzirem os textos, pois eles não se julgavam capazes de escrever um texto com significação.

Com relação aos resultados desta pesquisa, podemos dizer que foram positivos, visto que, ao término de nosso trabalho, notamos que os nossos alunos, os quais apresentavam tantas dificuldades de escrita e aversão à produção de texto, nas aulas de português, conseguiram cumprir a atividade proposta por nós, e ainda que não tenham conseguido seguir à risca a estrutura e as características do gênero discursivo/textual proposto, conseguiram escrever um relato no qual estavam presentes as categorias argumentativas, as quais nos propusemos a investigar, interpretar e analisar.

Das considerações feitas até aqui, podemos concluir que a argumentação se faz bastante presente nos discursos analisados em nossa pesquisa. Com isso, reafirmamos que sua contribuição para o ensino de português foi significativa, pois, para expor suas impressões e

pontos de vistas sobre o fazer artístico das loiceiras, os alunos fizeram uso de alguns processos argumentativos.

A argumentação contribuiu também para que o aluno pudesse se posicionar criticamente acerca da arte do barro, como vimos em algumas teses identificadas no capítulo de análise. Esse aspecto vem ao encontro da proposta dos PCNs (1998), quando propõem que o aluno deve ser induzido a desenvolver sua criticidade nas aulas de Língua Portuguesa. Na nossa visão, a argumentação é a ferramenta que melhor dá conta dessa proposta.

Vale salientar que a nossa pesquisa tem um viés interventivo, pois o PROFLETRAS (Programa de Mestrado Profissional em Letras), propõe que nós, professores de Língua Portuguesa, identifiquemos um problema e, a partir de uma intervenção pedagógica, apresentemos possíveis soluções.

O programa tem por objetivo melhorar as habilidades e práticas metodológicas do profissional da área, para, assim, lidar de forma mais eficaz com as problemáticas encontradas em sala de aula. Desse modo, podemos dizer que a nossa pesquisa tem uma grande contribuição para o ensino de língua materna, pois, além de intervir diretamente em um problema da sala de aula, faz-nos repensar as nossas práticas pedagógicas, com vistas a melhorá-las, em prol da qualidade da aprendizagem dos nossos alunos.

A nossa pesquisa também se mostra relevante para outros professores da área, os quais podem lê-la e replicá-la em suas aulas, assim como tantas outras que foram desenvolvidas envolvendo, sobretudo, a argumentação e a cultura local no ensino de português, bem como em atividades de produção textual. Além disso, esse trabalho pode servir como ponto de partida para que outros profissionais possam redimensionar pesquisas relacionadas às questões acerca da argumentação e/ou da cultura local.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Antônio Suárez. **A arte de argumentar**: gerenciando razão e emoção. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- ADAM, Jean-Michel. **A linguística textual**: introdução à análise textual dos discursos. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de; BRAGA FILHO, W. **Uma história do negro no Brasil**. Salvador: Centro de estudos Afro-Ocidentais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.
- ALVARES, Sonia Carbonell. **Maragogipinho - As vozes do barro**: práxis educativa em culturas populares. 2015. 375 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.
- AMARAL, Daniella Magri. **Loiça de Barro do Agreste**: um estudo etnoarqueológico de cerâmica histórica pernambucana. 2012, 373 f. Dissertação (Mestrado em arqueologia). Universidade de São Paulo, 2012.
- AMOSSY, R. **A argumentação no discurso**. Tradução de Eduardo Lopes Pires e Moisés Olímpio-Ferreira. São Paulo: Editora Contexto, 2018.
- ANTUNES, Irandé. **Análise de textos**: fundamentos e práticas. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília – DF, 2005.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3 ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.
- _____, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental/ Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CLARA, Regina Andrade; ALTENFELDER, Anna Helena; ALMEIDA, Neide. **Se bem me lembro...: caderno do professor: orientação para produção de textos**. São Paulo: Cenpec, 2016.
- COMUNIDADE QUILOMBOLA DE SOBRADO. **Segregação e identidade em seu município. (entrevista concedida em meio eletrônico pessoal)**. Portalegre/RN, mar. 2018. Entrevista concedida ao professor Dr. Gilton Sampaio de Souza.
- COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de Gêneros Textuais**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- DANTAS, Francinilda Lucinda. **Cultura popular e argumentação sobre a Lenda da Pedra da Moça no município de São Miguel/RN**: das memórias do contador às produções textuais

em sala de aula. 2015, 172 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Faculdade de Letras e Artes. Pau dos ferros, RN, 2015.

FOCILLON, Henri. **Elogio da mão**. (Livro eletrônico) São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Educação e Mudança**. 12 ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1979.

_____. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez e Moraes, 1972.

FREYRE, G. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 48 ed. São Paulo: Global, 2003.

GERHARDT, Tatiana. E.; SILVEIRA, Denise. T. (Orgs.) **Métodos de Pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HALBUWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

KOCH, Ingedore. G. Villaça. **Argumentação e Linguagem**. São Paulo: Cortez, 2011.

LEITÃO, Selma; DAMIANOVIC, Maria Cristina. (Orgs.) **Argumentação na escola**: o conhecimento em construção. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

LOPES, Ana Paula. **Narrativas andantes da passagem da “Coluna Prestes” pelo município de São Miguel/RN**: contexto sociocultural e argumentação no ensino de língua portuguesa. 2015, 201 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Faculdade de Letras e Artes. Pau dos ferros, RN, 2015.

MACHADO, R. C. V. **Artesanato do barro**. Pesquisa Escolar On-line, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>>. Acesso em: 28 mai. 2003.

MARCUSCHI, Luiz A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. Paiva. MACHADO, Anna. R; BEZERRA, Maria. A. (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARTINS, Jorge Santos. **Projetos de pesquisa**: estratégias de ensino e aprendizagem em sala de aula. Campinas: Armazém do Ipê, 2005.

MENDES, Francisca R. Nogueira. **A louça de barro do córrego de areia**: tradição, saberes e itinerários. 2009, 198 f. Tese (Doutorado em sociologia). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, CE, 2009.

MUNIZ, Reassilva Trilha. A pedagogia no quilombo. **Revista Científica do ITPAC**, Araguaína, v.4, n.3, Pub.3, jul. 2011.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Coisas que todo professor de português precisa saber**: a teoria na prática. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

POSSENTI, S. Sobre o ensino de português na escola. In: GERALDI, João W. (Org.). **O texto na sala de aula**: leitura e produção. São Paulo: Ática, 1997.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CORONEL JOÃO PESSOA. **História da cidade**. Disponível em: <<http://coroneljoaopessoa.rn.gov.br/historia-cidade>>. Acesso em: 29 jun. 2019.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO MIGUEL. **Biografia da cidade de São Miguel**. Disponível em: <<https://www.saomiguel.rn.gov.br/municipio>>. Acesso em: 29 jun. 2019.

QUEIROZ, Núbia C. Pessoa de. **Argumentação em memórias literárias da Olimpíada de língua portuguesa**. 2015, 187 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Faculdade de Letras e Artes. Pau dos ferros, RN, 2015.

REBOUL, Olivier. Introdução à retórica. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SILVAVI, Juliana Morilhas. O valor da cultura: um estudo de caso sobre a inserção da louça do Maruanum/AP no mercado e sua relação com a preservação do patrimônio cultural. 2012, 108 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro: 2012.

SOARES, Francisca Lúcia B. de Lima. **A argumentação em artigos de opinião da Olimpíada de Língua Portuguesa**. 2015, 157 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Faculdade de Letras e Artes. Pau dos Ferros, RN, 2015.

SOUSA, M. S. C. **A argumentação no ensino de português**: da produção à análise de artigo de opinião sobre “o caso Francisca do Socorro” em Milagres/Ce. 2017, 147 f. Dissertação (Mestrado em Ensino). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Pau dos Ferros, RN, 2017.

SOUZA, Gilton S. de; BESSA, José Cezinaldo R; SILVA, Ananias A. da. Para um diálogo sobre argumentação: uma entrevista com Antônio Suárez Abreu. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 02, n. 01, p. 429 – 433, jan./jun. 2013.

SOUZA, Gilton S. de. **O Nordeste na mídia**: um (des)encontro de sentidos. 2003. 398 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2003.

XAVIER, Glayci Kelli R. da Silva. É hora do comercial: introdução ao estudo da argumentação no ensino fundamental por meio de textos publicitários. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 02, n. 01, p. 336 – 356, jan./jun. 2013.

**APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DA CONVERSA COM DONA RAIMUNDA
NONATA DA SILVA**

Locutor 01: É a senhora sozinha que produz?

D. Raimunda: Não. É a trabalhadeira que eu boto. Essa pra fazer pote e essa pra fazer as travessas e aí quem dá o acabamento é eu. Elas faz deixam aí, aí eu dou o acabamento.

Locutor 02: a senhora faz desde de quando?

D. Raimunda: Bom, minha arte desde pequeninha, desde quando eu nasci pequenininha, minha mãe trabalhando, eu de 6 – 7 ano era ela trabalhando e dizendo: traz fogo, fogo pra mim acender o cigarro! E comecei a levar fogo e bulindo, bulindo e quando fui crescendo mexendo também e aprendi e desde que já tenho 73 dentro de 74 ano e minha arte é essa e amo minha arte. As meninas briga é muito pra eu deixar. “Mãe, mãe não precisa não, o dinheiro de mãe não dá não?” Eu digo dá, mas eu acho bom mexer aí pronto... na semana que eu quero fazer eu faço, na semana que eu não quero aí eu não faço. Mas eu acho bom. Aí os meninos fica brigando, brigando.. um briga e outros diz “bula, bula, mãe”... que eu tenho problema nos ossos, diabetes... Aí elas diz assim: “ah se mãe parar, mãe fica toda dura, mãe vai ficar toda aleijada.” Eu digo pois deixe eu mexer (risos) pois é...

Locutor 02: A senhora vai muito longe pra pegar?

D. Raimunda: Não, esse barro nós compra. Eu compro esse barro lá dos Apolõe, aí agora tem um lá de Edmilson Alves pra eu ir pegar, essa semana era pra ter ido, eu não fui. É comprado.

Locutor 02: Assim... que mal pergunte, sai muito caro o barro pra ser comprado ou não?

D. Raimunda: Não. Eu comprava era em carga de jumento, aí o menino que vendia em carga de jumento não vendeu mais, aí eu agora compro um pedaço de terra e arranco e meu menino vai buscar no carro.

Locutor 03: por quanto mais ou menos a senhora vende um pote desse?

D. Raimunda: Um pote desse? É vinte e cinco. Desse tamanho é vinte e cinco, o maior é trinta, mais maior é 50, mais pequeno é vinte... todo preço.

Locutor 02: E essas assim?

D. Raimunda: essas assim é de dez, de oito, de cinco.

Locutor 02: Bem barato. E o trabalho é grande, né? Pra...

D. Raimunda: É, o trabalho é grande. Isso aqui quando for amanhã eu vou botar um barro vermelho. Nós chama coá, eu vou passar, aí tem umas pedrinhas ali pra gente ficar alisando, cabar nós vamos passar aquelas sacolas brancas pra ficar bem espinhentazinha , pra poder botar no forno pra queimar. Aí a lenha já está ali. Comprei trezentos real de lenha a Edmilson Alves. É uma mão de obra danada, mas ...

Locutor 02: Leva mais ou menos quantos dias pra fazer, assim... deixar finalizado?

D. Raimunda: Não, não faz tudo de uma vez não. Ói, foi feita ontem, hoje já tirei o pé, amanhã se eu quiser queimar, já queimo, mas estou enrolando pra deixar só pra sexta-feira. tô enrolando já na rede e em pano pra deixar só pra sexta-feira, mas se quiser queimar amanhã já dá pra queimar. Quando for amanhã já queima.

Locutor 02: Então só faz cada processo a cada dia diferente, é?

D. Raimunda: É cada um é um dia diferente, amanhã eu vou grosar, passar pedra nelas, aí quando for a depois de amanhã se Deus quiser aí eu vou e enfurno, aí sábado...

Locutor 03: Demora muito pra queimar?

D. Raimunda: Não. Umas três horas, três horas. De esquentar pra queimar, umas três horas.

Locutor 03: Depois que queima ainda passa mais alguma coisa?

D. Raimunda: No outro dia é que tira...

Locutor 03: ah...

D. Raimunda: Não vai tirar no mesmo dia não que é quente. É enfurnado no forno ali, depois vocês vão ali no forno pra ver como é que é, coberto com um bucado de caco.

Locutor 02: As pessoas compram muito?

D. Raimunda: Compram. Compram bastante e agora com esses tubozinho de gás de 75 tão comprando panela (risos) esse chaminé pra fazer o fogão de lenha, eu tava dizendo... esse mês passado eu tava vendo a hora não dá nem vencimento... que é pra sair a fumaça, né?! De Pereiro, veio uma menina de Pereiro no sábado comprar. Levou uma pãozeira, não.... levou uma panela e um chaminé. Aí disse que no sábado mandava por Beta pra levar a pãozeira pra cozinhar o cuscuz.

Locutor 02: Você tem pãozeira pra mostrar?

D. Raimunda: Aqui não tem não, minha filha, só tem na rua. Em São Miguel tem muita, mas aqui não tem não. A loiça que tem é só essa daqui. Aí aqui a mão de obra pra gente trabalhar, deixe eu lhe mostrar como é que é. Vocês não viram ainda com o que é. Deixe eu caçar o material. Aí é facão, as pá, os pau de alisar, aqui é os sabugos de arranhar, aí aqui é os couro (sapato velho, etiqueta de roupa) elas têm os shorts e eu arranquei as etiquetas pra fazer (risos) deu certinho (risos). E o barro é esse aí. Esse monte que tá ali tá mole, esse aqui...

Locutor 03: Mas esse aqui é pra fazer ou esse daqui é das rapas?

D. Raimunda: É pra botar de molho de novo. Das rapas que eu rapei, mas eu boto de molho aí faço de novo. Querendo fazer faz de novo, mas depois de botar de molho de novo. Mas hoje eu tava um pouco cansada, aí fui cuidar no comer, hoje não vou mais tirar pé não, amanhã eu tiro.

Locutor 03: O couro você usa pra quê?

D. Raimunda: pra passar assim nas panelas assim, ói. Aí a gente passa assim do jeito que tá assim e as pá é pra gente passar assim pra alisar. Esses facão é pra rapar e essas pá aqui pra gente alisar.

Locutor 03: Hum!! Tá certo.

D. Raimunda: Aí as meninas diz assim... eu tenho cinco filhas só aprendeu três, duas não sabe. Assim, elas mexe, vem me ajudar, mas pra dizer assim pra fazer elas não sabe fazer. As outras três sabe fazer pote, panela... aí ajeita as outras loiça tudinho, ói. Esses daqui já estão queimado. Já tão no ponto de vender. Agora esses ali tão tudo cru.

Locutor 04: Dona Raimunda, a senhora aprendeu essa arte com quem?

D. Raimunda: Mamãe, minha avó era loiceira, minha mãe. Aí aprendei com elas. Depois que aprendei com elas aí pronto... uma comadre também que eu tinha, comadre Marina, era uma loiceira bem boa. Comadre Maria, tudo fazia. Comadre Maria foi quem ensinou essa menina minha mais um neto de Abigail, um filho da Abigail, num torno que tá guardado lá na casa dela. Ela morreu, tem a casa velha lá, mas tão com o torno lá guardado. Pra fazer essas coisas, essas travessas é no torno, mas aí ela foi quem ficou com esse torno que era numa casa de farinha que tinha ali. Mas aí só quem aprendeu foi minha menina e o irmão desse menino de comadre Abigail de..de.. (como é, André?) Alfredo que tá em São Paulo. Ele aprendeu. Aí levaram o torno pra lá, a velha morreu, a filha é quem tem. Não deu a ninguém, aí faz só manual mesmo. Na mão.

Locutor 02: Dá muito trabalho pra fazer essas?

D. Raimunda: Dá não. Pegou o bolão de barro mole ali, pra quem sabe. Olhe o tanto que foi feito ali, a menina fez. Aqui foi só uma pessoa só que fez.

Locutor 04: São mais trabalhosos de fazer os menores, não é?

D. Raimunda: É, os menores, toda coisa menor é mais ruim de lutar que as maiores, não é? Essa loicinha miudinha. Tenho um bucado dessa loicinha miudinha, mas é que eu compro a essa menina dali. Lá tem loiça de todo jeito que você pensar, eu compro a ela as loiça pequena. Todo tipo de loiça que você mandar ela fazer, ela faz. Agora eu não faço, não tenho paciência não. Xícara, copo de beber cachaça, e todo tipo de loiça que você quiser ali na casa dela tem. Tem é vasilha cheia lá. Agora é cara, mas é puxada as loicinha dela. Não é barata não. Ela diz: “não vou trabalhar perdido não, de jeito nenhum”. E ela diz eu trabal ...e é porque ela tem dois salários, mas ela diz: “Eu trabalho porque acho bom” Nasceu e se criou... também é filha de outra louceira. É minha sobrinha ela.

Locutor 04: Hoje em dia vocês comercializam esses utensílios na feira, mas sempre foi assim?

D. Raimunda: Não. Antigamente a gente saía no mundo vendendo, botava cangaia no jumento e saía vendendo no mundo, a gente ia pra cachoeira, pra hava, pros quinto, pra curso de vara... pra todo canto que tivesse gente a gente saía vendendo nas portas. Mas aí passou dos tempos, a gente passou a não levar mais a carga no jumento, agora é no carro. Agora carrega é no carro,

agora vai nos carro. Os caçuá, é aqui, é nesses caçuá. Aí quando não cabe nos caçuá arruma em caixa.

Locutor 04: E a forma de pagamento sempre foi com dinheiro como é hoje?

D. Raimunda: Não. Lá no sítio de cereais de dentro de casa quando eu saísse de tudo eu trazia, agora em São Miguel só é no dinheiro, mas no sítio, eu trocava em tudo quanto fosse coisa de comer eu trazia de porco a galinha, a peru, pato, quando vinha era carga de rapadura, na época de meus filhos, eu tinha era o monte de pote de rapadura, batida, alfenim, aqueles caíco ... tudo que eu saía no mundo e o pessoal tirava a loiça e dava aquele legume.

Locutor 04: e a senhora tirava o sustento de sua família com essa arte.

D. Raimunda: criei sete filho, meus filhos são sete filho. Meu marido me deixou o último com ele sentando no colo e já tem 4 e.. (quantos anos teu pai tem? 44?) 44. Criei tudinho e graças a Deus nenhum passaram fome. Passaram precisão porque no meu tempo não existia a riqueza que hoje, o luxo que tem hoje em dia, as coisas tudo eram mais pobre, mas era mais sadio. Graças a Deus criei sete filho nunca vivi em pé de doutor com meus filho pra viver consultando em diversidade nenhuma. Eu botava uma caiga no jumento eu e a mãe desse menino de Bastião. Cada uma com uma caiga, botava um menino dentro de um, ou menino dentro de outro, outro no meio da cangaia e ia vacinar lá naquele posto do centro. Ali, o canto que nos vacinava os filho. Eu mesmo... às vezes digo aqui as meninas, as vezes chego lá elas diz assim: “ô como eu tô cheia de dor!”, “ô como eu tô com isso!”, “ô eu fiz isso!”. Eu digo: mas vocês têm muita preguiça! O que foi o serviço que vocês fez hoje? Lavar prato e barrer casa “é serviço de mulher? A mãe dessa daqui, que é minha nora, chego lá ela diz: “Ô, meu Deus, tanta dor”... ela tem duas moças... “Ô, meu Deus!” Aí eu vou digo: o que é, mulher? O que foi? Barrer terreiro, barrer casa, lavar prato é serviço de cansar mulher? Eu digo: quanto mais se vocês tivesse pilado no pilão que nem antigamente nós pilava o milho ou o arroz era no pilão, o milho era no moinho, o café era no pilão, tudo isso eu fazia. Deixar almoço, os alguidar de almoço na roça com um bucho que era em age de nem poder. Tudo isso eu fiz e tou aqui com essa idade ainda. “Não, mãe tem mais saúde que nós, tem mais coragem que nós.” Eu digo: eu só não tenho saúde, mas coragem eu tenho. Não tenho medo de serviço não. Agora não posso mais fazer porque a idade não presta mais não, mas ainda fico tentando ainda.

Locutor 04: Esse trabalho, além de satisfação, deve trazer muitas experiências boas na vida da senhora.

D. Raimunda: Ói, bichinha, e sadio, essa menina que veio trabalhar aqui antes de ontem, ela veio queimar uma loiça na sexta-feira, um espinho foi e cortou o dedo dela. Ela chegou e disse: “eu não sei, madrinha Raimunda, se vou aguentar trabalhar. Ói o tamanho do goipe aqui no dedo de puxar o barro” que o trabalho aqui é no dedo. Aí eu fui e disse: quando você furar o barro a primeira vez, a segunda vez você não sente mais dor. Aí nós chama é barro, mas o pessoal não chama né gila (argila)? Nós chama barro. Agora eu tenho levado barro pra tanta gente e tem vendido também. Tem gente que compra também um bucadão de barro para fazer argila. Que sendo pra fazer argila quer que cave o barro... tira aquela terra, por exemplo, cava daqui pra cá, quando chega assim é que vai tirar, que é o barro certo pra fazer argila. Aí, por isso que eu digo a terra... quem cria nós é a terra.

Locutor 02: Mas antes quando a senhora não comprava o barro?

D. Raimunda: Não, antigamente não, esse terreno aqui é de uma comadre minha (da que morreu) a gente entreva aqui e tirava lenha, pegava aquela foice e tirava o feixe de lenha, a gente arrancava o barro de graça, ninguém se importava com nada. Achou aquele barreiro, nós tirava o barro e tirava a lenha, mas ho/je em dia. Aqui mesmo tem, aqui nessa terra aqui do lado de São Miguel é do povo do finado Dionísio. Aí tem barro de primeira, mas quem é doido de entrar aí dentro pra ir pra cadeia?! Tem que ser comprado, tem que a pessoa falar .. aí diz logo: nã, não vou dá barro a você pra você ganhar dinheiro. Tudo é comprado, aí a gente vai e compra. Já passou foi semana aqui sem eu fazer porque não tinha, mas aí agora eu arrumei lá nos Apolõe, e agora Edimilson Alves também disse: “Raimunda, venha buscar um barro pra você.” Mas eu tenho que pagar o trabalhador e o carro pra ir, aí agora o Carlo tá ocupado, mas essa semana que entra vamo ver se nós arranca um barrinho pode o inverno começar, aí quando for no inverno já tem o barro tirado.

APÊNDICE B - TRANSCRIÇÃO DOS TEXTOS DOS ALUNOS DO 9º ANOT1**A arte feita com o barro**

A arte do barro começou com os índios e foi passando para os negros no período da colonização e está presente nas nossas vidas até hoje. É uma arte muito bonita e segundo as louceiras (como são chamadas) é um pouco complicada de fazer, principalmente, as louças menores.

Antigamente as louças feitas de barro eram mais utilizadas para cozinhar e como utensílio para outros afazeres domésticos. Na atualidade, como antigamente, ainda se usa como utensílio de cozinha, mas também como enfeite. O barro também é conhecido como argila e é utilizado para outros fins.

No depoimento de Dona Raimunda, louceira conhecida nas Comunidade dos Vieiras, ela comentou que aprendeu seus trabalhos com seus antecedentes, como sua mãe, sua, avó, vizinhos e outros. E Dona Raimunda foi passando para suas filhas, mas nem todas elas fazem o processo completo, apenas duas sabem fazer o passo a passo. São várias etapas para chegar ao resultado final, quando elas não têm o barro, têm que comprá-lo. O primeiro passo é amassar o barro, depois vão modelando até o objeto ganhar forma para tirar o pé. Elas usam várias coisas, como etiquetas de couro, facões, sabugos de milho e outras ferramentas, todos os dias é um processo diferente até o dia de queimar. Na hora de queimar as louças, várias se quebram, principalmente, as tapioqueiras.

Ela disse que antigamente a comercialização dos objetos se dava pela troca em alimentos ou outros objetos e também tinha como pagamento em dinheiro. Hoje o pagamento é apenas em cédulas e moedas. Mas segundo Dona Raimunda agora não é esse ofício que lhe dá seu sustento que continua fazendo apenas pelo prazer e divertimento, pois hoje tem como fonte de renda o aposento. Mas nem por isso irá deixar de fazer essa atividade, pois faz isso desde que se entende por gente e vai fazer até o último dia de sua vida.

E. V. F.S



Louceiras por amor

A arte do barro ainda se faz muito presente no Nordeste brasileiro, especialmente nas comunidades Vieiras Vieira e Comum situadas entre as cidades Coronel e São Miguel no Rio Grande do Norte. Apesar de ter diminuído bastante o número de pessoas que levam adiante esse trabalho nessas comunidades, a arte é passada de geração em geração. Ultimamente com as panelas de alumínio e a praticidade delas, estão sendo cada vez menos utilizadas e compradas as louças de barro.

As louceiras relatam que aprenderam com sua mãe desde os 10 anos idade e a mais velha que se chama dona Raimunda conta que pratica há mais de 50 anos. Tiravam o sustento dos seus filhos através do barro. Colocavam as louças em uma espécie de caçuás, penduravam em um burro e saíam trocando nas casas por qualquer tipo de alimentos.

Mesmo não passando mais necessidade as artesãs explicam que continuam praticando essa arte porque amam o que fazem e o dinheiro é o que menos importa. Hoje em dia elas levam sua arte para a feira e ainda há bastante pessoas que compram objetos como: cuscuzadeiras, potes, panelas, e outros diversos tipos de utensílios de todos os tamanhos e modelos.

O trabalho com essa arte, entretanto, não é tão simples quanto parece. Necessita de técnica e experiência para adquirir um bom resultado e para a louça não quebrar no processo final. Infelizmente, essa arte está chegando ao fim, pois a geração mais nova já não tem tanto interesse como os de antigamente e as pessoas que ainda trabalham com isso já estão envelhecendo.

Os objetos feitos de barro já não são tão valorizados quanto antes. Estão sendo cada vez menos adquiridos e as pessoas já não procuram mais saber dessa cultura ou apreciá-la. Parte dessa desvalorização ocorre pelo advento da tecnologia.

C.Q.C.

T3

A arte do barro como símbolo de nossa cultura

A arte do barro faz parte da nossa cultura e é uma arte que veio de muitos anos atrás, e que por isso, os utensílios deviam ser mais valorizados. Fora que as comidas feitas nessas panelas são mais saborosas, mais saudáveis e não fazem tanto mal que nem as panelas de aço.

As primeiras pessoas que começaram a manipular o barro foram os índios e depois os negros. Essa arte é uma herança cultural que foi passada de geração para geração, chegando assim às diversas regiões brasileiras que ainda cultivam até hoje. Na região do Rio Grande do Norte, as louceiras dos Sítios Comum e Vieira, que por sua vez, aprenderam essa arte com suas mães e avós e que até hoje ainda praticam essa atividade com muito entusiasmo.

Trabalhar com essa arte, entretanto, exige paciência e muita dedicação. As terras para conseguir o barro eram bastante longe, iam a pé e voltavam com o barro na cabeça, quando chegavam em casa era passado por vários processos, era colocado de molho, no outro dia era modelado e depois era que podia ir ao forno. E estava pronto para usar e também vender.

Segundo as louceiras, a busca para conseguir o barro era difícil, era extraído em locais distantes e carregados em cargas ou em cestos em suas próprias cabeças. Hoje em dia o barro é comprado. Depois das louças prontas, as louceiras saíam a pé do Comum até a cidade de São Miguel para vendê-las e até mesmo nos caminhos elas trocavam os utensílios por galinhas, peru, por comidas. Nem sempre era no dinheiro. Esses utensílios dão trabalho e passam por vários processos até o seu acabamento final. Nos dias atuais, embora esse trabalho não seja tão valorizado como antes, pois as pessoas substituíram o uso das panelas de barro por outras de outros materiais, ainda assim, as louceiras dizem que continuam a fazer esse trabalho, pois não o fazem como uma forma de sobrevivência como antigamente, mas porque foi algo que fizeram durante toda a sua vida e gostam de fazer o que fazem.

M.A.M.L.



A louça do barro em destaque

A louça do barro sempre esteve presente em algumas localidades do Rio Grande do Norte e nas comunidades – Sítio Vieira – Comum têm algumas mulheres que ainda fazem essa arte, não por necessidade e sim por gostar de fazer isso. Mas antes essas pessoas eram quase obrigadas a fazer porque não tinham outro tipo de trabalho para poderem sustentar sua família.

Para muitas famílias, o trabalho com o barro não era o suficiente para atender às necessidades de sobrevivência, mas elas conseguiam comprar o básico. A maioria das louceiras aprenderam a fazer essa arte com sua mãe e avós ainda na adolescência. Muitas delas fazem esse trabalho desde criança e não continuam a fazer até hoje devido a idade avançada ou por problemas de saúde.

Já vi muitas pessoas produzindo esses objetos com o barro e pude ver como é difícil a modelagem e todo acabamento das peças. Primeiro as artesãs vão procurar o barro, ao encontrarem o colocam de molho descansando por mais ou menos um dia para poder começar todo o processo, depois de feitos todos os acabamentos, elas colocavam no forno e algumas horas depois estavam prontos e saíam elas para feira para vender as panelas os potes e todas peças que produziam.

Minha mãe, que se chama Maria, mora no sítio e tinha que ir para São Miguel a pé com um pote na cabeça para poder comprar um chinelo, quando chegou no meio do caminho o pote quebrou. Ela falou que começou a chorar porque tinha quebrado o pote e não ia poder comprar o chinelo. Ela falou que deu sorte nesse dia porque minha avó, nesse dia, conseguiu vender todas as outras louças e então pôde comprar o chinelo.

Esse trabalho além de ser meio de sobrevivência, era também uma forma de forma de unir as pessoas e de somar experiência e também de proporcionar momentos de diversão tanto quando estavam trabalhando na construção das peças como também nas madrugadas quando iam para a feira. Além disso, essa arte é importante porque ela faz parte da cultura dessas pessoas e também da cultura do povo brasileiro.

M. M.S.



As louças de barro

A arte com o barro hoje em dia é pouco conhecida por muitas pessoas, mas essa arte é bem antiga e ainda prevalece em algumas regiões brasileiras. No Rio Grande do Norte nas comunidades dos Vieiras e do Comum, dona Raimunda e dona Maria Célia (conhecida como preta) viveram por muito tempo sustentado suas famílias com o dinheiro das panelas, potes, travessas, jarros, alguidares e outros objetos que faziam de barro.

Elas falam que o processo para fazer os objetos de barro é muito demorado, principalmente, aqueles com detalhes decorativos. Cada dia é um processo diferente até chegar ao produto final, a última etapa é o processo da queima. Nessa etapa, os objetos são colocados em um forno também feito de barro e ficam lá durante três e são retirados apenas no dia seguinte.

Depois dos objetos prontos são levados para a feira de São Miguel para serem vendidos ou alguns são feitos sobre encomendas, nesse caso, as pessoas vão buscar na casa da própria louceiras. Porém, dona Raimunda e Maria Célia falaram que as vendas dessas obras de artes nem sempre foi assim, antigamente elas saíam pelos sítios para vender e às vezes trocavam por alguns alimentos ou outros objetos e assim elas garantiam o sustento das suas famílias.

As louceiras ainda relatam que hoje em dia as panelas de barro e outros utensílios foram substituídos pelas panelas de alumínio e por vasilha de plástico. Dona Raimunda disse que atualmente não faz as loucas de barro por necessidade como antes e sim porque gosta de fazer e para passar o tempo.

C. D. F.



As louças do barro

As comunidades do Comum dos Vieiras entre os municípios de São Miguel e Coronel João Pessoa no Rio grande do Norte contam com a presença da senhora Raimunda, uma famosa louceira da região, uma senhora simples que traz em sua história o conhecimento da arte do barro. Ela diz que aprendeu essa arte com sua mãe e sua avó e que estas também aprenderam com as gerações passadas.

Dona Raimunda relata sobre a dificuldade de trabalhar essa arte porque é um processo muito muito difícil, pois primeiramente é necessário cavar o barro e prepará-lo para começar o trabalho. Esse barro é encontrado em terras dos vizinhos os quais muitas vezes cobram pagamento por ele. Assim também acontece com a lenha que elas utilizam para queimar as louças.

Depois de recolhido o barro, ele é molhado e fica de molho durante algum tempo para começar o processo de modelagem, em seguida elas vão tirando os excessos do barro até os objetos irem ganhando forma. Ao ficar prontos, os objetos são levados para a feira de São Miguel e vendidos para pessoas da localidade e outras cidades.

F. L. S. S

T7

A arte do barro como sobrevivência

Dona Raimunda, uma senhora que desde seus 10 anos de idade trabalha com as louças feitas com barro, diz que essa arte foi passada por sua mãe e por sua avó e continua praticando essa atividade até hoje e diz ter orgulho de ter sido criada com o barro e foi assim que ela também sustentou os seus sete filhos. Ela diz que procurou passar esse ensinamento aos seus filhos, mas somente três delas se interessaram em aprender. Antigamente existiam muitas pessoas que trabalhavam com essa arte nas comunidades dos Vieiras e do Comum, mas hoje existem poucas louceiras, algumas delas já morreram e outras deixaram o ofício por problemas de doença.

Trabalhar com essa arte nunca foi fácil, pois o barro utilizado como matéria prima para a construção dos objetos não era encontrado em qualquer lugar, às vezes muito longe e para trazer o barro até suas casas eles tinha o auxílio de um jumento ou carregavam em cestos pesados. Dona Raimunda ainda relata que atualmente o barro é comprado, pois alguns donos de terras dizem que se elas vão lucrar com as vendas dos objetos que produzem é justo que paguem pelo barro.

As louceiras produzem lindas peças de barro como panelas, potes, travessas, moringa, jarras etc... produzem também objetos decorativos como minipanelas, minicopos entre outros mais. Dona Raimunda diz que o trabalho com essas artes pequenas é muito delicado e exige cuidado e habilidade, pois eles se quebram com facilidade.

L. B. A.



A arte do barro

A arte do barro que veio desde o tempo dos índios e depois passando pelos escravos está presente em nossa cultura até hoje. A louça feita de barro feita do barro, ou seja, de argila é muito bonita, porém são poucas as pessoas que reconhecem esse trabalho. As louceiras falam que para conseguir fazer esse trabalho lindo elas têm de achar o barro certo, muitas vezes essas mulheres artistas ganham o barro certo, mas outras vezes elas têm que comprar. Quando elas acham o barro, colocam com água para ficar um pouco mole e poder começar seu trabalho.

Primeiro elas amassam o barro e depois pegam um pedaço grande e começam a modelar quando estão quase prontas, as louceiras tiram o pé e para isso elas usam restos de faca, restos de etiquetas de roupas e sabugos de milho. Depois disso, elas as levam para um forno grande para queimar e dentro de três horas estão prontas, mas muitas vezes algumas quebram na hora que estão queimando.

Dona Raimunda disse que seus 7 anos de idade e até hoje ela ainda faz, mas ela faz porque gosta, ela falou que antes ela saía em burro com caçar e saía nos sítios e cidades para trocar por qualquer outro tipo de alimento. Ela tem 7 filhos e com o seu trabalho feito através do barro nunca faltou alimento aos seus filhos.

As panelas feitas de barro, antigamente, eram bem úteis, as pessoas cozinhavam leites, feijão, arroz, carnes e entre outras coisas. Mas agora tudo mudou tudo mudou, as pessoas só cozinham mais nas panelas de alumínio.

L.C.F.Q.



As louças de barro

A arte de fazer utensílios de barro é muito conhecida no Brasil desde muito tempo. É uma herança cultural deixada pelos índios e pelos negros e continua se fazendo presente em nossas vidas até os dias atuais. Essa arte vem passando de geração para geração, de mãe para filho e de avó para neto.

O barro que as louceiras utilizam para fazer panelas, copos, travessas, pãoeiras e outros é chamado de barro de louça, conhecido também como argila. Esses objetos feitos do barro têm o seu valor não somente pelo dinheiro que as louceiras lucram com a venda deles, mas porque a comida fica muito mais saborosa cozinhadas nas panelas de barro e também a água armazenada em potes tem outro sabor.

Trabalhar com essa arte é um processo demorado e delicado, desde a coleta do barro até o produto final dos objetos, as louceiras seguem várias etapas: primeiramente o barro é colocado de molho e posto para descanso durante algum tempo e em seguida é amassado até que ele fique uma consistência adequada para a modelagem dos objetos. Depois de modelados eles passam por etapas de acabamentos como serem lixados e alisados e por fim, vão para o forno para serem queimados e estão prontos para serem levados até a feira e serem vendidos.

Hoje em dia essa arte está ficando desvalorizada, pois poucas pessoas fazem uso dela em suas atividades diárias. Antigamente, principalmente, na zona rural quase todas as pessoas utilizavam os utensílios de cozinha o que já não acontece atualmente.

D.F.S.



A arte de Dona Raimunda

A arte do barro sempre esteve presente em nossas vidas desde muito tempo, começando pelos índios que já utilizavam abjetos feitos de barro em suas atividades do dia adia. Os negros também passaram a cultivar essa arte e essa herança cultural ainda se faz presente em algumas regiões do Brasil.

No Rio grande do Norte, nas comunidades do sítio Comum e do Sítio Vieira localizados entre as cidades São Miguel e Coronel algumas mulheres a quem chamamos de louceiras ainda cultivam essa arte. Dona Raimunda, uma das louceiras dessas comunidades, diz que aprendeu essa arte com a sua mãe que também aprendeu com outras pessoas. Ela relata que quando sua mãe faleceu ficou seguindo essa profissão, mas sofria muito para trabalhar porque ela tinha sete filhos para dá de comer e o sustento de sua família saía do barro, ou seja, dos objetos que ela fazia com o barro.

Segundo dona Raimunda, esse trabalho era muito demorado e dispendioso, pois para conseguir o barro apropriado, às vezes tinha que andar muito e quando conseguia, com o auxílio de um jumento e um jogo de caçua, trazia o barro até sua casa, colocava de molho por algum tempo até que ele amolecasse, só depois começava o processo de modelagem e a cada dia fazia um processo diferente até chegar ao produto final. Mas Dona Raimunda não fazia tudo sozinha, ela contava com a ajuda de suas filhas que quando cresceram também foram aprendendo a arte e foram seguindo a profissão.

Depois dos objetos prontos, Dona Raimunda lavava-os para a feira de São Miguel para vendê-los e quando não vendia todos os produtos ela os levava para casa e muitas vezes as pessoas iam até lá para comprá-los.

Dona Raimunda disse que sustentou toda a sua família com essa arte e que durante toda a sua vida viveu disso e hoje apesar de já está aposentada e não necessitar mais trabalhar, ainda continua fazendo essa arte porque gosta de fazer o que faz.

R.A.S.



O barro: fonte de renda e de prazer

A arte de fazer panelas e outros utensílios de barro é uma cultura herdada pelos índios e pelos negros e ainda prevalece na vida de algumas pessoas nos dias atuais. As mulheres do Sítio Comum e dos Vieiras que trabalham com o barro relataram que elas começaram a fazer esse trabalho com as louças quando eram crianças e daí por diante começaram a passar essa arte de mãe para filhos e assim ela permanece até hoje.

Nos dias atuais não é comum ver muitas mulheres dando continuidade a esses fazer artístico, pois as mais antigas pararam de trabalhar por conta da velhice ou por problemas de saúde e as gerações mais novas já não se interessam tanto em aprender o artesanato do barro.

Antigamente as louceiras faziam as louças e vendiam na feira de São Miguel ou trocavam por outros alimentos nos sítios por onde andavam. Era comum as pessoas da região darem notícias da algazarra das louceiras nas madrugadas quando elas iam para feira. Dona Raimunda, uma famosa louceira do Sítio Comum que ainda trabalha com esse artesanato, diz que ainda consegue vender bastante seus objetos de barro, mas tanto quanto antes, pois com os avanços tecnológicos os utensílios do barro foram substituídos por outros mais modernos. Ela relata ainda que continua fazendo essa arte porque gosta do que faz e o faz por prazer e não por sobrevivência como antigamente.

M.I.C.

T12

A arte do sucesso

As artes das louças feita do barro vem de muitos anos que os povos mais velhos faziam. Hoje em dia é mais difícil ver essas obras mais ainda se ver em alguns lugares da nossa região. É uma arte muito bonita que até hoje não acabou e não é fácil de fazer. Esse trabalho é um serviço complicado e que exige paciência, mas muito interessante. É um trabalho de paciência e pesado, mas é um trabalho de arte. Essa arte foi do tempo que os povos mais velhos faziam esses serviços porque tinham necessidade para sua sobrevivência e começaram a ensiná-los aos mais novos e assim foi passando de geração para geração.

No lugar onde eu moro, no sitio vieira algumas mulheres ainda continuam cultivando essa arte. Muitas delas dizem que foram criadas com o barro e que também sustentaram suas famílias com o trabalho fruto do barro. Elas dizem que trabalham com essa arte desde criança e que têm orgulho do que fazem.

É uma pena ve que essa arte está se acabando aos poucos, pois os mais novos já não têm tanto interesse em dá continuidade a essa arte que é tão bela e tão importante para manter viva parte da cultura do nosso povo.

F.A.C.F.

T13

As comidas com o sabor do barro

A senhora D. Raimunda diz que tem orgulho de ter se criado com o barro e dele ter criado também todos os seus filhos e que sua vida sempre foi assim. Naquela época ela ajudava a sua mãe com o fazer das louças e apenas olhando sua mãe fazer as panelas, os pote, os copos, etc. também aprendeu essa arte. Ela nos disse que o passo a passo do artesanato do barro é lento e demorado. Primeiro deve pilar, peneirar, deixar o barro de molho para depois dele mole e amassado poder modelá-lo após disso os objetos passaram pelo processo de acabamentos e são levados até o forno para serem queimados.

Depois de prontos os objetos eram levados para a feira onde eram vendidos ou muitas vezes trocados por galinha, porco, peru, rapadura e outros alimentos as louceiras daquela época dependiam do artesanato do barro para tirarem o seu sustento e o de suas famílias.

Atualmente D. Raimunda assim como outras louceiras do Comum e dos Vieiras ainda continuam fazendo essa arte porque gostam de fazer o que fazem. Apesar da idade avançada e de alguns problemas de saúde ela diz que gostaria muito de passar seus conhecimentos sobre a arte do barro para os mais jovens assim como ensinou para seus filhos, mas acha que essa arte está se perdendo no tempo pois suas netas que representam a geração mais nova não se teriam a continuidade a essa tradição. Poucos desses jovens conhecem o sabor de uma comida feita de uma panela de barro e cozinhada em um fogão a lenha, também não sabem como é bom beber água armazenada no pote de barro.

D.O.L.

APÊNDICE C - IMAGENS DE ALGUNS MOMENTOS DA INTERVENÇÃO

Foto 1: Assistindo documentário sobre a arte do barro



Fonte: da própria autora.

Foto 2: Roda de conversa de experiências sobre a arte do barro



Fonte: da própria autora.

Foto 3: Primeira versão da produção textual



Fonte: da própria autora.

Foto 4: Alguns objetos decorativos feitos por D. maria Célia



Fonte: da própria autora.

Foto 5: Objetos em fase de construção feitos por D. Raimunda



Fonte: da própria autora.

Foto 6: Forno utilizado para queima das loiças



Fonte: da própria autora.

Foto 7: Professor Dr. Gilton Sampaio



Fonte: Fotos de Franskin Leite e Gilton Sampaio (Circuito das Serras Potiguaras)

Foto 8: D. Raimunda (loiceira da Comunidade Quilombola do Comum)



Fonte: Fotos de Franskin Leite e Gilton Sampaio (Circuito das Serras Potiguaras)

Foto 9: Baobá (árvore símbolo da resistência africana)



Fonte: Fotos de Franskin Leite e Gilton Sampaio (Circuito das Serras Potigueres)

